



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS DE ERECHIM

CURSO DE GEOGRAFIA-LICENCIATURA

NATIELE PATRICIA SCHMIDEL

A Geografia nos seus olhos: impactos da UHE Itá nas paisagens dos moradores da Linha Rio Branco, Mariano Moro-RS

ERECHIM- RIO GRANDE DO SUL,

JULHO, 2017

NATIELE PATRICIA SCHMIDEL

A Geografia nos seus olhos: impactos da UHE Itá nas paisagens dos moradores da Linha Rio Branco, Mariano Moro-RS

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador Profa. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo.
Co-orientador Prof. Dr. Reginaldo José de Souza.

**ERECHIM
2017**

Schmidel, Natiele Patricia

A Geografia nos seus olhos: Impactos da UHE Itá nas paisagens dos moradores da Linha Rio Branco, Mariano Moro-RS/ Natiele Patricia Schmidel. – 2017.

107 f. :il.

Orientadora: Paula Vanessa de Faria Lindo.

Co-orientador: Reginaldo José de Souza.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Geografia , Erechim, RS, 2017.

1. Geografia. 2. Paisagem. 3. Percepção. 4. Questão Ambiental. 5. Relação sociedade-natureza. I. Lindo, Paula Vanessa de Faria, oriente. II. Souza, Reginaldo José de, co-orient. III Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

Fonte: sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS por meio dos dados fornecidos pela autora.

NATIELE PATRICIA SCHMIDEL

A Geografia nos seus olhos: impactos da UHE Itá nas paisagens dos moradores da Linha Rio Branco, Mariano Moro-RS

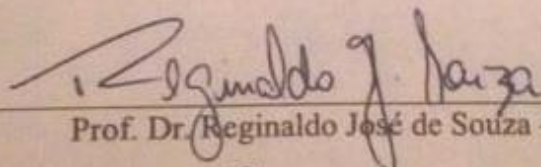
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciada em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Erechim.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo

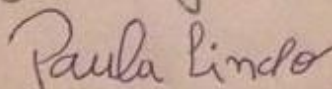
Co-orientador: Prof. Dr. Reginaldo José de Souza

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 26/06/2017

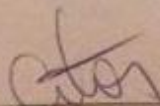
BANCA EXAMINADORA



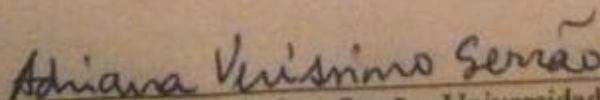
Prof. Dr. Reginaldo José de Souza - UFFS



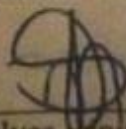
Prof. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo - UFFS



Prof. Dr. Éverton de Moraes Kozenieski - UFFS



Prof. Dra. Adriana Veríssimo Serrão - Universidade de Lisboa



Prof. Me. Márcia Alves - Universidade Federal do Paraná

Dedico este trabalho especialmente à
inspiração da minha vida, minha mãe,
Nercilde Cambri Schmidel (*in memoriam*),
pois, onde quer que esteja sei que jamais
me abandonou e não me deixou desistir
durante essa longa caminhada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me guiado até aqui e ter me permitido superar todos os momentos difíceis da graduação, e da vida!

A minha mãe, por que mesmo não estando mais entre nós, pude sentir sua presença em todos os momentos vivenciados na faculdade. Obrigada por tudo minha rainha! Um dia vamos nos reencontrar...

Ao meu querido pai, por tantas vezes ter sido compreensível, me apoiado, ajudado estando sempre ao meu lado quando precisei, me incentivando em todas as minhas decisões. Obrigada por todo o carinho que tens comigo meu pai!

A minha tia Vera Lúcia Rischter, que se tornou minha segunda mãe, por ter me incentivado todos os dias, por me ouvir e me apoiar em minhas escolhas e por estar sempre ao meu lado.

A todos os professores, principalmente os do curso de Geografia da UFFS Erechim pelos inúmeros ensinamentos e por toda a dedicação durante a graduação.

Ao meu querido orientador e amigo Reginaldo José de Souza, por ter confiado em mim, por todos os ensinamentos, por ter dedicado o seu tempo inúmeras vezes para me ouvir, me ensinar, me orientar em qualquer hora do dia, pela paciência... E principalmente por todo o incentivo prestado nos momentos mais difíceis. Meu muito obrigado! Serei eternamente grata por tudo o que fez por mim! És meu orgulho!

A minha professora, amiga, parceira e confidente Paula Vanessa de Faria Lindo, por todas as vezes que ajudou a cessar minhas lágrimas durante a graduação. Por estar sempre confiando em mim e me incentivando para o futuro!

Ao meu querido amigo e colega Dayvid Carlos Ferreira da Silva por todo o apoio prestado no decorrer dos longos e tortuosos semestres, quando tudo parecia tão difícil. Juntos vencemos! E agora, que venha nosso mestrado meu querido!

Aos meus colegas da turma, por todos os momentos maravilhosos que passamos juntos: viagens de campo, jantares da turma, festas e por todos os copos de chopp tomados após a aula! Também, por aprender a cada dia com todos vocês, só tenho uma coisa a dizer: sentirei saudades meus queridos!

Aos professores que fizeram parte da banca, Adriana Serrão, Márcia Alves e Everton Kozenieski por terem aceitado o convite de serem avaliadores do meu trabalho e por cada uma das considerações prestadas, que com toda a certeza não foram eficazes somente para este trabalho, mas sim, para minha vida!

Aos meus afilhados Rafael Malacarne e Luana Cambri por todos os abraços e sorrisos quando a Dinda não estava bem. Vocês são meus anjos, amo vocês!

Enfim, agradeço a todos os meus amigos, colegas, familiares que de uma forma ou outra estiveram ao meu lado me incentivando em jamais desistir dos meus sonhos e me apoiando na realização deste trabalho.

“A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso”. (Eric Dardel)

RESUMO

Este trabalho está voltado para a análise de uma das facetas da relação sociedade natureza que se apresenta na construção e implantação de empreendimentos hidrelétricos. O enfoque será o levantamento de depoimentos dos moradores da comunidade Rio Branco, município de Mariano Moro, Rio Grande do Sul, a fim de interpretar, na percepção dos mesmos, as mudanças ocorridas por conta da UHE Itá. Há necessidade de se entender as transformações da paisagem na via da percepção ambiental das pessoas que foram diretamente afetadas com a construção da mesma. No caso deste trabalho, com o recorte da Linha Rio Branco, busquei o entendimento da aplicação do conceito de paisagem como indicadora de transformações socionaturais, motivadas pela instalação do empreendimento e todo seu conjunto de equipamentos na referida área de estudo. Assim sendo, para a Geografia, “É preciso frisar bem que não se trata somente da paisagem “natural”, mas, da paisagem total integrando todas as implicações da ação antrópica” (BERTRAND, p.141, 2004). A pesquisa justifica-se por essa temática ser interessante na ciência geográfica na medida em que valoriza o estudo da paisagem numa perspectiva híbrida entre a natureza e a cultura. A metodologia deste trabalho constituiu-se de levantamentos bibliográficos da referida temática, trabalhos de campo na linha Rio Branco a fim de obter registros fotográficos e informações sobre a comunidade, bem como, entrevistas com os moradores que tiveram seus lugares afetados pelo lago da UHE Itá, transcrição das entrevistas seguida de análise das mesmas com relação a percepção dos moradores referente as transformações ocasionadas pela barragem nos seus lugares e suas paisagens. Por fim, concluo que apesar de muitos moradores apreciarem a “paisagem bonita” que a presença do lago gerou na comunidade, todos eles sentem falta de como era o Rio Branco antes do ano de 2000. Todos eles sentem saudades dos vizinhos e amigos. Por meio das memórias dos moradores referentes aos seus lugares na antiga comunidade, foi possível uma percepção do sentimento de apego que se faz presente nos mesmos, o que resultou na finalização deste trabalho.

Palavras-chave: Geografia. Paisagem. Percepção. Questão ambiental. Relação sociedade-natureza.

ABSTRACT

This work is aimed at the analysis of one of the facets of the relation nature society that presents itself in the construction and implantation of hydroelectric projects. The focus will be the testimony of the residents of the Rio Branco community, municipality of Mariano Moro, Rio Grande do Sul, in order to interpret, in their perception, the changes that occurred due to UHE Itá. It is necessary to understand the transformations of the landscape in the way of the environmental perception of the people who were directly affected with the construction of the same one. In the case of this work, with the cut of the Rio Branco Line, I sought the understanding of the application of the concept of landscape as an indicator of social transformations, motivated by the installation of the project and all of its equipment in that area of study. Thus, for Geography, "It is necessary to emphasize that it is not only the" natural "landscape, but of the total landscape integrating all the implications of anthropic action" (BERTRAND, p.141, 2004). The research is justified by this theme being interesting in geographic science in that it values the study of the landscape in a hybrid perspective between nature and culture. The methodology of this work consisted of bibliographical surveys of this theme, fieldwork on the Rio Branco line in order to obtain photographic records and information about the community, as well as interviews with the residents who had their places affected by the lake of UHE Itá , Transcription of interviews followed by analysis of the same with respect to the perception of the residents regarding the transformations caused by the dam in their places and their landscapes. Finally, I conclude that although many residents appreciate the "beautiful landscape" that the presence of the lake generated in the community, they all miss what the Rio Branco was like before the year of 2000. They all miss their neighbors and friends. Through the memories of the residents concerning their places in the old community, it was possible to perceive the feeling of attachment that is present in them, which resulted in the completion of this work.

Keywords: Geography. Landscape. Perception. Environmental issue. Relationship society-nature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Gráfico da população de Mariano Moro

Figura 2- Mapa de localização dos municípios que foram afetados pela UHE Itá

Figura 3- Mapa de localização da área de estudo

Figura 4- Esquema dos principais conceitos geográficos

Figura 5- Esquema de funcionamento do Geossistema

Figura 6- Representação do sistema GTP

Quadro 1- Roteiro das entrevistas

Quadro 2- Respostas da questão 1 da entrevista

Quadro 3- Respostas da questão 2 da entrevista

Quadro 4- Respostas da questão 3 da entrevista

Quadro 5- Respostas da questão 4 da entrevista

Quadro 6- Respostas da questão 5 da entrevista

Quadro 7- Respostas da questão 6 da entrevista

Quadro 8- Respostas da questão 7 da entrevista

Quadro 9- Respostas da questão 8 da entrevista

Quadro 10- Respostas da questão 9 da entrevista

Quadro 11- Respostas da questão 10 da entrevista

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Momento de realização das entrevistas

Fotografia 2- Antiga cidade de Itá-SC

Fotografia 3- Torres da antiga Igreja de Itá-SC

Fotografia 4- Campo da Baixada antes da chegada do lago

Fotografia 5- Localização do antigo campo da Baixada

Fotografia 6- Ilha na região da antiga comunidade de Rio Branco

Fotografia 7- Momento de realização das entrevistas

Fotografia 8- Momento de realização das entrevistas

Fotografia 9- Antiga Igreja de Rio Branco

Fotografia 10- Antiga Igreja de Rio Branco

Fotografia 11- Última missa realizada na antiga comunidade antes da chegada do lago

Fotografia 12- Encontro do grupo de jovens na antiga comunidade

Fotografia 13- Acervo fotográfico de Rio Branco

LISTA DE SIGLAS

EIA Estudo de Impacto Ambiental

ELETROSUL Centrais Elétricas do Sul

GERASUL Centrais Geradoras do Sul do Brasil S.A.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAB Movimento dos Atingidos por Barragens

RIMA Relatório de Impacto Ambiental

UHE Usina Hidrelétrica

UHE Itá Usina Hidrelétrica Itá

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA DA PESQUISA	18
2.1 NOTAS INTRODUTÓRIAS	18
2.2 IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS UHES NA GEOGRAFIA.....	18
2.3 IMPACTOS AMBIENTAIS OCACIONADOS PELAS UHES	19
2.4 UHE DE ITÁ-SC	26
2.5 LINHA RIO BRANCO, MUNICÍPIO DE MARIANO MORO-RS.....	28
2.6 BREVES CONSIDERAÇÕES	31
3 PARA QUE A PAISAGEM?	33
3.1 NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	33
3.2 A IMPORTÂNCIA DA PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA.....	33
3.3 GEOSSISTEMA E TERRITÓRIO PARA ENTENDER A PAISAGEM.....	43
3.4 BREVES CONSIDERAÇÕES	50
4 A GEOGRAFIA NOS SEUS OLHOS – IMPACTOS DA UHE NAS PAISAGENS DOS MORADORES DA LINHA RIO BRANCO.....	51
4.1 NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	51
4.2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	51
4.3 TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM POR MEIO DA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE RIO BRANCO.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

O meio ambiente quando analisado por qualquer esfera do conhecimento científico é um assunto bastante complexo. Para nós, geógrafos, essa complexidade se eleva ainda mais, o que explica isso é o objeto de estudo de que nossa ciência se apropria: a relação da sociedade com a natureza.

Este trabalho está voltado para a análise de uma das facetas da relação sociedade natureza que se apresenta na construção e implantação de empreendimentos hidrelétricos. O enfoque será o levantamento de depoimentos dos moradores da comunidade Rio Branco, município de Mariano Moro, Rio Grande do Sul, a fim de interpretar, na percepção dos mesmos, as mudanças ocorridas por conta da UHE Itá.

É importante destacar que as transformações vindas da instalação de uma UHE são ocasionadas de modo forçado pela ação do homem num determinado ambiente, sendo assim, há necessidade de se entender as transformações da paisagem na via da percepção ambiental das pessoas que foram diretamente afetadas com a construção da mesma.

No caso deste trabalho, com o recorte da Linha Rio Branco, busquei o entendimento da aplicação do conceito de paisagem como indicadora de transformações socioambientais¹, motivadas pela instalação do empreendimento e todo seu conjunto de equipamentos na referida área de estudo. Afinal, referente a esta pesquisa, alguns questionamentos me inquietavam: a paisagem é uma categoria geográfica que permite compreender os impactos socioambientais através da perspectiva dos moradores que tiveram suas propriedades atingidas pelo enchimento do lago da UHE? É possível adentrar nas percepções ambientais destes moradores a partir dos seus olhares para as suas paisagens?

As questões de identidade e pertencimento ao lugar são interessantes aos estudos geográficos, na medida em que demonstram as diferentes maneiras através das quais as pessoas se relacionam com seu espaço, observam e interpretam as suas paisagens.

¹ Em todo este trabalho, utilizei a perspectiva socioambiental de Mendonça (2002), o qual define a mesma como sendo [...] um estudo elaborado em conformidade com a *geografia socioambiental* deve emanar de problemáticas em que situações conflituosas, decorrentes da interação entre sociedade e natureza, explicitem degradação de uma ou de ambas. A diversidade das problemáticas é que vai demandar um enfoque mais centrado na dimensão natural ou na dimensão social, atentando sempre para o fato de que a meta principal de tais estudos e ações é a busca de soluções do problema, e que este deverá ser abordado a partir da interação entre estas duas componentes da realidade. (MENDONÇA, 2002, p.134)

Ademais, os impactos nos elementos físicos da paisagem também podem aparecer como impactos nos elementos identitários.

Desta maneira, esta temática é interessante na ciência geográfica na medida em que valoriza o estudo da paisagem numa perspectiva híbrida entre a natureza e a cultura. O estudo da percepção das transformações ocasionadas por um empreendimento nesta região pode servir como um referencial sobre dinâmicas e processos que ainda não foram analisados na perspectiva geográfica no recorte proposto. A seguir serão apresentados os procedimentos metodológicos.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho esteve voltada à necessidade de se integrar pesquisas bibliográficas referentes aos assuntos abordados no decorrer da pesquisa, com trabalhos de campo e entrevistas aos moradores de Rio Branco, que tiveram total ou parcialmente suas propriedades atingidas pelo lago da UHE. Desta forma, primeiramente foi feito um primeiro trabalho de campo, no dia 7 de setembro de 2016, para definição da delimitação da área de estudo, onde verifiquei que a Linha Rio Branco foi a comunidade de Mariano Moro mais atingida pelo lago, sendo que, conforme relatos de moradores, atualmente a mesma conta com cerca de 45 famílias que vivem às margens do lago formado com a instalação do empreendimento hidrelétrico entre os municípios de Itá-SC e Aratiba-RS. Antes do ano 2000, conforme relatos dos próprios moradores, este número girava em torno de 70 famílias. A chegada do empreendimento, portanto, motivou a saída de um significativo número de pessoas de seu espaço cotidiano.

A partir disso, iniciei os levantamentos bibliográficos que cobriram os seguintes temas: Análise da paisagem; percepção ambiental; usinas hidrelétricas; usina hidrelétrica de Itá; e de que forma o geossistema e o território poderiam me auxiliar no entendimento das transformações da paisagem. Ao passo em que fiz esse levantamento de material bibliográfico, o qual me auxiliou no processo de elaboração da pesquisa, montei um roteiro de entrevistas para serem feitas com os moradores. O questionário contou com 10 questões com diferentes objetivos, porém, todos voltados à compreensão de como é a percepção dos moradores em relação aos seus lugares e suas paisagens (Quadro 1). Durante as entrevistas, utilizei duas imagens de satélite, retiradas do Google Earth, do recorte espacial da área de estudo, uma do ano de 1998 (sem a presença do

lago) e outra de 2015 (já com o lago estabelecido), a fim de perceber como os moradores analisam as transformações da paisagem por meio dessas imagens (fotografia 1). Foram selecionados 10 moradores que, necessariamente, ainda permanecem na comunidade.



Fotografia 1: Momento da realização das entrevistas juntamente com a Sra. NS. Nesse registro é o instante em que mostro as duas imagens de satélite para a moradora, a fim de iniciar o diálogo sobre suas interpretações acerca das mudanças causadas pela UHE. Fonte: SCHMIDEL, N. P., 2017

Por meio dos trabalhos de campo realizados nos dias 15 e 29 de abril de 2017, realizei as entrevistas com os moradores, bem como, fiz a seleção de fotografias antigas que os entrevistados possuíam, além de ir até o resgate histórico da antiga comunidade antes da vinda do lago, localizado no salão comunitário, onde tem um mural com inúmeras imagens do Rio Branco antes de 1998. Também fiz registros fotográficos da comunidade, do lago, das casas, enfim, das transformações observadas.

Ao final, realizei a transcrição das entrevistas e, por meio do auxílio das bibliografias, redigi as análises de cada uma das questões conforme as respostas adquiridas dos moradores. Feitas estas considerações, passo para o primeiro capítulo de contextualização do tema da pesquisa.

Questões	Intenções
1. Identificação Nome: Idade: Estado Civil:	Perfil do entrevistado
2. Você gosta deste lugar? Por que?	Busca da relação afetiva do entrevistado com seu lugar/paisagem
3. Há quanto tempo reside aqui? Já pensou em morar em outro local? Por que? Mostrei duas imagens da linha Rio Branco, retiradas do Google Earth, uma do ano de 1998, quando ainda não tinha a presença do lago da UHE e a outra do ano de 2015, já com a presença do lago. Seguidamente, fiz o seguinte questionamento: Ao olhar essas duas imagens, lado a lado, qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça?	Analisar o apego do entrevistado com seu lugar/paisagem
4. Como era esse lugar no passado, antes do enchimento do lago? E em sua opinião, quais foram as principais mudanças?	Observar como o entrevistado interpretou e interpreta as mudanças ocorridas em função do empreendimento.
5. Quando você pensa nesse lugar antes da UHE, qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça? E nos dias de hoje, isso mudou ou continua a mesma imagem?	Analisar a relação paisagem-memória
6. Com base no que você vê aqui hoje, de que forma você pensa o futuro deste lugar?	Analisar o modo como o entrevistado pensa no futuro do lugar através da interpretação da atual, ou das atuais, paisagens. (Relação paisagem-prospecção)
7. O que mudou na sua vida depois da implantação da UHE? Essas mudanças foram positivas ou negativas?	Entender a relação transformação paisagística-transformação da vida, do cotidiano do entrevistado.
8. Qual imagem você levaria deste lugar em caso de uma mudança amanhã? Por que esta imagem?	Busca pelo apego do entrevistado ao lugar/paisagem através de imagens. Será solicitado alguma referência para que seja fotografada. (a câmera fotográfica ficará nas mãos do entrevistado)
9. Quais fotografias você enviaria a um parente ou amigo que está distante para que ele conheça o lugar onde vive?	Analisar a relação entre paisagem e identidade.
10. Quais paisagens você acha que deveriam ser fotografadas por que daqui um tempo não existirão mais? Por que, na sua opinião, essas paisagens deixarão de existir?	Analisar como o entrevistado interpreta as possíveis transformações da paisagem.

Quadro 1: Roteiro de entrevistas utilizado com os moradores da comunidade da linha Rio Branco, Mariano Moro-RS. Fonte: SOUZA, R. J. de; SCHMIDEL, N. P.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA DA PESQUISA

2.1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

Compreender a dinâmica da área de estudo dando ênfase ao conjunto de transformações que ocorrem no espaço, por meio da implementação de uma UHE, torna-se fundamental para a pesquisa. Assim, neste capítulo, será feita a contextualização da problemática de pesquisa do município de Mariano Moro-RS, dando destaque para a comunidade da Linha Rio Branco. Por se tratar de um ponto fundamental da problemática da pesquisa, será apresentada uma discussão sobre UHEs e seus impactos não somente socioambientais, mas, inclusive, na vida de inúmeras famílias.

2.2 IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS UHES NA GEOGRAFIA

Inicialmente parto do pressuposto de que é preciso considerar os processos que se encontram envolvidos na construção da UHE, bem como contextualizar as ações não somente benéficas do empreendimento, mas, também, os pontos negativos que existem: áreas inundadas, relocação de pessoas, supressão de espécies nativas, entre outros. Dentre esses pontos negativos, dou especial atenção à relocação de pessoas, visto que não se trata apenas de retirar gente de um lado para outro, mas, sim, histórias de vida, relações de apego e de identidade com paisagens e lugares que foram construídos ao longo de toda uma vida.

Desse modo, se faz necessário o entendimento da importância dos empreendimentos hidrelétricos na transformação do espaço geográfico, lugares e paisagens. Não podemos ignorar o tamanho dos estragos que as UHEs podem causar, mesmo que de alguma forma tragam algum benefício, no caso, a produção de eletricidade que, nos dias de hoje, é parte do nosso cotidiano.

É importante destacar que as transformações vindas da instalação de uma UHE são ocasionadas de modo forçado² pela ação antrópica num determinado ambiente. Por outro lado, há o beneficiamento por parte de uma população que terá acesso à energia elétrica. Então, fica muito claro que há uma grande contradição que vem junto com

² “Forçado”, aqui utilizado, porque diz respeito à pressão que a obra de grande engenharia exerce nas dinâmicas naturais do rio, das margens, da vegetação, da fauna e, claro, no cotidiano das pessoas que são afetadas.

esses empreendimentos. Essa contradição se dá pelo fato de que os interesses econômicos se sobrepõem aos interesses sociais ou qualquer ideia de melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Nos dias de hoje não somos capazes de viver sem a energia elétrica, mas, o problema é que a produção desse tipo de energia está diretamente ligada aos interesses de grupos específicos que visam lucrar cada vez mais com a exploração dos recursos da natureza.

O que exemplifica isso são as instituições e empresas tanto nacionais como multinacionais que se beneficiam com a implantação de uma UHE. O estrago ocasionado no meio ambiente é muitas vezes camuflado por ações ditas de “preservação ambiental”, de “desenvolvimento sustentável” ou de “salvaguarda do patrimônio natural e histórico das áreas afetadas”, elaboradas pela própria UHE.

Também saliento que as UHEs são obras que possuem uma série de questões bastante interessantes e de elevada importância para a análise geográfica, pois, tratam-se de empreendimentos que “[...] traz grandes e inúmeros transtornos e alterações, tanto para o ambiente físico e biológico, quanto para o ambiente sócio-econômico.” (OLIVEIRA, p.36, 2004). Assim, tratando-se de mudanças complexas no espaço, é importante que analisemos estas com o olhar atento ao

[...] modo pelo qual as dinâmicas socioambientais se materializaram na paisagem-território e se prestam, nos dias de hoje, como indicadores dos processos históricos e atuais da evolução (construção, desconstrução e reconstrução) da paisagem. (SOUZA, p. 17, 2009)

2.3 IMPACTOS AMBIENTAIS OCASIONADOS PELAS UHES

Por trás da implantação de uma UHE, os estragos ocasionados no espaço geográfico são bastante complexos. A produção de energia elétrica traz à tona uma série de questões, principalmente de cunho ambiental, que vão muito além do benefício da parte da população que usufrui de tal energia.

Esses empreendimentos interferem na dinâmica da natureza na medida em que mudam substancialmente as características dos elementos naturais na escala local e regional, acelerando ou diminuindo o ritmo de certas transformações que ocorrem no entorno, destruindo grandes espaços de mata nativa, onde sucessivamente são afetadas inúmeras espécies animais presentes ali.

Além do mais, as UHEs praticamente acabam com os espaços de vida de centenas de famílias que residem na área que será atingida pelas estruturas da usina em si, bem como pelo lago. Muitas famílias vivem em determinados locais há anos, onde a terra foi herdada de seus antepassados, desde muitas gerações. Na medida em que se decide pela implementação de uma usina, a área atingida pelo lago é totalmente “esvaziada” e famílias inteiras são obrigadas a deixar suas casas, seu espaço, onde se encontra toda a sua história de vida. São marcas de um tempo que serão apagadas, escondidas e destruídas em questão de dias, no máximo, meses.

Sabe-se que “[...] quando as forças das dinâmicas da sociedade causam danos ao longo processo de criação de determinados aspectos físicos, então se configura um impacto ambiental” (QUADROS, p.18, 2016). Desta forma, os problemas socioambientais começam a se fazer presentes antes mesmo que a obra comece a ser construída.

A partir do momento em que uma barragem é anunciada, a população residente na futura área do reservatório começa a sofrer com a interrupção de investimentos públicos e privados. O preço dos imóveis começa a cair. Os bancos param de emprestar dinheiro. Novas escolas e hospitais deixam de ser construídos. Serviços e comodidades existentes podem ser interrompidos ou fechados muito tempo antes de a população ser transferida. (VIANA; p. 47, 2003)

As barragens afetam não somente o meio ambiente local, mas sim grandes porções de territórios em seu entorno. Todos os impactos (sociais, econômicos, culturais) “[...] decorrentes da construção de barragens não se limitam à área onde o projeto se desenvolve. Na realidade, eles podem se estender por centenas de quilômetros para além do confinamento dos canais do rio.” (VIANA, p.43, 2003)

A dinâmica econômica, social e cultural da população que vive à sua margem é totalmente alterada. Um dos principais efeitos negativos de tais empreendimentos está voltado ao “[...] deslocamento maciço e compulsório de grandes contingentes populacionais, que devem abandonar as terras onde se instalarão o reservatório e o canteiro de obras, produz multidões de desempregados.” (VAINER; ARAÚJO, p.35, 1992).

O pessoal que precisa abandonar suas casas, conseqüentemente, deixará para trás também o trabalho que ali exercia. No contexto da pequena cidade Mariano Moro-RS o lago da UHE de Itá-SC atingiu apenas comunidades rurais do município, o que ocasionou a saída de inúmeros agricultores de suas terras.

Dados do IBGE (gráfico 1) de 1991, período em que não havia a UHE, e 2010 após a implementação da mesma, podem nos revelar parte desta constatação. Esses dados mostram um aumento de 26,5% na população urbana de 1991 à 2010 e uma diminuição de 50,8% da população rural, no mesmo período. Pode-se presumir que parte da população rural, que diminuiu de 1991 para 2010, foi para o espaço urbano, e outra saiu do município. Isso é possível verificar na fala dos entrevistados.

“[...] os vizinho que nós tinha, quantos vizinho que se tinha, agora não se tem mais.” (Sr. ES, 46 anos)

“[...] principal mudança foi essa de... de tá em menos gente pra conviver né! Vizinhança.” (Sra. NB, 52 anos)

“[...] tu levantava, olhava pra baixo já tu tinha três, quatro vizinho que enxergava, hoje tu vê a paisagem da água né! (Sr. VS, 68 anos)

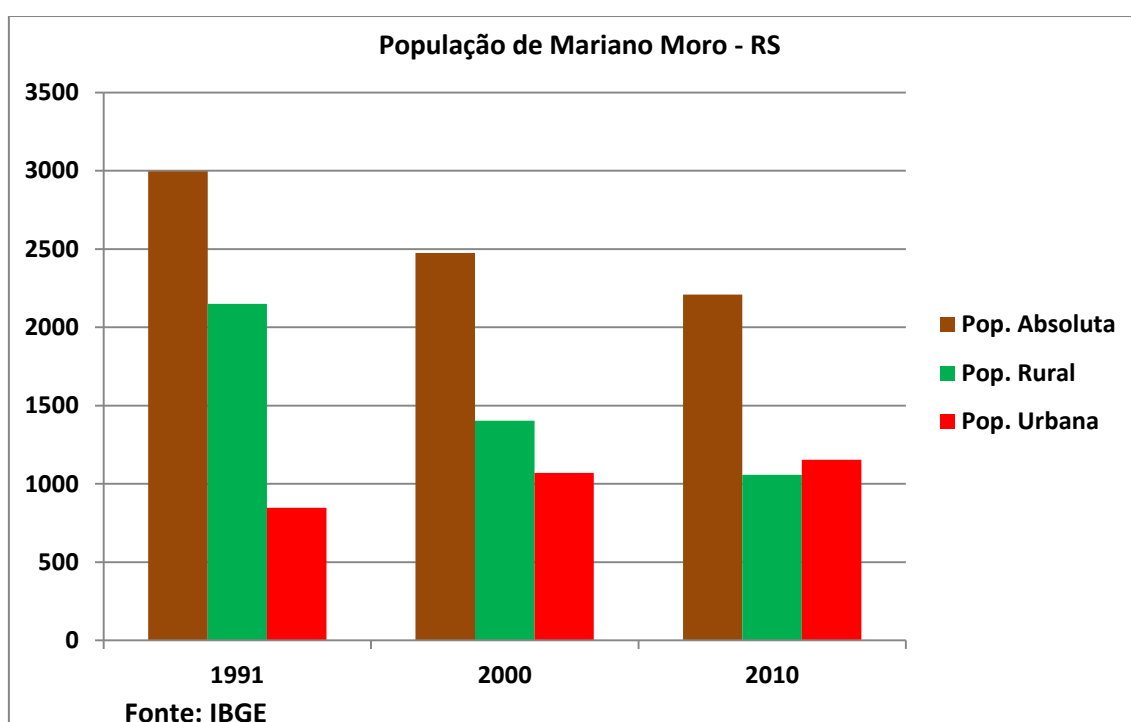


Figura 1: Gráfico da população do município de Mariano Moro, RS. Fonte: IBGE – Censos Demográficos 1991, 2000 e 2010 *apud* MUELLER, V. R. 2016.

Boa parte desta população optou por (re)iniciar sua vida no espaço urbano marianense. Isso gerou grande procura de empregos na cidade, mas por ser um município com uma fraca dinâmica econômica, com uma população que não chega a 2.500 habitantes e grande parte sendo da área rural, vivendo da agricultura de subsistência, também o município não comporta um espaço industrial significativo,

possuindo pouquíssimas indústrias, fazendo com que muitos ficassem desempregados por falta de oferta de postos no mercado de trabalho.

Outra questão é que, geralmente, a maior parte da mão de obra desempregada com a instalação de UHEs é agricultora. A barragem praticamente “rouba” as “[...] terras dezenas de milhões de pessoas, sendo quase todas pobres, politicamente marginalizadas e boa parte de tribos indígenas e outras minorias étnicas.” (VIANA; p.33, 2003).³ Assim, essa parcela populacional não conta com nenhuma especialização a mais a não ser a lida no campo e as empresas geralmente contratam pessoas com experiência na respectiva área de atuação. Isso acarreta uma dificuldade maior dessas pessoas em conseguir um emprego.

Especificamente voltando o olhar para as empresas envolvidas nas obras de construção de uma UHE, as mesmas veem a região

[...] como um certo ambiente (da obra) que pode obstaculizar ou criar dificuldades para o empreendimento. A obra e a empresa são o sujeito e a região é o ambiente. Nesta inversão total, populações com suas atividades econômicas e modos de vida, fauna, flora, clima, geologia, tudo se confunde sob um olhar totalizante e homogeneizador. (VAINER, ARAÚJO; p.57, 1992)

Trata-se de uma consideração dos aspectos economia da região somente através da ótica da produção de energia. Grandes áreas, comunidades e, às vezes, cidades inteiras vão desaparecendo dia após dia. Com o passar do tempo tem-se o que Milton Santos (1997) chama de natureza artificial, tecnificada, resultado da “[...] autorreprodução do ser/seres na sua relação com o entorno.” (SUERTEGARAY, p.115, 2012).

Nesse sentido, Oliveira aponta que

[...] as usinas hidrelétricas com reservatórios – casos comuns no Brasil – impactam significativamente as áreas circunvizinhas, podendo cobrir cidades, locais de belezas naturais, culturais e arqueológicos, áreas cultivadas ou cultiváveis, depósitos de minerais, como também afetar a vida aquática e selvagem entre outros itens. (OLIVEIRA; p.34, 2004)

Toda a identidade dos locais atingidos pelos empreendimentos acaba por ser perdida. Os municípios que tiveram áreas cobertas pelas estruturas ou pelo lago da UHE deixam de ser referenciados através dos mesmos símbolos que antes eram usados para descrever/caracterizar os seus lugares. Quadros (2016) descreve o caso da Igreja da

³ Viana (2003) se refere ao cenário de impactos sociais que são causados de maneira geral por UHEs, incluindo todos os empreendimentos hidrelétricos e não somente o caso de Itá. No município de Mariano Moro, a população não chega aos 2.500 habitantes, ficando fora do contexto de “centenas de milhões”, conforme a citação. Utilizei esta colocação de Viana (2003) para demonstrar como a implantação de UHEs afeta principalmente a vida de populações de classe mais pobre, independente da localização da obra. A maior parcela populacional é de agricultores ou pequenos trabalhadores rurais.

cidade de Itá que fazia parte da velha cidade, mas, que mesmo com a relocação da cidade como um todo, as torres da igreja foram mantidas inteiras, tornando-se um símbolo do município, um ponto turístico respeitado por todos os moradores da cidade.

Essas torres nos remetem a questão dos anseios dos moradores da cidade, pois é só por causa do apelo que estes fizeram, que elas continuaram ali, como um marco da cidade velha, de um lugar que algum dia existiu. De acordo com as pessoas que foram entrevistadas, a maioria da população da “velha Itá” tinha o desejo de que as Torres não fossem destruídas, que ficassem intactas como uma lembrança da cidade em que moravam, para que pudessem ser vistas por filhos, netos e outras pessoas que visitassem a cidade. (QUADROS, p. 28, 2016)

A partir da conclusão da obra, os lugares passam por recaracterizações. Agora, por exemplo, Mariano Moro é um “lugar em que tem o lago da usina” e Itá é “cidade que foi destruída pela usina”.



Fotografia 2: Antiga cidade de Itá, que foi totalmente coberta pelo lago da UHE. No lado esquerdo da imagem está a igreja matriz, cujas torres foram preservadas. Fonte: Acervo Casa as Cultura de Itá. In: QUADROS, Daiane, 2016.



Fotografia 3: Torres da Igreja da antiga cidade de Itá, símbolo da nova cidade. Fonte: Daiane Quadros, 2015.

Aqui, destaco um ponto que talvez seja positivo do ponto de vista econômico para os lugares que ficaram à mercê das UHEs: o turismo. A partir do enchimento do lago, as terras localizadas próximas passam a ser mais valorizadas, principalmente pelo pessoal de grandes centros urbanos que vão à procura de um local para construir um pequeno imóvel em meio à “natureza” como forma de lazer e descanso para passar os feriados e finais de semana.

Por mais que, por um lado, isso ocasione um certo aquecimento econômico – principalmente nas altas temporadas-, eis que, por outro, destaca-se mais um problema no quesito socioambiental: a ocupação de áreas florestadas. Isso não se acarreta exclusivamente pelo turismo, mas também, pela população que teve suas terras submersas. Da mesma maneira que a área antes ocupada pela agricultura foi substituída pelo lago, as áreas de florestas, antes localizadas mais acima das áreas de cunho agrícola, foram devastadas pela ação do homem. Viana (2003) explica que, as

[...] áreas de cobertura vegetal próximas ao local da barragem também são destruídas pela ação de agricultores e madeireiros. No primeiro caso, os agricultores deslocados da área inundada acabam por desmatar áreas próximas ao reservatório para reconstruir suas casas e plantações. Já os madeireiros, se aproveitam do acesso facilitado pela abertura de novas estradas para desmatar regiões anteriormente de difícil acesso. (VIANA; p.23, 2003)

Destaco aqui, também, as transformações refletidas na paisagem. A mesma sofre profundas alterações em todos os seus aspectos (bióticos, abióticos e antrópicos), resultando em paisagens com “[...] características bastante adversas das anteriormente existentes. De tamanhos reduzidos ou não, em relação ao conjunto regional, estes “novos espaços geográficos”, apresentam tipos de exploração marcados por uma dinâmica particular.” (DIAS, p.164, 2003). Ainda nessa discussão, cabe enfatizar que as transformações ocorridas na paisagem resultantes da implementação de hidrelétricas, ocorrem por conta de as mesmas serem

[...] empreendimentos que consolidam o processo de apropriação de recursos naturais e humanos em determinados pontos do território, sob lógica estritamente econômica, respondendo a decisões e definições configuradas em espaços relacionais exógenos aos das populações/regiões das proximidades dos empreendimentos. (VAINER; ARAÚJO, p.34, 1992)

Enfim, os impactos socioambientais resultantes de UHEs estão ligados a um grande conjunto de fatores, dentre eles o descaso com a população que, de alguma forma, foi afetada pelo empreendimento e obrigatoriamente refazem sua vida de acordo com as condições que lhes é possível. Isso envolve,

[...] a população a montante e a jusante da barragem, os posseiros e as pessoas que não possuem o título de propriedade, as pessoas deslocadas por causa de outras partes do projeto (como por exemplo, as linhas de transmissão, a casa de máquina, etc), as famílias que perdem suas terras ou parte delas, mas que permanecem com suas casas, as populações residentes nas ilhas formadas pelo reservatório, as famílias que utilizam as terras comuns para pastagem do gado, colheita de frutos, vegetais e madeira, além daquelas que têm seu acesso obstruído em função da destruição e alagamento de estradas e vias de acesso a escolas, hospitais, comércios e etc. (VIANA; p.34-35, 2003)

Na realidade, no momento em que uma UHE é construída, “Novas regiões são criadas, antigas desaparecem.” (VAINER; ARAÚJO, p. 70, 1992). As atividades econômicas e o lugar de cada família que ocupam tal espaço se tornam empecilhos para a apropriação de uma nova atividade econômica voltada exclusivamente à geração de energia. No entanto, é sabido que frente a essa realidade, estamos rodeados de visões diferenciadas quanto ao uso e ocupação dos espaços, “Diante de um grande rio, um certo grupo indígena dirá: *quanto peixe!*; alguns lavradores dirão: *quanta terra fértil de várzea!*; os engenheiros e planejadores do setor elétrico exclamarão: *quanta energia elétrica!*.” (VAINER; ARAÚJO, p.76, 1992)

2.4 UHE DE ITÁ-SC

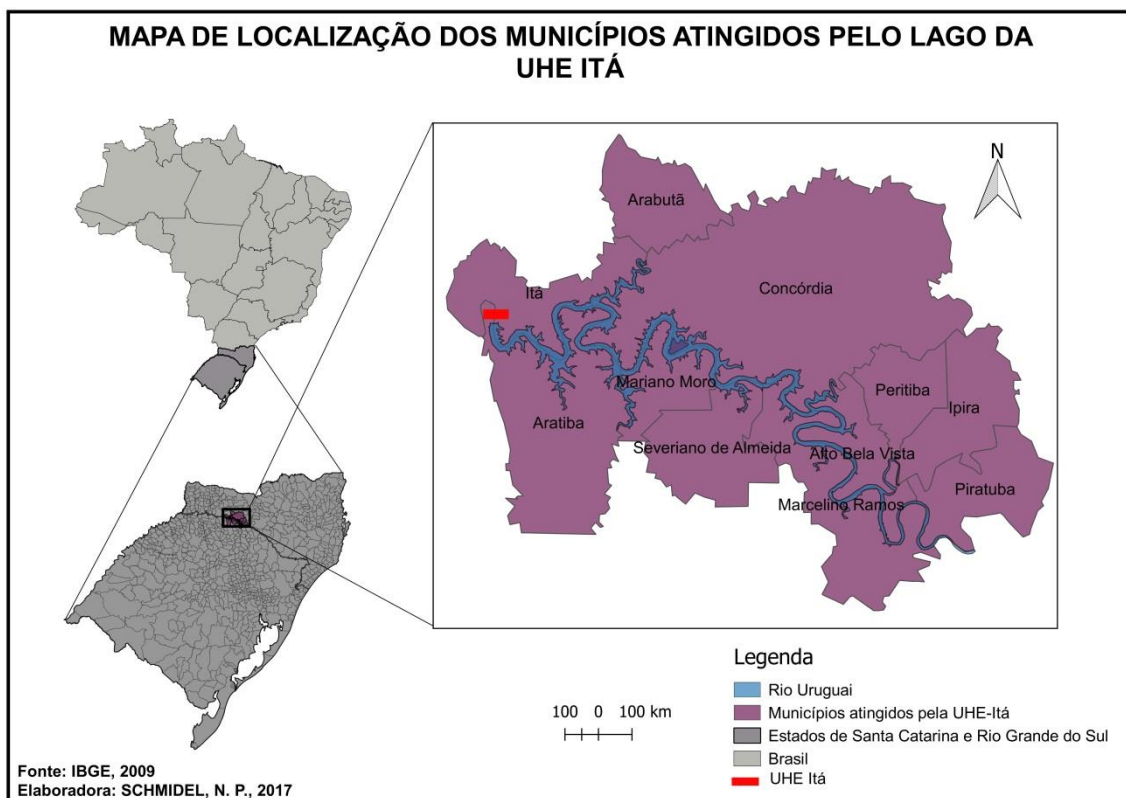


Figura 2: Localização dos municípios que foram afetados pela Usina Hidrelétrica Itá-SC. No mapa a esquerda, o Brasil. Logo abaixo, em uma escala um pouco menor, a representação dos dois estados em que se localiza a UHE Itá (ao norte Santa Catarina e ao Sul, Rio Grande do Sul.). E, em destaque, os 11 municípios atingidos pelo lago da usina.

Neste trabalho, irei considerar os impactos da implantação de um empreendimento hidrelétrico específico, o de Itá, na linha Rio Branco, comunidade de Mariano Moro. Essa UHE situa-se na divisa dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Segundo Souza:

Uma das características da produção hidrelétrica é a alta capacidade de os empreendimentos transmutarem rapidamente os elementos da natureza em uma socionatureza. Assim, inicialmente se coloca a hipótese de que, nas duas últimas décadas, a produção da socionatureza a partir das estruturas montadas nas franjas dos territórios gaúcho e catarinense pode configurar um elo raiano entre parcelas estaduais localizadas nas margens direita e esquerda dos rios e, contraditoriamente, uma zona de diferenciação do ponto de vista das dinâmicas econômicas que pode ter se refletido nos próprios arranjos territoriais e paisagísticos dos vários segmentos espaciais da Raia Santa Catarina-Rio Grande do Sul (SC-RS). (SOUZA, 2016, p. 9, inédito)

Toda a divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina é composta pelas microrregiões de Frederico Westphalen, Erechim, Sananduva, Vacaria e Osório, no Rio Grande do Sul e São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia, Curitibanos, Campos de Lages e Araranguá, em Santa Catarina. Conforme Souza (2016) toda a área forma um

conjunto territorial marcado pela implantação de usinas hidrelétricas responsáveis por grandes transformações paisagísticas ao longo dos rios Pelotas e Uruguai.

A instalação da UHE de Itá resultou em uma transformação na paisagem que foi muito além do próprio município.

O reservatório, resultado do alagamento do rio Uruguai e seus afluentes, com seus 142 km² de lago, atingiu terras de onze municípios: Aratiba, Mariano Moro, Severiano de Almeida e Marcelino Ramos no Rio Grande do Sul; e Itá, Arabutã, Concórdia, Alto Bela Vista, Ipira, Piratuba, e Peritiba em Santa Catarina. (CONSÓRCIO ITÁ, p. 13, 2000)

A construção das obras se deu no ano de 1995, sendo a ELETROSUL a empresa responsável. Porém, o enchimento do reservatório se deu somente no ano de 1999 com previsão de início das atividades de geração de energia no ano de 2000. (CONSÓRCIO ITÁ, 2000)

Como foi discutido anteriormente, todas as UHEs causam impactos socioambientais nas áreas que são afetadas, tanto pelas obras quanto pelo lago. Com Itá não foi diferente,

[...] foram afetados- total ou parcialmente- duas sedes municipais (Itá e Marcelino Ramos), quatro sedes distritais, 32 núcleos rurais, 15 equipamentos isolados (escolas, cemitérios, etc.), 3563 propriedades e extensa rede de infraestrutura viária, elétrica e telefônica, causando desequilíbrio na complexa trama urbana, rural e, essencialmente, social sedimentada no território e no tempo. (CONSÓRCIO ITÁ, p. 15, 2000)

Assim, é notória a influência que esse empreendimento exerceu (e ainda exerce) nas dinâmicas naturais e na sociedade. A dupla dimensão socioambiental das paisagens foram marcadamente modificadas. As casas, escolas, igrejas, bem como porções de floresta, áreas agrícolas foram desaparecendo e deram espaço a um lago artificial. Isso atingiu, direta e negativamente, o lado sentimental de centenas de pessoas.

A instalação da UHE de Itá fez com que as paisagens e lugares anteriores de várias famílias fossem destruídos. O sentimento de apego e apreço pelo canto onde levavam a vida, agora, viraram lembranças, muitas vezes repletas de saudades.

Quadros (2016) apresenta um exemplo disso em relação à cidade de Itá:

Com a realocação da cidade e a nova constituição desta [...] os moradores não tiveram a mesma vizinhança de antes, perdendo muitos contatos diretos, muitas rodas de chimarrão e se desfazendo de grandes laços de amizade. (QUADROS, p.54-55, 2016)

Ainda nesse sentido, conforme Quadros (2016) relatou em seu trabalho, por meio de entrevistas feitas com os moradores da cidade de Itá, um deles ressaltou:

Porque lá a nossa cidade era meia pequeninha e todo mundo junto, daí nos domingos você passava sempre no clube, e conhecia quase todo mundo. Hoje,

então, nós temos uma parte aqui, outra parte lá! Ficou os amigos, os vizinhos tudo separado. (...) os vizinhos se perderam tudo, tudo muito longe. Os vizinhos agora moram a cada dois mil metros longe. (Dalci M.- 83 anos, apud QUADROS, p. 55, 2016)

A partir destas colocações, enfatizo que mudanças nunca são fáceis, seja elas de casa, para outra cidade, mudanças de hábitos, de rotinas... É sempre necessário uma readaptação, um aprender a conviver com situações novas, antes não sentidas e as vezes, nem se quer pensadas. Mudanças por vezes, são imprevisíveis. Com a construção da UHE Itá foram muitas as mudanças acarretadas, principalmente de âmbito social. No cotidiano das famílias que precisaram ser relocadas, a mudança foi bastante intensa. Foram obrigados a abandonar seus lugares, onde, no caso de algumas, passaram uma vida inteira, tiveram e criaram seus filhos e quem sabe até seus netos e bisnetos... Perderam o lugar que foi palco de praticamente toda a sua história de vida, foi uma perda para sempre, onde pode até acontecer de a barragem secar um dia, mas as marcas construídas por essas pessoas naquele lugar, jamais voltarão a existir.

2.5 LINHA RIO BRANCO, MUNICÍPIO DE MARIANO MORO-RS

A área escolhida para o estudo é a comunidade Rio Branco, interior de Mariano Moro-RS por ser um dos municípios gaúchos que foram afetados pelo lago da UHE Itá. Mariano Moro está situada na região norte do estado do Rio Grande do Sul, bem na divisa com Santa Catarina. Suas terras fazem divisa ao sul com Três Arroios, a leste com Severiano de Almeida, a oeste com Aratiba. Trata-se de um pequeno município com uma população em torno de 2200 habitantes (IBGE, 2016).

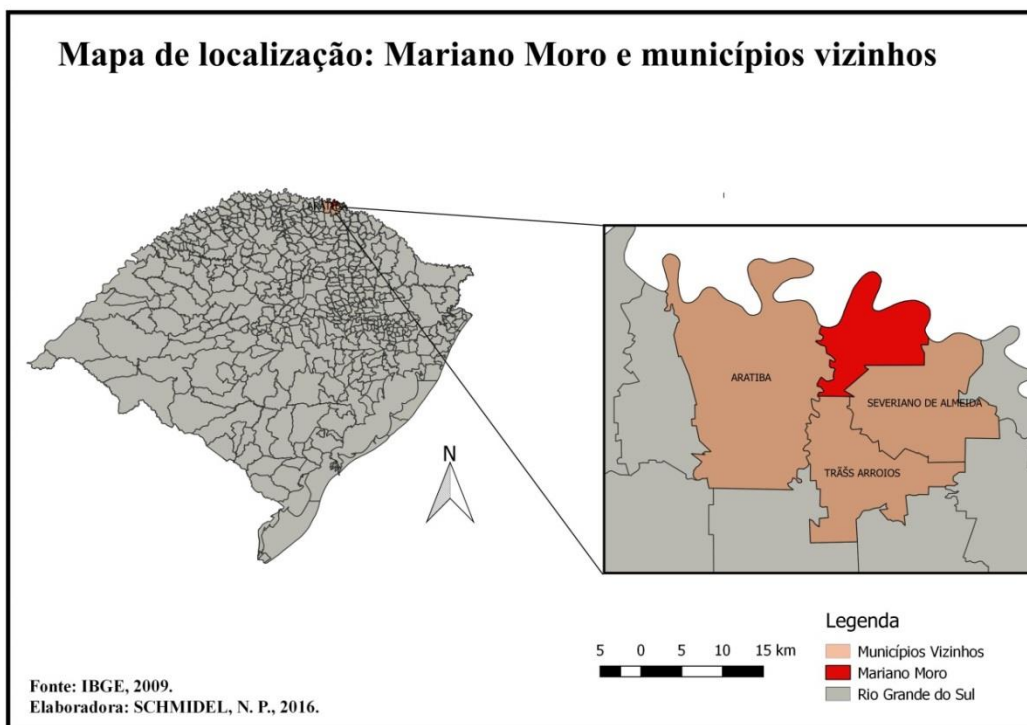


Figura 3: Localização da área de estudo.

A escolha deste recorte espacial se deu, principalmente, por ser a terra natal de meu pai, que viveu nessa comunidade por 30 anos, juntamente com seus cinco irmãos e pais. A família inteira foi relocada com a chegada do lago, inclusive meu pai. Meus avós optaram por reiniciar a vida longe, partindo para a cidade de Maravilha-SC. Já, meu pai, mesmo optando por deixar o município de Mariano Moro, continuou sua vida no município vizinho, Severiano de Almeida.

Meu pai conta que, no momento em que veio a notícia da UHE, sentiram medo que mandassem eles embora daquele lugar sem fazer um acerto, medo de ficar sem um lugar para ir, pois não sabiam para onde seguir. O medo era que as empresas envolvidas na obra simplesmente mandassem eles sair de lá, sem dar um apoio ou ajuda para recomeçar a vida. Dia após dia também conviviam com a tristeza por saber que o Rio Branco estava-se indo, olhavam as mudanças saindo e todos choravam. O mais triste, segundo o meu pai, foram as primeiras mudanças, os primeiros amigos que saíram da comunidade, foi um choque. A família do meu pai foi uma das últimas a sair da comunidade, presenciou a saída de praticamente toda a vizinhança. Ele conta ainda que foi feito um churrasco no “Campo da Baixada” (foto 4) como forma de “despedida”, onde os da comunidade se reuniram pela última vez para jogar bola naquele campo repleto de histórias.



Fotografia 4: Campo da Baixada antes da chegada do lago. Fonte: acervo fotográfico da linha Rio Branco.



Fotografia 5: Localização do antigo “Campo da Baixada”, agora coberto pelo lago. Fonte: Pesquisadora.

Ainda hoje retornamos àquele lugar, segundo ele, sempre é bom encontrar com os amigos que ainda permanecem vivendo por lá, mesmo que muitos tenham ido para outros municípios mais distantes. Meu pai sente tristeza e muita saudade quando lá retorna. Recordo-me vagamente da comunidade de Rio Branco sem o lago, quando íamos visitar meus tios que ainda permaneciam residindo lá, em lugares onde o lago demoraria mais para atingir. A sensação que sinto em retomar essas lembranças é que a construção da UHE, e o aviso de que boa parte da linha seria coberta pela água, foi sim um período de tristeza para todos os que faziam parte daquela terra. Tinha o campo, conhecido como “Campo da Baixada”, lembro-me muito bem que meu pai, meus tios,

primos e seus amigos se reuniam nos finais de semana para jogar bola lá. Hoje, esse local fica totalmente debaixo do lago, ao lado restou uma pequena ilha, uma porção mais elevada (foto 6).



Fotografia 6: Ilha na região da antiga comunidade, formada com o enchimento do lago da UHE. Fonte: Pesquisadora.

Rio Branco era uma comunidade muito unida que se perdeu. Às vezes, de barco, feito de lata e madeira, vamos até essa ilha e é sempre uma nova emoção. É incrível ouvir o pessoal que ainda reside lá, contando exatamente o que tinha debaixo de determinada porção de água, ver que eles conhecem o fundo como a própria palma da mão. Muitas vezes, com lágrimas nos olhos, eles contam uma história a cada 100 m que adentramos pelo lago. Hoje, meu pai se emociona lembrando e contando as velhas histórias vividas desde criança na comunidade, e depois do lago nunca mais reencontrou alguns amigos que eram seus vizinhos. Rio Branco é a comunidade que mais teve área atingida pelo lago dentro do município. Conforme relato de moradores, antes da chegada da barragem, aproximadamente 70 famílias residiam lá, sendo que agora esse número reduziu para 40.

2.6 BREVES CONSIDERAÇÕES

As dinâmicas dos elementos naturais e da sociedade nas áreas que são afetadas pela obra, bem como, pelo lago, quando da construção e instalação de usinas hidrelétricas, comporta variações significativas. Este trabalho tem como enfoque as pessoas que foram afetadas pelo empreendimento na comunidade Rio Branco e o modo como elas interpretaram e interpretam as mudanças ocorridas. Considero que a

Geografia, ciência da relação sociedade-natureza, permite um estudo nesta vertente que trata diretamente das pessoas e sua relação com seus espaços de vida e suas paisagens.

3 PARA QUE A PAISAGEM?

3.1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

Após apresentar a área de estudo, bem como os impactos nas dinâmicas naturais e na sociedade que são ocasionados com a construção de UHEs e a importância que tem esse tema dentro da ciência geográfica, faz-se necessário uma contextualização de como a paisagem, conceito norteador desta pesquisa, é compreendida dentro da Geografia.

Portanto, este capítulo será voltado à importância que a paisagem tem na ciência geográfica. A partir de várias conceituações, de diversos autores, farei uma discussão de como a paisagem entrou na Geografia e veio ocupando cada vez mais espaço dentro desta ciência. Além do mais, tratar especificamente da importância desta categoria dentro desta pesquisa.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Pode-se dizer que a origem da Geografia está na antiguidade, no pensamento grego clássico (MORAES, 2007, n/p). No entanto, antes de se consolidar como ciência, passou por inúmeras fases, todas elas carregaram em si algo em comum. Foram repletas de discussões e análises que surgiam em diversas regiões do mundo, fazendo com que o pensamento geográfico fosse evoluindo a partir do surgimento de pesquisas e descobertas voltadas à compreensão do espaço geográfico.

Vale ressaltar as grandes navegações do século XV, um episódio marcante principalmente para a Geografia. Foi por meio desta que partes antes desconhecidas da Terra puderam ser exploradas, descritas e mapeadas conforme os diferentes costumes dos povos de cada localidade, resultando em questionamentos e informações importantes à Geografia, em especial na área cartográfica. Mesmo que a paisagem surja somente no período do Renascimento, por meio do pensamento europeu, numa tentativa de buscar a unidade já perdida do mundo, do cosmos, se pode pensar que nesse período das primeiras explorações da Terra, a mesma já vinha se destacando na medida em que os continentes e seus arredores iam sendo desbravados e os navegadores descreviam os aspectos que observavam. Andrade explica que nas navegações,

[...] os navegadores eram acompanhados por estudiosos que levantaram mapas das costas, corrigindo erros e distorções, e escreviam livros, descrevendo paisagens, povos e costumes que passaram a conhecer. (ANDRADE, p.61, 1992)

Para tanto, no final do século XVIII, ainda não se tinha um conhecimento geográfico com uma temática definida e suas ideias sendo continuadas, isso por conta inclusive, do ainda não conhecimento de toda a Terra (MORAES, 2003 n/p). Nesse período, os conhecimentos em torno da geografia se apresentavam bastante vagos e dispersos, conforme explica Moraes,

Designam-se como Geografia: relatos de viagem, escritos em tom literário; compêndios de curiosidades, sobre lugares exóticos; áridos relatórios estatísticos de órgãos de administração; obras sintéticas, agrupando os conhecimentos existentes a respeito dos fenômenos naturais; catálogos sistemáticos, sobre os continentes e os países do Globo etc. (MORAES, 2007, n/p).

Uma das fraquezas da Geografia (Santos, 1984) para se consolidar enquanto ciência, era não ter um objeto de estudo definido, o que culminou em incessantes críticas à mesma por um longo período. Diversas foram as contribuições no âmbito de esclarecer ao certo um objeto para a Geografia de forma que abrangesse a totalidade de aspectos (fenômenos da natureza, processos sociais, a relação entre os fenômenos/dinâmicas da natureza e os processos sociais) que cabe a essa ciência decifrar.

Vale ressaltar que essa busca incessante de um objeto de estudo foi mais marcante no período da Geografia Tradicional, a qual tinha suas raízes firmadas no positivismo, onde a base do conhecimento era a informação (ZIBORDI; 2001). Dentre as atribuições, destaco aqui a ideia de autores, como é o caso de Paul Vidal de La Blache, que apostaram na “Paisagem” como via para a ciência dos lugares, sendo que, “A geografia se limitaria a observar e descrever o que é visível, a paisagem como conjunto” (VITTE, 2007, p. 75 apud MENDOZA et al, 1988, p. 330).

Mais recentemente, o termo paisagem volta-se muito à valorização do sujeito, “[...] uma estética-fenomenológica, na qual a paisagem corresponde a uma aparência e uma representação; um arranjo dos objetos visíveis pelo sujeito por meio de seus próprios filtros.” (VITTE, 2007, p.72). Moraes explica que alguns autores,

[...] vão definir a Geografia como o estudo da paisagem. Para estes, a análise geográfica estaria restrita aos aspectos visíveis do real. A paisagem, posta como objeto específico da Geografia, é vista como uma associação de múltiplos fenômenos, o que mantém a concepção de ciência de síntese, que trabalha com dados de todas as demais ciências. (MORAES, 2007, n/p)

Ainda nesse sentido, Domingues contribui:

O estudo da Paisagem era quase um exercício de sedução: desmontar para perceber, relacionar, encontrar marcas do tempo, as vicissitudes da história, as estações, os campos, as formas de povoamento, as construções, os materiais. Mais do que um simples conceito, o estudo da paisagem [...] identificava-se como o próprio objeto de estudo da Geografia e o elemento distintivo de um posicionamento disciplinar claro entre as ciências naturais e as ciências humanas. (DOMINGUES, p. 56, 2001)

Vários foram os nomes, hoje vistos como “clássicos da Geografia”, que contribuíram de alguma forma para a história da Geografia como uma ciência. Os principais destaques para tal consolidação foram Karl Ritter e Alexandre von Humboldt, que a partir de seus estudos e trabalhos firmaram, nos anos 70 do século XIX, a Geografia como uma ciência autônoma e não mais uma simples disciplina dentro de uma pequena área do saber, onde a preocupação inicial estava calcada na mera descrição da superfície terrestre (ANDRADE, 1992, p.20).

Von Humboldt propôs que o método de análise se daria a partir de uma observação que levaria o sujeito a ter uma intuição sobre o fato. Como é o caso da paisagem, onde a mesma “[...] deveria ser contemplada de forma quase estática. Ela causaria no pesquisador a “impressão”, que, combinada com a observação sistemática dos seus elementos componentes e filtrada pelo raciocínio lógico, levaria à explicação.” (ZIBORDI, p. 09, 2001 apud MORAES, 1989)

Por volta da década de cinquenta, essa Geografia Tradicional sofreu uma crise, acarretando o surgimento de um movimento de renovação, através do qual tivemos a Geografia Renovada onde “A tendência quantitativa, fria e pragmática teve como contrapeso uma vocação mais especulativa e mais social”. (SANTOS, p. 62, 2004) Contudo, essa Nova Geografia “[...] não possui uma necessidade tão premente de formular uma definição formal do objeto” (MORAES, 2007, n/p) tendo em vista que se trata de uma disciplina que se debruça inteiramente na compreensão da ação do homem sobre e com a natureza, não havendo um único objeto de estudo, mas, sim, diferentes formas de abordagem desta relação sociedade-natureza.

Por se tratar de uma ciência bastante ampla no que diz respeito ao objeto de estudo, envolvendo a sociedade como um todo e sua ação sobre (*e sob*) a natureza, a mesma resultou em um quebra-cabeça infundável, onde temos diversos ramos de uma mesma geografia, que se completam intimamente. A peça principal deste quebra-cabeça é a divisão da Geografia Física da Humana, por mais que ainda haja inúmeras controvérsias sobre tal dicotomia. Quanto a isso, já dizia Andrade,

[...] esta separação em dois grandes ramos, Geografia Física e Geografia Humana, tende a ser ultrapassada com o estabelecimento de uma geografia

única em que integrem o humano, o social e o físico. (ANDRADE, 1992, p. 28)

No entanto, atualmente essa separação ainda se mostra bastante presente, tanto nas universidades quanto nas escolas. O incontestável é que foi mediante estas duas divisões maiores que tivemos e constantemente temos, a revelação de inúmeras outras importantes subdivisões: Geografia Rural, Geografia Econômica, Geografia Cultural, Geografia Urbana etc.

O que há em comum entre todas essas ramificações geográficas são os chamados “conceitos-chave” da geografia. Espaço, lugar, região, território e, como não poderia ser deixado para trás, a **paisagem**. A relevância de cada conceito destaca-se dentro da própria ciência. O conjunto destas cinco noções é o que dá a identidade para a Geografia. Elas fundem-se numa relação íntima na medida em que uma pode aparecer dentro da outra. O caso da paisagem é um exemplo disso. A mesma está presente no espaço, como todas as quatro restantes. Mas, ao mesmo tempo, o espaço encontra-se incluso em cada uma das outras definições (figura 5). Assim, são organizados roteiros de análise para as observações, e dependendo da escala que optarmos aderir à pesquisa, a paisagem pode, por exemplo, auxiliar no diagnóstico de singularidades de uma determinada região presente num território, vivenciado a partir dos diferentes lugares.

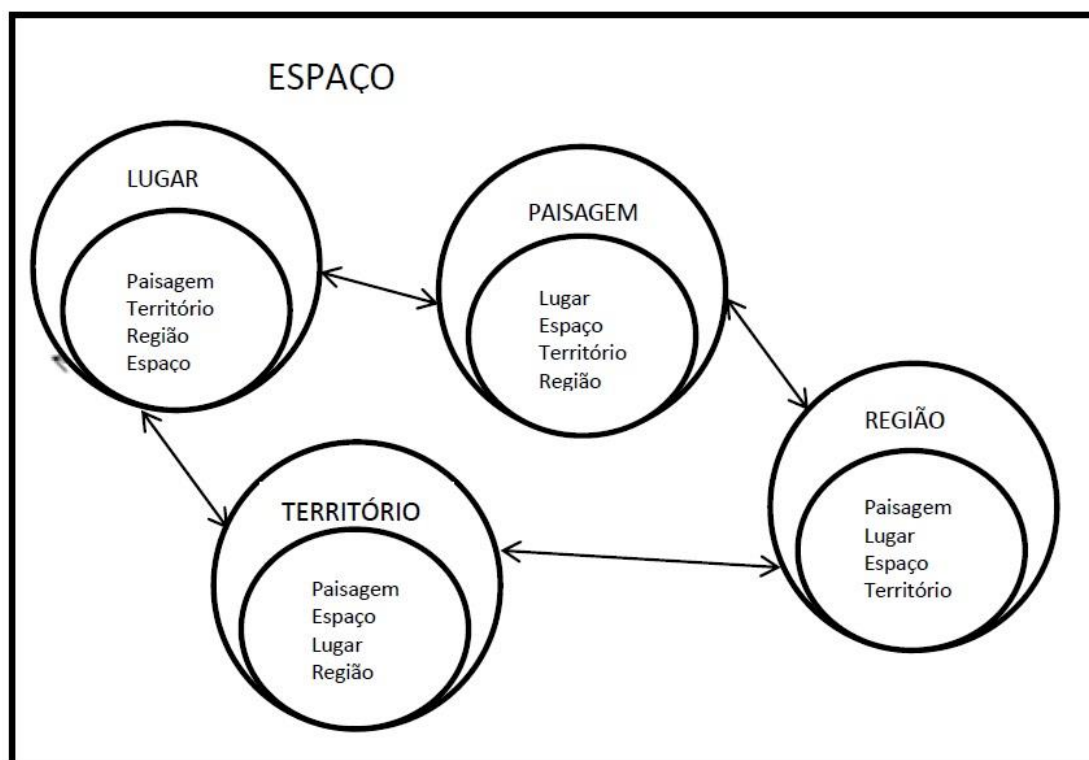


Figura 04: Esquema elaborado para demonstrar, neste caso, por conta da abordagem do conceito “paisagem” na pesquisa, como este se encontra presente nos outros quatro conceitos (território-lugar-espço-região) e os mesmos são fragmentos uns dos outros. Elaboradora: SCHMIDEL, N. P. 2017.

Podemos usar como exemplo, o caso da comunidade da Linha Rio Branco. A comunidade é uma fração do *espaço* geográfico, sendo assim, o território do qual a mesma faz parte, tem o espaço contido nele (já que é uma fração do espaço). Além disso, a localização da Linha se dá numa *região* de abrangência do lago Usina Hidrelétrica de Itá-SC, logo, as pessoas que tiveram seus espaços atingidos pelo enchimento do lago, precisaram de modo forçado, deixar para trás *lugares* que foram palco de inúmeros acontecimentos ao longo de suas vidas. Com isso, as *paisagens* que foram construídas por dezenas de famílias antes da instalação da UHE naquele *espaço*, acabaram encobertas, destruídas dia após dia, em cada metro de água que subia da barragem. Por meio disso, podemos afirmar que cada uma dessas pessoas carrega em si as memórias de antigas paisagens que fizeram parte de suas vidas em determinada época, e que o sentimento de apreço diante do lugar, depende de cada integrante das famílias deslocadas, do modo que voltam os seus olhares para a comunidade em si, antes e depois da presença do lago.

Ressaltando a relevância dos conceitos-chave na Geografia, Correa explica que,

[...] a geografia possui alguns conceitos-chave, capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere à geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. (CORREA, 2000, p.16)

Sendo assim, meu ângulo de análise da sociedade, para elaboração desta pesquisa será, em primeiro lugar, a **paisagem**, termo que se fez de uso presente na Geografia a partir do século XIX, usado para a compreensão das relações sociais e naturais de um certo espaço. (SCHIER, p. 80, 2013)

No entanto, a palavra **paisagem** surgiu muito antes de ser adotada na Geografia. O termo surgiu no século XVI e esteve inicialmente “[...] ligado a *país*, denotando o sentido de região, território, nação” (VITTE, p.72, 2007). A mesma foi sendo rodeada de inúmeras definições heterogêneas, mas na Geografia, todas elas calcadas na divisão entre paisagem natural e cultural. Assim, a paisagem natural faz referência à combinação de elementos bióticos e abióticos, ou seja, a que aparentemente não sofreu nenhuma interferência humana sobre tal. Ao contrário, a paisagem cultural é o resultado da ação da sociedade sobre o espaço natural. Lembro aqui das palavras de Vitte que, ao discutir a trajetória da paisagem, menciona:

A temática relativa ao conceito de paisagem e seu tratamento na geografia, acumula ao longo dos tempos uma série de polêmicas envolvendo uma enorme diversidade de conteúdos e significados. Esta *elasticidade* demonstra, na realidade, uma complexização do conceito, em função de como o mesmo foi tratado pelas várias correntes na geografia, moldadas cada qual em um

determinado contexto histórico e cultural. Isso significa dizer que uma discussão sobre a categoria paisagem remete-nos ao processo de institucionalização da geografia como ciência, ciência essa que elege a superfície da terra em seus aspectos físicos e humanos como campo de estudo. (VITTE, p.72, 2007)

Ao se referir à paisagem a discussão que encontramos é bastante ampla e o seu sentido não é único, por exemplo, “As diversas disciplinas científicas e mesmo o senso comum têm uma explicação própria do que seja paisagem. Há variações do conceito, conforme a disciplina que o elabora [...]” (MAXIMIANO, p.84, 2004). Nesse sentido,

A ecologia histórica, por exemplo, de acordo com Crumley (1993), sugere uma abordagem em que a paisagem é retratada como a manifestação material das relações entre os seres humanos e o meio ambiente. Sob esta perspectiva, a autora assume que as relações operantes entre seres humanos e ambiente são dialeticamente interativas. Dentro da abordagem da ecologia da paisagem, Forman (1995) define paisagem como um mosaico de ecossistemas locais e diferentes usos do solo, que é repetido, com forma similar, numa vasta área. Ou seja, o autor supracitado considera apenas os aspectos ecológicos da paisagem. (SOLÓRZANO; OLIVEIRA; BRUNI; p. 52, 2009)

Para a Geografia, “É preciso frisar bem que não se trata somente da paisagem “natural”, mas, da paisagem total integrando todas as implicações da ação antrópica” (BERTRAND, p.141, 2004).

Cada um de nos terá uma ideia diferente do que é paisagem. Relatamos/descrevemos uma paisagem conforme o nível de importância dela para o próprio “eu”, de acordo com a ligação emocional que aquele lugar tem para nós mesmos. Trata-se de um despertar sentimental dentro da gente.

Na medida em que observamos, por exemplo, uma floresta com suas plantas, rios e animais a sensação frente a essa paisagem será diferente do que se estivéssemos frente ao mar com sua imensidão de água, o som do quebrar das ondas e a areia em sua orla. O que quero dizer é que a paisagem não é apenas o visual, mas que o termo vai além da visão de “algo bonito”, unicamente a beleza que se encontra diante de nossos olhos, “O conceito pode ser mais amplo, incluindo, além dos aspectos visíveis, cheiros e sons.” (FERREIRA, *et al* 2001, p.158).

Nessa perspectiva, torna-se relevante a proposta de Simmel, quando usa o termo *Stimmung*, também chamado por ele de **disposição anímica**, como um conceito que unifica a paisagem, uma forma de enxergar a mesma. A disposição anímica faz referência ao sentimento psíquico individual, assim, o *stimmung* da paisagem é o “[...] estado de espírito, tom, tonalidade, sentimento pessoal.” (COELHO; p. 4, 2013) que surge no observador diante de determinada paisagem, ou fragmento que forma a mesma que lhe chame a atenção. Simmel (1913), explica:

Quando, pois, a disposição anímica significa o geral, ou seja, o que não está incluso em nenhum elemento singular justamente desta paisagem, mas não o geral de muitas paisagens, pode ela designar-se, e também o evolver desta paisagem, isto é, a configuração unitária de todos os seus elementos individuais, como um só e mesmo acto, como se as múltiplas energias da nossa alma, as contemplativas e as afectivas, cada qual na sua tonalidade, proferissem em unísono uma só e mesma palavra. (SIMMEL; 1913. Traduzido por MOURÃO; p.17, 2009)

A junção e o dinamismo de inúmeros fatores em um mesmo espaço, mais a observação e a representação em formas materiais e apreendidas por todos os sentidos, resultam numa paisagem. Procurando definir o conceito, na visão de Bertrand,

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 2007, p.07)

Nessa concepção, paisagem é um aglomerado de fenômenos que se encontram intimamente interligados, podendo formar e reformular novas paisagens na medida em que evoluem no ambiente. Nesse âmbito da discussão, as paisagens podem ser o individual e o todo, dependendo da maneira com que o olhar de análise é disparado sobre certo espaço. Para exemplificar essa questão, voltamos para nossa área de estudo: na Linha Rio Branco, eventualmente, um ou outro morador poderá chamar um morro isoladamente de paisagem. Outro, por sua vez, poderá chamar de paisagem todo o conjunto de morros, lago, vegetação nativa ou não, cultivos, enfim, tudo o que está ao seu redor como paisagem.

É necessária uma ênfase também no simbolismo que se mostra presente em todas as paisagens, uma vez que a mesma é carregada de significados, histórias de vida de diversas gerações, marcas de tempos distintos, enfim, se trata do reflexo cultural de uma determinada sociedade. Aqui a paisagem é um marco de existência humana em determinado espaço. Vitte explica:

[...] a paisagem emerge na análise geográfica carregada de simbolismo, sendo responsável pela constituição do imaginário social que atua na condução da ação dos atores sociais, ao mesmo tempo em que mediatiza a representação do território por estes mesmos atores. Neste sentido, a paisagem como categoria social é construída pelo imaginário coletivo, historicamente determinado, que lhe atribui uma determinada função social. (VITTE, p.71, 2007)

Também, a paisagem se torna um método de análise socioambiental, na medida em que, por meio dela é possível detectar problemas presentes no espaço, ocasionados pela ação das sociedades, tanto a curto ou longo prazo. Assim, pode-se inclusive,

intervir nos diferentes estágios de evolução do problema, por vezes, diminuindo o seu impacto sobre o ambiente. Quanto a isso, Souza afirma que

O entendimento das particularidades dos processos que ocorrem nos entremeios dos fatos da natureza e da sociedade é importante para quaisquer políticas de ordenamento territorial, que considerem o uso adequado dos recursos, a manutenção de certa racionalidade conservacionista e a qualidade ambiental. (SOUZA, p. 20, 2015)

A verdade é que a paisagem é um sistema que se apresenta em constante modificação. Tudo nela se renova e se transforma na medida em que o homem, cada vez mais sente “[...] a necessidade de modificar o meio ambiente segundo as suas necessidades de sobrevivência.” (PICCHIA, p.18, 2009). Os elementos que compuseram a paisagem na Linha Rio Branco antes do ano 2000, data em que se iniciou o enchimento⁴ do lago da UHE, já não são mais os mesmos que encontramos no mesmo lugar nos dias atuais. Isso nos remete a pensar que as transformações que ocorrem nas paisagens podem ser compreendidas principalmente por meio da percepção a longo prazo, mas, não quer dizer que em um menor período de tempo a modificação de constituintes de tal transformação não se mostrem visíveis. Nesse sentido, ao se analisar uma paisagem, é essencial que se tenha em mente que a mesma,

[...] se encontra em perpétua mutação, podendo a sua estrutura e composição mudar drasticamente através do tempo- incluindo o tamanho, número e configuração das manchas de seus elementos- e implicar em importantes ramificações quanto ao arranjo e interação de seus ecossistemas. (FILHO, p.42 1998)

Mesmo composta de inúmeros elementos diferenciados e – aparentemente - separados um dos outros, é importante destacar que a paisagem é o produto da união de todos eles, de forma integrada e dinâmica. Trata-se de um sistema onde, a “[...] noção de ordem, desordem, organização, interações, acaso e incerteza devem ser levados em consideração no esforço de compreender o funcionamento do todo nas suas múltiplas interações com as partes.” (SILVA; TRIANO, p.1782, 2005)

Por meio da análise de uma determinada paisagem, é possível compreender as várias esferas de transformação do espaço em determinado território ou lugar. No entanto, para isso, não podemos olhar uma paisagem apenas contemplando o que está ali representado naquele exato instante. Trata-se de uma observação que vai além do

⁴ Utiliza-se o termo enchimento e não formação do lado da UHE porque formação é um substantivo que remete a ideia de uma dinâmica natural, sem interferências da sociedade, da ação humana.

que está exposto, levando em consideração os processos passados e os atuais. É essencial compreender os outros tantos aspectos que cercam o lugar e suas paisagens, bem como, as transformações sofridas no ambiente por consequência da presença de determinadas sociedades.

Nessa abordagem que faço das transformações que a paisagem sofre ao longo de sua história, impossível não percebê-la como algo que carrega em si marcas de diferentes tempos, diversas pessoas e outras sociedades que em algum momento passaram pelo mesmo lugar, tornando-se agentes responsáveis de tais modificações paisagísticas. Além disso, sempre encontramos algum aspecto na paisagem que pode revelar como as sociedades anteriores se organizavam em seu espaço. Assim, concordo com as palavras de Souza, quando afirma que a paisagem é “[...] um indicador das relações, históricas e atuais, do homem com a natureza que o envolve, ou da sociedade com o meio ambiente que produz. E este, por sua vez, a sustenta.” (SOUZA, p. 32,2015).

Quando falamos de análise da paisagem nos remetemos à percepção ambiental de um determinado recorte espacial, a qual, “[...] não é apenas uma questão de recepção de estímulos sensoriais, mas também a capacidade do observador elaborar e reconhecer diferenças e similaridades entre objetos.” (GASPAR, n/p, s/d)

Cada indivíduo carrega em si uma percepção do ambiente distinta da percepção dos outros. O ponto de vista sobre a chegada do lago da UHE na linha Rio Branco, por exemplo, é diferente para os moradores que tiveram suas casas atingidas pela água, em relação aos que ainda permanecem no mesmo lugar da comunidade, onde a barragem não atingiu. Como também, as famílias que tiveram que ser relocadas daquela comunidade e saíram para outras localidades distantes do município, possuem uma visão diferenciada da visão dos moradores que ainda permanecem no Rio Branco, mesmo que não mais no mesmo lugar. Maciel apresenta uma explicação bastante esclarecedora em relação a essa discussão:

[...] os sujeitos mobilizam uma razão retórica para comunicar com facilidade aquilo que percebem como mais evidente e importante. Enquanto se referem ao lugar, partem do radicalmente subjetivo, da consciência de si e até da corporeidade da existência; quando constroem paisagens, dialogam de preferência com aspectos culturais e políticos, recuperando uma memória coletiva, um arsenal de argumentos e um imaginário social corrente nos discursos da e sobre uma região. (MACIEL, 33-34, 2009)

Assim, definir de forma precisa o que vem a ser a percepção ambiental é uma tarefa complexa, pois a mesma dependerá do ponto de vista de cada um. Cada ser

carrega em si uma percepção do ambiente distinta da percepção dos outros. Para um pesquisador, a percepção ambiental se dará em prol de seu objetivo de análise e pesquisa, assim, o mesmo lançará seu olhar sobre determinado espaço ou até mesmo paisagem, de acordo com sua própria concepção. Para exemplificar o que vem a ser a percepção ambiental, Oliveira argumenta:

A resposta dada à percepção ambiental, [...] será variada: cultural, econômica, artística, geográfica, histórica, ecológica, afetiva. O que sabemos é que cada profissional atribuirá significados diferentes à percepção ambiental que pesquisará ou empregará em sua investigação, quer científica, ou empírica. (OLIVEIRA, p.54, 2009)

Mas, essa percepção precisa estar presente em qualquer que seja a análise de cunho voltado à compreensão da ação do homem sobre a natureza, pois, a “[...] partir da **realidade** que comporta as possibilidades de ocorrência, procuraremos analisar a conduta humana em relação ao meio ambiente” (OLIVEIRA, p.153, 2009). Perceber o ambiente que será estudado, seja ele qual for, é fator primordial para se compreender o conjunto de agentes que influenciam no dinamismo ali presente. É preciso considerar aqui que perceber o ambiente é diferente de perceber a paisagem. Na realidade, na percepção ambiental “[...] todos se preocupam com os impactos ambientais que ocorrem no meio ambiente natural ou construído” (OLIVEIRA, p.154, 2009). Na paisagem, isso vai além. É possível perceber as relações que as sociedades mantiveram ou ainda mantém com aquele determinado lugar num viés mais cultural.

A paisagem, por mais que possa representar possíveis problemas ambientais, quando percebida é vista como algo repleto de história de pessoas e da natureza. Perceber a paisagem envolve uma questão mais sentimental, pois lida muito com as emoções ali vividas, ao contrário de perceber o ambiente.

A percepção e não somente a observação da área de estudo é bastante importante para o pesquisador, pois ela “[...] fornece os elementos que a abstração mental vai transformar no saber espacial, e, mais à frente, na ciência geográfica.” (MOREIRA, 2009, n/p)

É importante, durante a observação, contemplar o maior número de aspectos possíveis, presentes em um determinado lugar. Assim, as transformações que ocorrem na paisagem devem ser consideradas a partir da união de todos esses aspectos e não de forma fragmentada, somente assim se torna possível a compreensão do funcionamento da mesma. Por meio disso, a paisagem se torna

[...] um conceito que nos permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjugação de elementos naturais e tecnificados, sócio-econômicos e culturais. (SUERTEGARAY, 2001, s/p)

Por meio da colocação de Suertegaray, saliento que através da paisagem é possível identificar fatores sociais e econômicos de determinada área, resultando no reflexo cultural de diferentes povos. O que quero dizer é que as sociedades reproduzem seu modo de vida de forma diferenciada quando comparada umas com as outras, e é essa diferenciação que faz com que a paisagem seja um produto da cultura e esta que, por sua vez, é um produto da relação da sociedade com a natureza.

Contudo, o fato é que a paisagem é repleta de desconstruções e reconstruções em sua estruturação no espaço geográfico. A organização das unidades que a compõe, com o passar do tempo sofre alterações em sua estrutura, podendo se apresentar de inúmeras maneiras distintas mesmo carregando marcas de seus estágios anteriores. O que quero enfatizar é que uma paisagem analisada em, por exemplo, cinco anos consecutivos, resultará em cinco análises diferenciadas uma da outra, porém, alguns dos elementos que a compuseram no primeiro ano, poderão ainda estar presentes no terceiro, ou no último ano de observação.

Pensando nesse mesmo exemplo, agora trazendo para a Linha Rio Branco. Se analisássemos a comunidade antes dos anos 2000, conforme relato de moradores, encontraríamos um fundo de vale supostamente com a presença de um pequeno rio e em seus arredores inúmeras casas de famílias que lá residiam. Após essa data, a paisagem da localidade passou por uma reconstrução por conta da UHE. Assim, o rio e as casas já não eram mais os únicos elementos da paisagem, mas agora passou-se a ter o lago, que antes não fazia parte da paisagem. Anos depois, áreas antes não habitadas que ficaram mais próximas ao lago, por conta de seu enchimento, foram sendo ocupadas, principalmente, por pessoas de fora do município que se deslocaram até a comunidade procurando pequenos lotes para construção de áreas de lazer para a família e amigos. Tivemos então mais uma reconfiguração da paisagem.

3.3 GEOSISTEMA E TERRITÓRIO PARA ENTENDER A PAISAGEM

Pode-se frisar que a Geografia Física “[...] analisa as condições naturais, sobretudo na interpretação da estrutura e processos do espaço geográfico.” (NASCIMENTO; SAMPAIO; p. 168, 2004/2005). Neste contexto, temos os estudos ambientais, que nos

permitem analisar as dinâmicas socioespaciais e, inclusive, problemas de ordem socioeconômicos em um determinado recorte espacial. Nessa mesma perspectiva, a análise ambiental na Geografia propõe a

[...] compreensão das relações entre sociedade e natureza, no qual pode ser analisada a partir do método sistêmico, por meio dos elementos que compõem a paisagem geográfica, em que resulta em uma unidade dinâmica e suas inter-relações dos elementos físico, biológico e antrópico. (ROSOLEM; ARCHELA; p. 2, 2010)

Em uma abordagem geossistêmica, a Geografia Física “[...] considera seus subsistemas naturais e todas as influências dos fatores socioeconômicos” (NASCIMENTO; SAMPAIO; p. 168, 2004/2005).

O dinamismo presente no meio rural é bastante relevante, os elementos naturais encontram-se em busca de equilíbrio entre si a todo o instante e, além disso, a presença humana cria novos processos envolvendo o ambiente em seu entorno na medida em que o molda em prol de suas atividades econômicas e de subsistência familiar. “Em áreas ocupadas por famílias de agricultores, o meio rural também apresenta uma cultura arraigada às experiências de seus pioneiros e ao amor à terra” (PISSINATI; ARCHELA; p.6, 2009). Para tanto, tendo em vista o objetivo desta pesquisa, torna-se indispensável o entendimento de tal espaço a fim de adentrar numa análise de cunho ambiental, dando importância para a “[...] análise dos elementos físicos, biológicos e químicos das potencialidades ecológicas e das transformações que são acionadas pelo homem, alterando os ritmos específicos da natureza.” (SOUZA, p.57, 2015)

No que diz respeito às análises ambientais, os sistemas são considerados métodos primordiais. Os mesmos permitem o “[...] entendimento das dinâmicas de conjunto entre os complexos físicos e orgânicos da natureza.” (SOUZA; p. 51, 2015). Num contexto mais amplo sobre sistemas, Vicente e Filho (2003) asseguram que,

Trata-se do próprio delineamento de uma proposta de cunho multidisciplinar que transcende o ambiente físico-químico ou sócio-cultural *stricto sensu*, buscando a complexidade do ambiente percebido pelo Homem como o verdadeiro espaço para a necessária interação entre aplicação/compreensão, onde o ambiente e sua complexidade nos re-ensina a apreendê-lo como um todo, abrangendo relações físicas, químicas, biológicas, e sócio-culturais. (VICENTE; FILHO; p. 33, 2003)

A abordagem de sistemas nos remete a dois conceitos essenciais que se fazem presente nesse contexto: ecossistema e geossistema. Importante destacar que o termo ecossistema antecedeu o geossistema. Tinha-se, anteriormente, o conceito de ecossistema representando um sistema de análise ambiental. O mesmo foi proposto por

“[...] Arthur Tansley, no ano de 1935, como um conceito cujo objetivo era definir a unidade resultante da interação entre os seres vivos com o meio físico dentro de determinada área” (SOUZA; p. 51, 2015). Ecossistema diz respeito ao ambiente [...] vivido por uma espécie animal ou vegetal; é a área onde esse ser apareceu e se desenvolve, relacionando-se com os demais elementos do seu ambiente, de forma que não há limites espaciais definidos para cada ecossistema (PISSINATI; p. 8, 2009).

O termo Geossistema foi proposto como construção metodológica para superar a unilateralidade do ecossistema, pelo fato de esse último ser um conceito biocêntrico, fundado somente na análise da dimensão biótica dos sistemas naturais. Geossistema é posto, então, como um sistema mais integrador, por incorporar, além da dimensão biótica a abiótica. O mesmo surgiu com Vitor Sotchava no início do ano de 1960 “[...] cuja definição se baseava na interconexão de fluxos de matéria e de energia entre os elementos bióticos e abióticos (PASSOS, 1997), mas que não inseria as ações humanas como componente” (PISSINATI; p.7, 2009), veio para o Brasil somente no ano de 1968, por meio de Georges Bertrand.

No entanto, este último foi mais ousado quanto à utilização do conceito na análise ambiental. Bertrand incorporou em sua proposta, para além do conceito original, o enfoque da ação antrópica (PISSINATI; 2009), conforme mostra a figura (5).

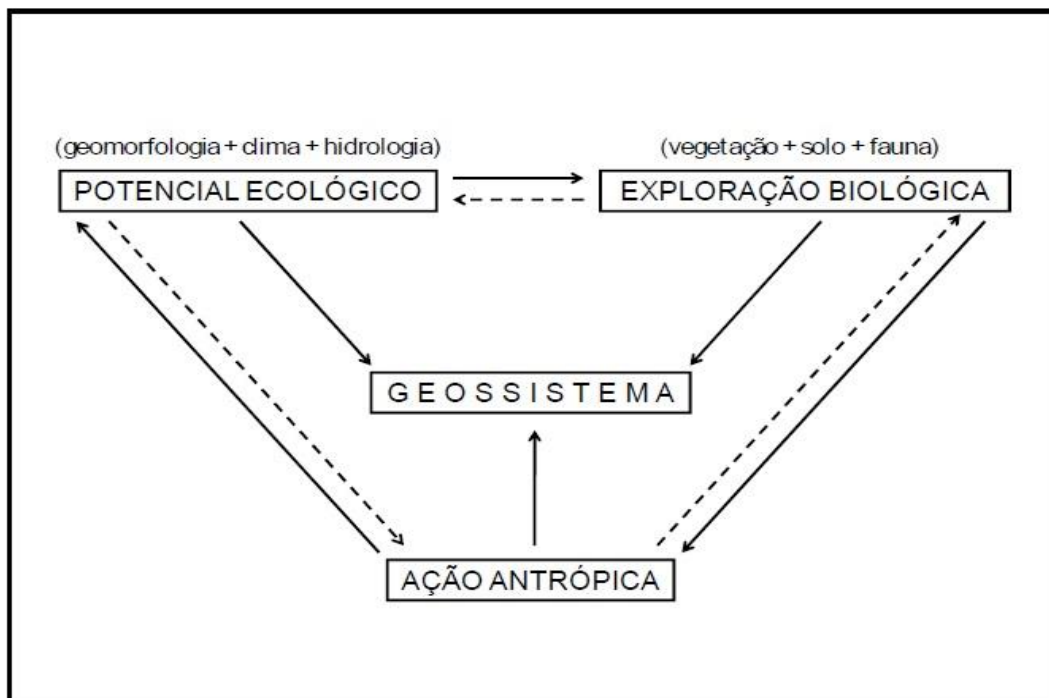


Figura 05: Esquema de funcionamento do Geossistema. Bertrand (1971) *apud* Pissinati (2009).

Nesse aspecto, conforme os apontamentos de Bertrand (2004), o potencial ecológico define-se pela interação dos fatores geomorfológicos, climáticos e hidrológicos presentes no espaço de abrangência do geossistema. A exploração biológica vem fixada na combinação dos elementos como a vegetação, solo e a fauna. A ação antrópica é o modo com que o homem se apropria de determinado espaço. Quando o potencial ecológico e a exploração biológica encontram-se em equilíbrio, temos o que é chamado de clímax geossistêmico.

Conforme ressaltai anteriormente, o geossistema permitiu que as análises ambientais fossem feitas de maneira mais integrada, onde o recorte espacial de estudo deveria ser visto como um conjunto, levando em consideração o dinamismo dos elementos como um todo, e não de forma fragmentada. “A subdivisão dos geossistemas possibilita estudar unidades de paisagens classificando-as e correlacionando-as ao potencial de uso à interferência social no ambiente” (NASCIMENTO; SAMPAIO; p.172, 2004/2005). Levando em consideração que o geossistema refere-se, na maioria das vezes, a um agrupamento de “[...] paisagens diferentes que representam os estágios de sua evolução” (BERTRAND; *apud* PISSINATI; p. 8, 2009), onde não se apresenta obrigatoriamente uma uniformidade funcional. Lembro aqui as palavras de Bertrand (2009), quando afirma que “O complexo território-paisagem é de alguma forma o meio ambiente no olhar dos homens, um meio ambiente com aparência humana.” (BERTRAND; p.290, 2009). E, cada vez mais, o meio ambiente vem ficando com essa “aparência humana”, muito por conta da ação antrópica desgovernada, sobretudo no que diz respeito à exploração econômica, que afetam significativamente os geossistemas.

Esclarecendo um pouco mais sobre geossistemas e evidenciando que os mesmos são fornecedores de informações sobre os potenciais da natureza, Passos (2016) explica que o termo

[...] está estreitamente ligado com as linguagens, os conceitos e os métodos das ciências da natureza. Ele introduz a dimensão geográfica nos estudos de meio ambiente natural privilegiando a dimensão histórica (impacto das sociedades) e a dimensão espacial (vertical: geohorizontes, e horizontal: geótipo, geofácies, geocomplexo etc.), campos nos quais ele é mais eficiente que o ecossistema. (PASSOS; p.61, 2016)

Importante destacar que o geossistema encontra-se dentro de uma conceituação da paisagem criada por Bertrand, onde o autor dividiu a escala de análise em uma hierarquia de seis unidades de grandeza, as superiores sendo zona, domínio e região, e as inferiores, geossistema, geofáceis e geótopos. Dentro do geossistema temos então os

geofáceis e geótopos. Sobre as unidades inferiores, que são as que me interessam nessa pesquisa, Rosolém e Archela (2010) esclarecem:

[...] as unidades inferiores são classificadas em geossistema, definidos como unidades fisionômicas homogêneas, sendo um complexo geográfico e a dinâmica do conjunto; as geofácies que representa uma subdivisão destas unidades com seus aspectos fisionômicos; e o geótopo, a menor unidade geográfica homogênea classificada e o último nível de escala espacial. (ROSOLÉM; ARCHELA; p. 5, 2010)

Deste modo, podemos afirmar que o geossistema é mais vasto quando comparado com o ecossistema. Conforme a proposta de Bertrand, o seu perímetro “[...] pode variar de alguns a centenas de quilômetros quadrados. Sua dinâmica é expressa por meio do estado e das relações entre os geofácies e geótopos.” (SOUZA, p. 54, 2015)

Contudo, sendo o geossistema um conceito naturalista, fez-se necessário uma elaboração teórica mais ampla, que desse conta de abranger o espaço com sua natureza/sociedade de forma integral e não mais em fragmentos,

Surge, assim, a necessidade de utilização de conceitos que promovam a consideração das diversas dimensões espaço-temporais e que possibilitem ênfase das relações societárias e que permitam analisar processos originados distante do espaço de referência da pesquisa. Os conceitos de território e paisagem irrompem, e agregam ao conceito naturalista de geossistema, circunstanciais sociais, indispensáveis a este tipo de análise. (VIEIRA; n/p, 2011)

Buscando ampliar o geossistema, Georges Bertrand, em 1997, propôs nova abordagem teórico-metodológica de análise do meio ambiente, o sistema tripolar GTP - Geossistema (*Source*), Território (*Ressource*) e Paisagem (*Ressourcement*) (BERTRAND; BERTRAND, 2007 *apud* NEVES, 2015), considerando que, na medida em que o conceito geossistema é conectado

[...] a outros com entradas sociais mais relevantes como território e paisagem busca-se compreender a complexidade, diversidade e simultaneidade dos processos espaços-temporais que caracteriza um fenômeno ambiental. (VIEIRA; n/p, 2011)

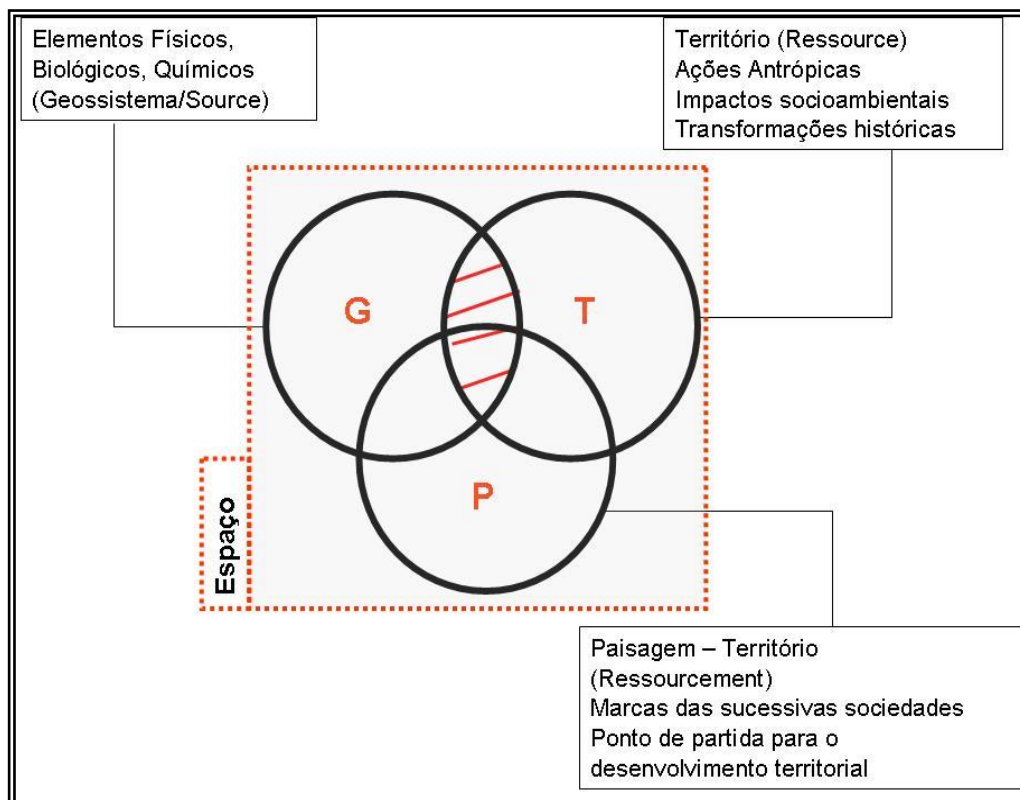


Figura 06: Representação do sistema GTP, conforme a proposta de Georges Bertrand. Cada uma das esferas representa um conceito – G (geossistema), T (território), P (paisagem). É no ponto de intersecção entre elas que deve se situar a análise geográfica. A convivência dinâmica destas esferas define o e confere movimento ao espaço geográfico. Fonte: SOUZA, 2010.

Conforme Passos (2016), o GTP diz respeito a uma “[...] *uma estratégia tridimensional, em três espaços, e em três tempos*” (PASSOS; p.79, 2016, grifo do autor). Dentro deste sistema, o Geossistema faz referência a uma dimensão antrópica, sendo considerada a entrada naturalista, ou seja, a fonte (*Source*). O Território é posto como o recurso (*Ressource*), onde se realizam as ações de caráter social e econômico, sendo assim considerado o espaço-tempo das sociedades (PASSOS; 2009). E, por fim, a paisagem, que é a entrada sociocultural, a representação da arte e da estética que é refletida pela sociedade na medida em que a mesma (re)molda os espaços, sendo assim, é considerada o ressurgimento (*Ressourcement*). Para Souza (2015):

Denomina-se entrada naturalista aquela do geossistema, a fonte, a natureza sob impacto direto ou indireto da ação antrópica. Esta fonte se torna recurso no âmbito das dinâmicas territoriais, conforme os interesses das sociedades. Tal processo produz novas e altera velhas formas do espaço, sinalizando um determinado tipo de relação da sociedade com o meio, indiciando um padrão cultural; são as paisagens assumindo o caráter de indicadoras das dinâmicas socioambientais. (SOUZA; p.67, 2015)

Desta maneira, de acordo com a proposta de Bertrand, é necessário que os três conceitos sejam observados de forma conjunta, com enfoque nas transformações do espaço por meio da compreensão das dinâmicas socioeconômicas no âmbito do território-paisagem. Ou seja, os conceitos (geossistema-território-paisagem) mesmo permitindo uma análise global, devem ser trabalhados conjuntamente (SOUZA; 2015).

Por meio do GTP, é possível compreender um recorte espacial de forma individual, mas também no seu conjunto de ações de forma homogênea, tendo em vista que um conceito se encontra presente nos outros. Trata-se de três conceitos iniciais que, interagindo dialeticamente entre si, são capazes de representar a dinâmica de certo ambiente, bem como, as inúmeras problemáticas de física, socioeconômica e cultural que se fazem presentes em determinado espaço. O GTP está baseado numa proposta de se compreender o espaço de forma interdisciplinar, permitindo a junção dos fatores ambientais e sociais. Desta forma, torna-se um conceito importante para a Geografia, sendo que essa objetiva a assimilação da relação homem- natureza em suas diversas faces.

Além disso, o GTP proporciona uma nova forma de ver e compreender a paisagem, visto que a paisagem não se trata apenas de natureza, mas sim de uma construção humana (PASSOS; 2016) sobre o espaço, e que a presença de um geossistema só é possível se existir algum tipo de intervenção antrópica, isso sob a influência de ações humana num determinado território.

O geossistema e território, no âmbito deste trabalho, embora não compareçam explicitamente nas análises, eles foram pensados como uma contribuição para entendimento das dinâmicas paisagísticas na percepção dos moradores que tiveram suas propriedades atingidas pelo lago da UHE na comunidade de Rio Branco. Isto porque se considera que tal interação entre natureza e projetos da sociedade implantados no espaço e modificadores das dinâmicas físicas - além da criação de novas formas paisagísticas - traduz mesmo um modo de se entender a realidade, que é o modo geográfico.

Assim sendo, é importante destacar o conceito de território, o qual diz respeito a “[...] um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, p. 78, 2014). A partir disso, é essencial correlacionar o recorte de estudo a esse conceito, tendo em vista as relações de poder que o espaço da comunidade esteve/está submetido por meio da implantação da UHE de Itá-SC. Em concordância com o que abordei no capítulo de discussão referente a área de estudo e também conforme as entrevistas feitas

com alguns moradores da comunidade de Rio Branco, a empresa responsável pela construção da UHE-Itá (Gerasul) em nenhum momento pediu permissão para os moradores para que as águas da barragem pudessem ser direcionadas a esse local. Simplesmente, os moradores que tiveram sua propriedade coberta pelo lago, receberam um comunicado de que precisavam se retirar e que seriam relocados para outra área. Isso representa nitidamente a relação de poder, por parte da empresa, diante do território da comunidade de Rio Branco. Os moradores, mesmo sendo donos de suas terras, casas, lugares e vivendo lá durante anos, não tiveram escolha, a não ser abandonar os seus lugares e, conseqüentemente, deixar para trás muito de suas paisagens. . No próximo capítulo, passaremos para essa discussão.

3.4 BREVES CONSIDERAÇÕES

Enfim, analisar a paisagem vai muito além de descrições de certo lugar. Falar de paisagem é, acima de tudo, falar de sentimentos. É compreender que a natureza que nos rodeia é, além do espelho de nossos costumes, a inspiração dos nossos costumes, da nossa vida e da vida de outras pessoas. A paisagem, além de ser a junção de elementos naturais e sociais num determinado espaço, representa um conjunto de emoções, recheada de marcas de tempos, de apego e apreço das diferentes pessoas que em algum momento construíram um mínimo de história de vida naquele lugar. A partir de agora, será apresentada a análise das entrevistas com os moradores da linha Rio Branco.

4 A GEOGRAFIA NOS SEUS OLHOS – IMPACTOS DA UHE NAS PAISAGENS DOS MORADORES DA LINHA RIO BRANCO

4.1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

A fim de analisar os impactos da UHE na comunidade de Rio Branco, por meio da percepção dos moradores atingidos pelo lago do empreendimento e a transformação de suas paisagens, não basta apenas focar no conceito paisagístico de viés ecológico dentro da Geografia, precisa-se ir um pouco mais além disso.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, neste capítulo será apresentada uma breve discussão sobre o que é percepção, tentando mostrar como é possível fazer esse exercício nas análises de cunho geográfico e, portanto, com respaldo na concepção de percepção ambiental de Livia de Oliveira. Em seguida, apresentarei as entrevistas que realizei com os moradores da comunidade Rio Branco, juntamente com a análise das mesmas.

4.2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Perceber vai além do apenas observar. Eu posso observar a forma com que os elementos estão presentes em um determinado espaço, mas, é somente por meio da percepção que vou compreender o dinamismo ali presente. A ênfase que dou aqui é na percepção ambiental, ou seja, a forma de perceber o meio ambiente. Oliveira (2009) nos apresenta uma colocação interessante quanto a isso, trata da percepção ambiental como algo de difícil definição, “[...] mais vale experienciá-la do que defini-la” (OLIVEIRA, p.154, 2009).

A percepção será sempre variada de acordo com o interesse de cada um e também de acordo com suas histórias de vida. O caso dos reflexos da UHE de Itá-SC em Rio Branco-RS pode ser utilizado como um exemplo dessa variação. Alguns moradores, que tiveram suas terras atingidas pelo lago, percebem o mesmo como algo bonito e interessante pelas belas paisagens que resultaram da junção do verde da natureza com aquela espécie de “rio” imenso que se faz presente atualmente na comunidade. Outros, por sua vez, percebem o empreendimento como uma coisa triste, algo que remete para a saudade, tanto de amigos que se mudaram para longe, quanto dos seus próprios lugares antigos que foram engolidos pelo rio que não é mais rio.

Assim, para Oliveira (2009) a percepção ambiental é bastante complexa e requer afetividade, envolve acima de tudo o sentimento das pessoas diante de determinado lugar. Também a percepção varia de acordo com o contexto cultural do grupo em que o indivíduo encontra-se inserido, podendo assim, conforme Oliveira (2009) ser “[...] experienciada em grupo ou particularizada.” (OLIVEIRA, p. 155, 2009), tendo em vista que é uma forma de avaliar criticamente ou não, o ambiente em seu entorno.

Oliveira (2009) ressalta a importância de uma percepção ambiental ligada à visão e concepção da ética diante da natureza. Precisamos admitir, primeiramente para nós mesmos, que não se trata de algo infundável.

[...] a ação humana, como resposta à percepção ambiental agrava, às vezes, a situação do campo, permitindo o aparecimento de problemas insanáveis, tais como: erosão dos solos (voçorocas) poluição dos rios e dos lençóis freáticos, queimadas, escorregamentos de barrancos, enchentes. (OLIVEIRA, p.157, 2009)

Assim, é importante perceber não somente os pontos positivos e as belas paisagens que nossos olhos contemplam, mas, voltar esse olhar aos problemas que se encontram bem ali, em nossa frente. Grandes áreas são destruídas em prol de atividades econômicas e a maior parte da população vê isso como algo natural, o que não é.

Em Rio Branco, por exemplo, alguns moradores não percebem ou, por vezes ignoram os pontos negativos no ambiente em relação ao lago, mesmo perdendo áreas de terra, amigos, lugares que configuravam parte importante da identidade deles mesmos. Para esses, o valor ressarcido pela Gerasul⁵ pagou todos os estragos causados naquela comunidade. Nesse sentido, Oliveira (2009) menciona que é preciso “[...] reconhecer os direitos da natureza [...] formar atitudes e condutas positivas e afetivas para com o meio ambiente [...]” (OLIVEIRA, p. 156, 2009), pois, o certo é que isso afeta nós mesmos e não somente o ambiente.

As decisões em relação a ações antrópicas sobre o meio ambiente, que são tomadas por nós hoje, devem ser percebidas de forma crítica em relação ao futuro do mesmo, não sendo individualistas e tendo em mente que a natureza não é

[...] estática, um cenário silencioso, uma paisagem tranquila, aprazível, nos esquecemos ou não nos apercebemos que a natureza é extremamente dinâmica, é um sistema complexo, contendo fluxos de matéria e energia e que o homem surgiu apenas há algum tempo sobre a superfície terrestre. (OLIVEIRA, p. 159, 2009)

⁵A Gerasul (Centrais Geradoras do Sul do Brasil) foi uma das empresas encarregadas pelo empreendimento da UHE em Itá. Esta foi a empresa que, conforme relato dos moradores de Rio Branco, ficou responsável pelo ressarcimento dos valores referentes às áreas territoriais das famílias que foram atingidas pelo lago.

Enfatizo aqui as palavras de Oliveira (2009) quando descreve que o poder que temos sobre o meio ambiente não faz com que mantenhamos o controle sobre ele. Até porque o meio ambiente é uma fusão de sociedade com natureza, mas, isso não significa que a natureza não tenha mais a possibilidade – em função da presença da sociedade – de continuar fluindo com suas próprias dinâmicas, ou seja, de acordo com suas próprias leis, se assim posso falar.

O nosso “poder” de devastação de grandes áreas nos permite fazê-lo de maneira cada vez mais rápida, isso por conta, também, das tecnologias que nos são disponibilizadas atualmente. Na medida em que cresce os patamares tecnológicos da sociedade, aumenta também a devastação da natureza. No entanto, muitos elementos da natureza não funcionam nesse mesmo ritmo quando se trata de reconstruir-se. Pelo contrário, esse processo é demorado e mesmo assim aquele geossistema que foi degradado jamais voltará ao seu clímax natural.

Nesse sentido, Oliveira (2009) explica,

[...] será preciso educar as pessoas a perceber e a conhecer o seu meio ambiente com suas fragilidades e seus poderes e, primordialmente, desenvolver sentimentos de afetividade. Não basta conhecer, é indispensável amar, gostar da natureza, quer urbana, rural ou selvagem. Gostar implica respeitar, “cativar”, reverenciar e aceitar, não como simples emoção, mas com o intelecto, com a esperança de melhoramentos. (OLIVEIRA, p.160, 2009)

Oliveira (2009) fala ainda da relação de topofilia de Tuan, que nada mais é do que o apego, apreço que desenvolvemos para com o lugar, seja ele onde vivemos atualmente ou lugares que de alguma forma marcaram nossa história de maneira significativa. Para Oliveira (2009) não podemos esquecer que “[...] o despertar de sentimento topofilico, também apresenta o seu reverso: o sentimento topofóbico.” (OLIVEIRA, p. 161, 2009). Da mesma maneira que admiramos e demonstramos apego a determinado lugar, algumas de nossas lembranças podem se tornar algo que nos incomoda e nos perturba emocionalmente. Isso talvez, por nos fazer lembrar pessoas especiais que já não estão mais por perto ou por despertar saudade, tristeza de acontecimentos que se concretizaram nesse lugar.

Enfim, precisamos ir além no que diz respeito ao sentimento para com a natureza, se faz necessário voltar o olhar às “[...] razões estéticas e morais, além das econômicas e ecológicas, para preservar e conservar paisagens geográficas e históricas” (OLIVEIRA, p.162, 2009).

Por isso que, com este trabalho, traçou-se como objetivo identificar os sentimentos das pessoas que foram afetadas pelo enchimento do lago da UHE de Itá e

que chegou na linha Rio Branco, do outro lado da divisa estadual. É isso que permite voltar os olhos especificamente para a questão da transformação (incisiva) da paisagem e o modo como isso afetou ou ainda afeta a interpretação que os moradores da linha Rio Branco têm do seu espaço de vida cotidiana.

4.3 TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM POR MEIO DA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE RIO BRANCO

A realização das entrevistas ocorreu mediante trabalhos de campo feitos na comunidade de Rio Branco nos dias 15 e 29 de abril de 2017. A partir de agora, a fim de facilitar a leitura, o texto foi organizado em 10 quadros, cada um contendo uma das questões utilizadas na entrevista e as respostas de todos os 10 moradores entrevistados. A seguir de cada quadro será apresentada uma análise feita a partir das respostas dos moradores e dos referenciais teóricos utilizados para a elaboração da pesquisa.

Questão 1: Você gosta deste lugar? Por que?	
Relação dos entrevistados	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	Eu gosto. Eu gosto porque nasci e me criei aqui, mas devo também dizer que agora eu fico um pouco aborrecido por conta que se pegamos em poucas pessoas né, e não se tem mais aquela... aquele coleguismo que se tinha antes da barragem né?! Então eu sinto a falta dos que saíram.
Entrevistado (a) 2 Sr.(a) ES	Sim, porque (risos). Porque eu nasci aqui, me criei aqui daí...
Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS	Amo! Porque aqui é... aqui é... o que que eu vou te dizer.... Aqui é... nasci aqui, aqui tu senta, tu óia pra natureza, tu óia o lago, tu se sente bem!
Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS	Eu gosto, por isso sim! Porque me criei aqui e sempre gostei de morar aqui, e... e não é por qualquer lugar que a gente se troca né, porque a gente já sabe, acostumou aqui, de morar aqui. <u>Só que perdemos os vizinho né, que nós tinha!</u> <u>A vizinhança que nós tinha porque antes nós tinha vizinho... e agora não tem mais ninguém!</u> ⁶ Perdemos os vizinho, a única coisa, senão... senão, eu não falo mal da... da empresa né!?

⁶ A maioria das entrevistas foi realizada nas casas dos próprios moradores, assim sendo, muitas vezes o casal estava junto, neste caso, onde as respostas encontram-se sublinhadas são fragmentos que o marido ou a esposa do(a) entrevistado(a) fazem uso da palavra.

	<p>Porque a empresa não foi ruim né, a gente.. eles... o cara que soube viver, soube fazer as coisas eu acho que... ahh, alguém tinha que ficar, não adianta! Eu tive oportunidade de querer, se eu queria sair, podia sair de novo depois, me mandaram entrar na justiça pra eu, me ser indenizado tudo, mas eu não vou me queixar da empresa.</p> <p><u>Todo mundo vem aqui diz, não vão sair, não saiam de lá, ficam ali, que é um lugar bonito, vocês tão tranquilo...</u></p> <p>Tu vai querer o que também, não adianta, é tudo viver.</p>
Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB	Gosto! Ah.. acho porque eu nasci, me criei aqui e... e gosto do interior também.
Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB	<p>Ahh... imagina!!! Por os antigos amigos que tinha aqui, e já quem saiu, quem morreu, eu sempre me lembro daqueles. Né?! Também do pai do Vitalino, moremo vizinhos muitos anos!</p> <p><i>Por isso que o senhor gosta tanto de morar aqui?</i></p> <p>Magina!!!! Nunca tivemos um ini.. um que não é amigo da gente, nunca briguemo com ninguém ! Graças a Deus!</p>
Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP	Eu gosto! Mas, eu acho que eu me criei aqui, a própria comunidade, tu tá com teus amigos.
Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB	<p>Sim! Gosto! Nasci e me criei aqui.</p> <p><i>Além disso, tem mais algum motivo que tu gosta de morar aqui?</i></p> <p>Não, é um lugar sossegado, tranquilo sem... sem transtorno nenhum, silencioso...</p>
Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB	Gosto... porque eu nasci aqui na... nas terra aqui né, e daí eu sempre gostei... da comunidade e tudo daí por isso que tô morando aqui ainda.
Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB	Eu gosto. Gosto porque nasci aqui né. Ah... porque o pessoal daqui é todos gente simples né, e convivemos todos desde criança juntos né, então... acostumado aqui na verdade né, o pessoal gosta um do outro, todo mundo fica amigo né?! Então, por que não gostar do lugar né?

A partir da questão em que se buscou a relação afetiva dos entrevistados com seu lugar/paisagem, nota-se como elemento comum no discurso deles o fato de que todos gostam de viver na Linha Rio Branco.

Os 10 entrevistados se remeteram ao nascimento e/ou criação no local como primeira forma de justificar o seu apreço, a sua ligação. Muito comum nesta primeira rodada de respostas foi a referência às relações de amizade e com os vizinhos. O entrevistado 3 mencionou a natureza, olhar para o lago e sentir-se bem. Esse é um ponto interessante porque nos faz pensar que, nem sempre, as pessoas têm uma relação de rejeição com aquele empreendimento hidrelétrico e aparecem alguns discursos mais ambíguos.

O entrevistado 4 também oferece um exemplo de discurso mais contraditório: ele diz que não vai falar mal da empresa, que a empresa não foi ruim, porém, imediatamente ele se refere à perda dos vizinhos como uma queixa que veio junto com a resposta à questão. Além deste, os entrevistados 1 e 6 também falaram sobre a importância dos laços de amizade e de vizinhança e o 1 deixa bem claro as relações de coleguismo que se tinha mesmo antes da barragem.

Um ponto muito específico compareceu também na resposta dada pelo entrevistado 4: o olhar do outro, a opinião do outro como forma de afirmar uma afetividade com o lugar que deveria ser a dele. Será que isso poderia ser indicativo de alguma insatisfação?

Mesmo já com alguns apontamentos que foram para além da intenção com esta pergunta, pôde-se constatar que todos eles têm um vínculo afetivo com a Linha Rio Branco. A seguir, passamos para a análise das respostas à questão que teve como meta analisar o grau de apego do entrevistado com seu lugar/paisagem.



Fotografia 07: Momento de realização da entrevista com um dos moradores. Fonte: SCHMIDEL, N. P.

Questão 2: Há quanto tempo reside aqui? Já pensou em morar em outro local? Por que?	
Relação dos entrevistados	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	Tenho 52 anos, tenho saído por três anos estudar e mais dois que morei no Mato Grosso, são cinco anos, então são 47 anos de vivência. Tentei ir para outro lugar, mas voltei antes de vir a barragem ainda e continuei aqui. Mas, ainda hoje penso em sair por conta da falta de companhia. Por isso é o que mais me leva... a falta de pessoas e a falta principalmente dos amigos de infância.
Entrevistado (a) 2 Sr. (a) ES	Eu é desde que nasci, 46 anos. Ah, eu nunca pensei até em sair daqui até hoje. Não sei, um dia se o cara, ma... eu nunca pensei em sair. Agora o cara tá, tem as coisas aqui. <i>E por que tu nunca pensou nisso?</i> Porque, tá bom de morar aqui.
Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS	52 anos. Não, nunca. Ah... até assim sabe, nunca, nunca.... Eu já pensei às vezes de.. de... Se tivesse como eu morar em Erechim que tem os meninos que mora lá né!?! (<i>filhos</i>) E nos fim de semana vir. Mas não abandonar

	o Rio Branco. Não abandonar.
Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS	Desde que nasci.
Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB	Ah, desde que nasci! Morava debaixo aí antes de vim o lago, depois se mudemo pra cima e... <i>Já pensou em mudar para outro lugar?</i> Ma... Se pensa mas, decidir de ir, pensar em sair não. <i>E por que nunca pensou?</i> Ah... Talvez tivesse lugar melhor, certamente tem né, mas, eu não pretendo sair agora que eu tô trabalhando aqui no meu emprego. Gosto desse serviço que eu faço.
Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB	Nascemos os dois aqui em Rio Branco, ela tá com 86, a me ganha um pouco, mas nascemos aqui em Rio Branco os dois.
Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP	33 anos. Até agora não! Ah... Aqui tá bom, sossegado, tranquilo.
Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB	Eu nasci aqui, com 56 anos... são 56 anos que eu vivo assim. Não... não pensei porque eu gosto muito daqui. Porque eu gosto, meu pai e minha mãe tão com 85 anos e nasceram aqui, vivem aqui, eu ainda vivo aqui com eles.
Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB	Ah... eu sempre desde que nasci sou aqui de Rio Branco, aqui da comunidade aqui. Eu morava numa outra comunidadezinha, mas vim de pequeno vim morar aqui e tô aqui até hoje. Nunca, por enquanto não, porque eu gosto, fui criado aqui e gosto da minha terra natal né.
Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB	Eu nasci aqui. 46 anos. É... agora não, mas de novo eu tinha, até tinha pensado né, mas como que o pai e a mãe nasceram aqui, tão ainda vivos e tão morando aqui ainda, não tem como sair de perto do pai e a mãe também né?! Porque é... longe da família. Ah... na verdade porque a... o... temo em bastante da família né, tem 5 irmãos homem, morando até perto do pai ali, a mãe ... e eu pensei, alguém tentar sair pra ver, ver se... como que é né, se muda alguma coisa, né daqui porque acostumado aqui, mas, tentar em outro lugar, mas, o coração puxa pra fica aqui né, com o pai e a mãe.

Nessa segunda questão, um fato em comum é que os 10 entrevistados nasceram na comunidade, ou seja, fazem parte da mesma a vida inteira.

Dentre todos, um fator interessante é que somente o entrevistado 1 ainda pensa em sair, mas, isso unicamente por conta da solidão que sente depois que os amigos de infância se foram para outros lugares, distantes de Rio Branco. A questão de apego ao lugar apresenta-se de forma bastante significativa entre todos os moradores. Os moradores 2, 3 e 9 salientaram que nunca chegaram a pensar em sair daquele lugar, pelo menos até hoje.

Ainda, a entrevistada 3 salientou que até sairia da comunidade durante a semana para poder ficar junto dos filhos que não moram mais com ela, no entanto, não iria abandonar o Rio Branco, pois, nos finais de semana pretendia voltar.

O entrevistado 10 destacou que pensou em sair, mas, o coração puxa para permanecer na comunidade, próximo aos pais que nasceram e se criaram lá também. Nesse sentido, pode-se perceber como os laços familiares contribuem para a permanência de alguns dos moradores na comunidade.

Questão 3: Mostrei duas imagens da linha Rio Branco, retiradas do Google Earth, uma do ano de 1998, quando ainda não tinha a presença do lago da UHE e a outra do ano de 2015, já com a presença do lago. Seguidamente, fiz o seguinte questionamento: Ao olhar essas duas imagens, lado a lado, qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça?	
Relação dos entrevistados	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	Saudades... saudades!
Entrevistado (a) 2 Sr. (a) ES	Ah... que vontade de ver. Saudade dos... da terra que tava antes de vim o lago.
Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS	<i>(suspira profundamente...)</i> Disso aqui <i>(apontando pra imagem de 1998)</i> eu sinto bastante saudades, porque aqui foi embora os meus amigos que... aqui era... era o tempo que nós morava aqui, todo o pessoal do Rio Branco, chegava a noite era aquelas turma de gente na estrada e se reunindo numa casa pra fazer filó, e dar risada e comer pipoca. Agora não, agora aqui é bom morar, maravilhas né! Só que não tem mais esses costumes. Tu chega à noite é cada um na casa dele e deu.
Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS	<i>Que tu achas que, quando tu enxergas as duas imagens?</i> <u>De antes e agora? Ah, eu lembro bastante de antes sim, por causa das vizinhança....</u> A gente se alembra sim, mas só que também a gente acha uma paisagem bonita agora... é duas coisas... que não dá pra dizer que tá ruim ou tá bom, é... duas coisas tava bom né!? <i>E o que tu lembrás assim, quando tu olhas para essas duas imagens? Tu lembrás de alguma coisa específica?</i>

	Ah, a gente a primeira coisa que se alembra é dos vizinho! Dos vizinho né, que a gente... a gente se dava com todo mundo, e é por isso que a gente, uma coisa que a gente... na realidade que se alembremo seguido, é dos vizinho né!? Que a gente tem... tem lembrança dos vizinho né!
Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB	Sei lá... ah... que dá saudades da onde que... que se morava também né! Do que se fazia também, toma banho nos rio que tinha né, hoje é só lago né!?
Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB	⁷
Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP	O pedaço de terra plana que foi consumida, embaixo da água.
Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB	Com grandes lembranças, saudades do... do tempo do Rio Branco antigo.
Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB	Que vem o que foi na água, embaixo da água ali, o que, onde que era que nós residia antes, que morava... a gente se lembra.... e a população, os moradores né, era tudo mais gente, mais perto...
Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB	Na verdade, pra nós aqui é a diferença é que tá faltando o pessoal que tinha ali, onde morava ali no lago né!? Agora veio o lago aí, o pessoal que estava aqui saiu (<i>apontando pra imagem de 1998</i>) agora tem... só tu vê água né? Então é... se sente saudades do pessoal que saiu né?!

Nesta questão, procurei perceber quais eram as reações dos moradores ao analisarem duas imagens da comunidade, sendo uma de antes da chegada do lago e a outra já com a presença do mesmo. As imagens de satélite eram dos anos de 1998 e 2015.

Esta questão causou inúmeras reações sentimentais nos entrevistados, pois, as respostas se apresentaram de formas variadas. Na medida em que observavam as duas imagens, muitos paravam por um instante com uma expressão de indagação. Talvez, por trazer à tona uma série de questionamentos em relação à chegada do lago na comunidade, que foram esquecidos com o passar dos anos.

A partir da observação da imagem de 1988, os moradores ressaltaram a saudade daquele tempo. A saudade, no entanto, não era do espaço que foi coberto pelo lago, mas

⁷ Por se tratar de um idoso com problemas auditivos e de visão, seu filho pediu para que fosse feito somente algumas questões para o Sr. B.B. Neste caso, optei não demonstrar as imagens de satélite da transformação sofrida na comunidade com a chegada do lago.

sim, a ênfase percebida nas respostas é com relação aos amigos e vizinhos que eram parte daquele lugar, sendo que os moradores 2, 3, 4, 9 e 10 falaram da falta que sentem dos moradores da antiga comunidade. Isso é um indicativo do forte companheirismo que os moradores tinham na antiga comunidade e dos laços de vizinhança que foram rompidos com a chegada do lago. A entrevistada 3 enfatiza a quebra das relações e costumes de vizinhança que eram próprios da comunidade e, após a relocação, tornaram-se apenas memórias, como é o caso do filó⁸, atividade de lazer muito presente na vida dos moradores antes da presença da barragem. Nesse sentido o morador DB menciona a proximidade que existia em relação às famílias, segundo ele, “[...] *era tudo mais gente, mais perto...*”.

O entrevistado 4, além da questão de lembranças da antiga vizinhança, aponta também o fator de hoje em dia ter uma “*paisagem bonita*” na comunidade. Para ele estava bom antes, mas, agora também. Porém, como outros moradores, também lembra muito dos vizinhos que saíram.

Contudo, o entrevistado 7 foi o único que mencionou o “*pedaço de terra plana que foi consumida, embaixo a água*” como primeira imagem que lhe vem em mente ao analisar as duas imagens apresentadas. A partir da resposta de DB é possível perceber a forte influência da questão do lugar na vida do mesmo. Provavelmente, é a partir dessa lembrança da terra plana, pertencente ao morador na antiga comunidade, que as memórias de vivência e pertencimento àquele lugar são respaldadas, pois, foi naquele espaço que o entrevistado construiu sua história de vida e suas paisagens repletas de sentimentos e emoções.

⁸ Filó, neste caso, diz respeito a uma antiga tradição da cultura Italiana, onde as famílias se reúnem em alguma casa de amigos, levam vários tipos de comidas típicas, alguém às vezes toca gaita (instrumento musical) e promovem o tal filó. Na verdade, é um encontro de trocas de experiências de todos os tipos.



Fotografia 08: Momento de realização da entrevista com um casal de moradores de Rio Branco. Fonte: SCMHIDEL, N. P.

Questão 4: Como era esse lugar no passado, antes do enchimento do lago? E em sua opinião, quais foram as principais mudanças?

Relação dos entrevistados	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	Era um lugar bastante alegre, com bastante pessoas inclusive que viviam e se conviviam aí né?! E se tinha bastante alegria, se tinha vários esportes, tanto é que só na linha Rio Branco existiam dois times de futebol, dois campos, que formavam quatro times, e hoje não se dá conta de formar um time de futebol sequer, então isso é que no passado, quando remeto o pensamento no passado sinto saudades e aquele pessoal alegre que ali vivia e se convivia... <i>Principais mudanças:</i> social, social, uma mudança social radical onde as pessoas tiveram que se mudar sem querer. Os que foram embora por razões, se mudaram geograficamente, os que ficaram aqui tiveram uma mudança geográfica que é impagável financeiramente. Então tu não encontra mais as pessoas que costumeiramente se

	<p>encontrava.</p> <p><i>E na paisagem, o que na sua opinião mais mudou?</i></p> <p>Na paisagem, que não é mais aquilo, tu não vê mais a igreja que existia, as casa que existia, a vila teve uma mudança abrupta assim que, Rio Branco não é mais o Rio Branco antes de 1998, atrás. Então é uma vila, quer queira ou quer não, diferente.</p> <p><i>E ali no campo da Baixada, tu lembras bastante, assim, dos eventos que eram feitos ali?</i></p> <p>Eu, eu inclusive fui um dos idealizadores da construção daquele campo. E ali é onde que a gente mais tinha alegria e onde mais se farreava, porque era um lugar fora da vila e que ali você ficava, todo o pessoal unido. E ali se via muito, muita felicidade e alegria.</p> <p><i>Ali no campo da baixada?</i></p> <p>No campo da Baixada principalmente. As pessoas foram saindo gradativamente, quando se percebeu, o lago tava feito.</p>
<p>Entrevistado (a) 2 Sr. (a) ES</p>	<p>Era bom. Melhor até porque quanta gente foi embora, e que... os vizinho que nós tinha, quantos vizinho que se tinha, agora não se tem mais. Quais foram as principais mudanças com o enchimento do lago? Ah... primeiro lugar fomo indenizado. E outra que, primeiro lugar foi os vizinhos que foram todos embora. Que nós tava... a comunidade nossa veio pela metade quase, porque aqui da... da vila pra baixo, quanta gente que tinha...</p>
<p>Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS</p>	<p>Como que eu te digo... mais... assim, de mais famílias? Tinha mais famílias.... mais famílias, mais pessoas.... mais famílias, mais casas perto que morava né!? E o pessoal foi saindo, e o que que eu posso te dizer... o pessoal foi saindo e ficou menos gente né, só assim que tá a diferença né!? (<i>principais mudanças</i>) Foi mais a mudança da... da... assim, mais as estruturas das casas estão melhor, desde a estrutura da igreja, a estrutura do salão melhorou muito porque é tudo novo. Essa foi uma mudança que teve.</p>
<p>Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS</p>	<p>Pra mim? O que que era... olha, uma parte boa, nós tinha melhor antes, vamos se dizer, os vizinhos, a gente tinha comércio, tinha tudo aqui na nossa comunidade e hoje não temo né!? Mudou um pouco esse sistema né!? E... mas senão, vou te dizer como? A gente se acostumou agora né!? É muito tempo que passou, se acostumou com como que tá agora né!? Mas a gente gostava antes também, não adianta né! <i>Principais mudanças:</i> Ah... as famílias foram embora, comércio, o negócio</p>

	<p>que mudou pra nós, a gente se lembra é comércio que nós tinha, bom, o Vitalino sabe né!? A gente tinha, mais gente, mais pessoal. <u>Antes nós não via água, o rio né, e agora tá ali perto.</u> Só que agora a gente... a paisagem é... é uma coisa bonita também agora né!? Mas de antes e agora, antes era assim, que faz falta os comércio, os caminhão que a gente tinha aqui. Precisava uma frete, a gente tinha tudo aqui né!? Tinha os caminhão, tinha tudo o que precisava pra qualquer tipo de frete a gente tinha. Hoje se tornou mais difícil por essa parte, aqui na nossa comunidade né!? É aqui que tu quer saber né? E hoje, a gente se sente também bem, porque é uma paisagem bonita e coiso né?!</p>
<p>Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB</p>	<p>Ah... tinha os lugar, os lugarzinho, os campinho de futebol que se jogava. O rio Dourado que se ia muito tomar banho. <i>Principais mudanças:</i> Ah... faz falta o pessoal que foi embora né? Os amigo que se... foi se criado junto né? e ... E hoje não tão mais ali.</p>
<p>Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB</p>	<p><u>Ah, tinha um riozinho pequeno só que passava!</u> Ma Rio Branco sempre foi, agora, Mariano Moro era Bom Retiro né?! Aquela vez né, depois passo pra Mariano Moro! <i>E a comunidade mudou depois que veio o lago?</i> <u>Não, não....</u> Ah, foi trocado a diretoria. A cada quatro ou cinco anos trocam a diretoria da capela, né?! Senão permanece ainda o... gente daqui! <i>E quando veio a notícia que chegaria o lago aqui, como foi, vocês ficaram tristes?</i> <u>Não, não...</u> Ah... tristes... nós até não acreditava que vinha o lago aqui! Passaram as primeiras... passavam pela estrada, faziam sinal e tal e falavam que vinha a barragem. Eu não acreditava que vinha o rio Uruguai aqui! Mas fim das contas veio... veio! <i>Quais foram as mudanças que teve aqui na comunidade com a chegada do lago?</i> Nós morava lá em baixo e.... me indenizaram, a Eletrosul me indenizou uma partezinha da terra que eu tenho ainda lá hoje, um pouquinho aqui, ma pouco... e me deixaram toda a terra fora. Não me pagaram a terra! <i>Não te pagaram?</i> Aquela que ficou fora não! Pagou só aquela atingida, ma pagaram uma bagatela a terra, e pagavam bem aí a moradia, fronteiras, cercas</p>

	<p>de... pra potreiro, até se tinha cerca de taipa que antigamente diziam... até um metro de taipa me pagavam! Um pé de roseira que tinha no pátio assim, ela pagava! Só não pagava quase nada era a terra! Tenho dois alqueires de terra atingida, uma bagatela me pagaram a terra, mas pro resto assim, foi bem, sim, me pagaram!</p> <p>Ah, era diferente, porque tinha tudo gente... quem não morreu foram embora, por causa da barragem né?! Então... muitos morreram já, porque muitos anos... o teu nono lá, o Osvaldo, vizinhemo muitos anos com o Osvaldo! Sempre vizinhos aqui!</p>
<p>Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP</p>	<p>Mas era bom demais, né Vitalino? <i>(risos)</i> Gente do céu! Te lembra ali do lado da igreja, ali, quando vocês jogavam vôlei depois, na sexta-feira santa... assim, na sexta-feira iam na reza, depois jogavam vôlei, tudo, tudo bom. É que a juventude tinha bastante, hoje não tem mais. E a juventude de hoje sai pra estudar e depois dificilmente volta, né?! Mas, eu acho que a mudança é que o pouco pessoal né!? Porque... isso o que tinha de gente, e hoje... não tem quase ninguém! O que sobrou, tipo, mais a linha Battisti, que não tem nada a ver com a barragem né! Aqui pra baixo...</p>
<p>Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB</p>	<p>Olha, era uma vida mais divertida porque existia mais gente né!? Hoje a comunidade se tornou uma miniatura né! Pouca gente, não existe mais esporte, futebol... porque falta gente né? E... comércio não existe mais. Nós tinha uma comunidade com... com o básico de uma comunidade completo. Tinha moinho, tinha serraria, nós tinha comércio, transporte... ônibus... Hoje não temos mais nada. Mudança foi o enchimento do lago e o pessoal saindo né? Porque não... não... o que sobrou de... de terra não comportava mais as forças de trabalho que existiam. Saíram à procura de mais terras né? Pra... pra sobrevivência das famílias.</p>
<p>Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB</p>	<p>Ah... é que hoje, era a sociedade ela era mais que a met.... maior do que é hoje quase que o dobro, certo, o dobro né! Só que depois que veio o lago, bastante famílias saíram, umas se relocaram pra cima, ficou muito pouco, a comunidade tá bem pequena agora por causa... mais por causa do lago né!? É, o... o que que eu vou dizer, mais chegada do lago... uma parte é bom por causa da água, bastante água, uma natureza assim que a gente vê todo dia, bonito, tudo... na outra parte é que daí a gente sente falta de bastante gente que tava ali</p>

	morando, tariam até hoje e não tão mais... amigos, vizinhos, desde a família, gente da família memo né!? Tiveram que se relocar.
Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB	<p>Ahh... era diferente de hoje né!? Porque tinha mais pessoal, tinha mais gente né!? Então, era mais divertido, promovia um... uma promoção aí, tinha bastante gente né?! Hoje tu promove se... depende do pessoal de fora se participa dá bom, senão só daqui é menos né?! Pouca gente né?! Ahh.. mudança deu na verdade que mudou mesmo foi assim, as comunidade, principal mudança foi essa de... de tá em menos gente pra conviver né!? Vizinhança. Hoje se perguntar pro teu pai também que nasceu aqui ele... naquele tempo nós fazia filó toda a noite, hoje tu não arruma um pessoal pra fazer um filó...</p> <p><i>Hoje vocês não fazem mais filó?</i></p> <p>Ah, é difícil né?! Tu vai até na casa dos irmãos aí, mas não é um filó de antigamente que nós ia pela rua todas noites pra fazer filó na casa dos vizinhos, até nas gente mais longe, não era só nos vizinho, era bastante gente, e hoje se tu não convida um irmão que é vizinho não vai ninguém né?! Porque não tem mais né!?</p> <p><i>Tu achas que saiu bastante gente daqui com a chegada do lago?</i></p> <p>Saiu! Ah... eu acho que umas 30 famílias certo né!?</p>

Nesta questão, o intuito foi observar de que maneira o entrevistado interpretou e ainda vem interpretando as mudanças ocorridas em função do empreendimento. O primeiro fato que chama muito atenção nas respostas foi a questão dos moradores sentirem falta do pessoal que saiu da comunidade por conta da chegada do lago, o que foi percebido muito fortemente durante todo o questionário.

Oito entrevistados ressaltaram que a principal mudança foi que, antes da presença do lago, a comunidade possuía um grande número de pessoas. Conforme o Sr. AV, no Rio Branco tinha “[...] dois campos, que formavam quatro times e hoje não se dá conta de formar um time de futebol sequer [...]”. O mesmo morador relata ainda, que no Campo da Baixada era o lugar onde existia mais alegria, isso me remete à reflexão da importância desse campo na vida dos antigos moradores da comunidade, sendo que, ainda hoje ouço muito meu pai (que é um dos antigos moradores da comunidade que saíram por conta da vinda do lago) falar desse tal Campo da Baixada,

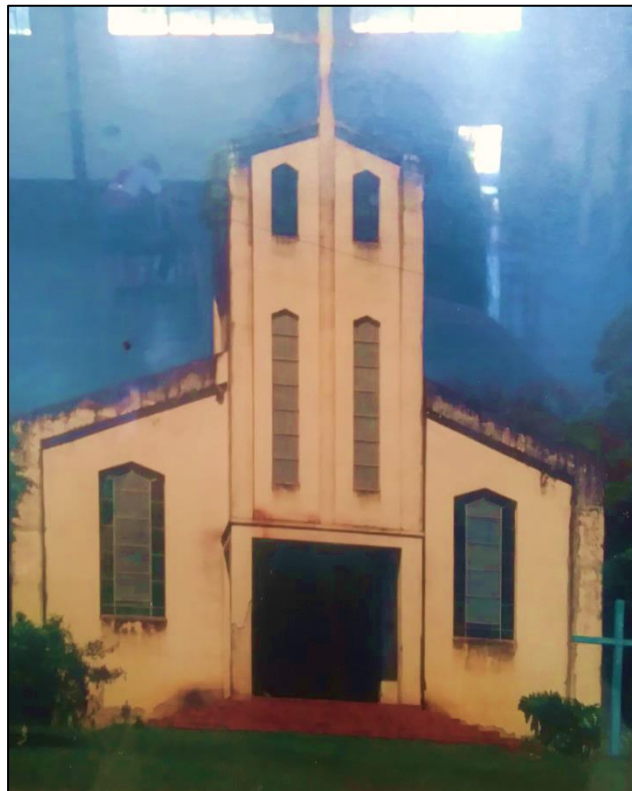
relatando fatos que ocorreram naquele lugar. O empreendimento ocasionou a saída de grande parte das famílias que formavam a comunidade, segundo o entrevistado 10, certamente umas 30 famílias foram para outras localidades.

O entrevistado 2 relata a indenização paga pela Eletrosul como principal mudança. Esse valor desembolsado pela empresa para cada família atingida, pode-se dizer, que foi uma forma de amenizar o impacto social e psicológico das pessoas, tendo em vista que os lugares cobertos pela água jamais serão presenciados pelos moradores da forma que era antes e um outro ponto de vista para a paisagem (o que era corriqueiro na vida deles) ficou debaixo d'água, e obrigatoriamente restaram as poucas lembranças daquele lugar em algumas fotografias e boa parte somente na memória. Isso ocasiona uma desestabilização emocional nos atingidos, por conta de presenciarem os seus lugares, suas paisagens e representações culturais presentes nas mesmas sendo engolido dia após dia pela água, tendo a certeza que jamais poderiam voltar a viver lá e nem teriam os mesmos vizinhos que faziam parte do seu cotidiano.

Outro aspecto importante nas respostas é que a entrevistada 3 coloca entre as principais mudanças a estrutura das casas, igreja e salão, as quais ficaram melhores agora, segundo a entrevistada. O Sr. VS menciona que antes de vir o lago, a comunidade contava com comércios, ônibus, caminhões para se alguém precisasse fazer algum frete até a cidade de Mariano Moro, e isso faz falta atualmente, pois, o pessoal precisa se deslocar até a cidade para comprar algo que precise. Antigamente, era tudo na pequena vila que se perdeu por conta da UHE. Essa mudança demonstra como as famílias viviam em relação às paisagens e seus lugares, re-moldando os mesmos em prol de pequenas atividades econômicas em benefício dos próprios integrantes da comunidade, visando acima de tudo, a praticidade e comodidade dos mesmos. Ainda, o entrevistado 4 afirma: *“A gente se acostumou agora né! É muito tempo que passou, se acostumou com como que tá agora né [...]”*. Nesse sentido, percebe-se que, com o passar dos anos, as pessoas acostumam com as fortes mudanças ocasionadas pela UHE no espaço geográfico, no entanto, isso por conta de não existir outra opção, sendo assim, fica mais “cômodo” se acostumar e seguir a vida num ritmo novo, imposto por um empreendimento hidrelétrico que atingiu as paisagens de centenas de pessoas.

Essa mudança na comunidade faz com que os que ainda permanecem por lá se sintam um tanto que orgulhosos pela paisagem que se formou com a chegada do lago, como é o caso do entrevistado 4, que ressalta que atualmente *“[...] a gente se sente também bem, porque é uma paisagem bonita e coiso né?!”*. O lago permitiu a criação

de paisagens e lugares com uma beleza inexplicável, porém, a impressão que tenho é que a “paisagem bonita” de hoje, em muitas ocasiões é mencionada pelos moradores como forma de omissão de todos os sentimentos de tristeza, angústia e solidão que foram ocasionados por conta das mudanças ocorridas no Rio Branco.



Fotografia 09: Frente da antiga igreja da comunidade de Rio Branco que foi demolida por conta da chegada do lago. Fonte: SCHMIDEL, N. P.



Fotografia 10: Antiga igreja da comunidade de Rio Branco que foi demolida por conta da chegada do lago. Fonte: SCHMIDEL, N. P.



Fotografia 11: Imagem da última missa rezada na antiga igreja, onde, os mais idosos da comunidade carregaram em procissão a imagem de São José (santo padroeiro da comunidade) até a na nova igreja. Fonte: entrevistados.

Questão 5: Quando você pensa nesse lugar antes da UHE, qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça? E nos dias de hoje, isso mudou ou continua a mesma imagem?	
Relação dos entrevistados	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	A juventude! A juventude, aos jogos de vôlei, futebol, as próprias brincadeiras saudáveis que existiam aí. Enfim, a juventude que a gente passou aí, uma infância muito feliz! <i>E nos dias de hoje, isso mudou ou continua a mesma imagem?</i> Não, não. Absolutamente diferente. Você caminha... você caminha tentando buscar um vago, você sente um vago, eu quando chego no Rio Branco eu sinto um lugar vago...
Entrevistado (a) 2 Sr.(a) ES	De antes de vim o lago? (risos) O que que eu pensava antes de vim o lago, mas daí não sei nem te dizer agora, no que que eu me lembrava... <i>Quando você olha aqui sem o lago, você olha aqui e não vê o lago....</i> Ah, da terra que tinha ali, dos vizinho que eu tinha. <i>E nos dias de hoje, se tu olhares ali, te lembra a mesma imagem?</i> Me lembro do campo da Baixada. Do... do... do time de futebol que nós tinha ali ó, lá olha, de lá da ilha, encostado (<i>apontou em direção a localização do antigo campo da Baixada</i>).

	Tu olhava o campo, enxergava daqui, agora...
Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS	Saudades das pessoas que foram embora. Continua a mesma imagem...
Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS	<p>Era tudo diferente do que hoje né!? Uma vez a gente se... se tinha aquelas lavora bonita, aquelas coisa bonita também antes né!? E a gente tem a saúde pra trabalhar, então é... era diferente que agora né!? Hoje, a gente se encontenta assim, e antes era... ah... vou e dizer o que? Tu levantava, olhava tu via os vizinho, via tuda as coisa né!? E agora, tu vê água né?!</p> <p><i>Então isso, nos dias de hoje mudou já?</i></p> <p>Mudou tudo! Claro, mudou, porque tu via a... claro, tu via as lavora, tu via os vizinho, tu levantava, olhava pra baixo já tu tinha três, quatro vizinho que enxergava, hoje tu vê a paisagem da água né?!</p> <p><u>Nós se gritava pra toma chimarrão, com os vizinho que tinha antes, era só dá um grito, nós....</u></p> <p>É, muda um pouquinho a parte do pessoal né!? Pra viver, na realidade é uma por outra né?!</p> <p><u>Antes era verde que se enxergava, agora é água!</u></p>
Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB	<p>Antes de vir o lago? Olha, sei lá... dos vizinho que se tinha, também.</p> <p><i>E nos dias de hoje, continua essa mesma imagem?</i></p> <p>Ah... hoje não se tem mais tantos vizinhos, amigos né?! Foram todos embora...</p>
Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB	<p>Ah, oia pra dize... seria outra... sócios nós era também, porque quando que o meu pai faleceu, no lugar dele fiquei eu sócio da capela, no lugar dele né?! E, depois sempre vivemos sócios aqui, em Rio Branco!</p> <p><i>Então você pensa nos amigos, alguma coisa assim?</i></p> <p>Mas de todos os amigos! Amigos e parentes! Porque com o pai do Vitalino ali nós não era parente né!? Mas vizinhos e amigos. Sempre fomo!</p>
Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP	<p>Tanta coisa... <i>(risos)</i> Bastante vizinhos, tudo perto, se reuniam toda a noite, meu Deus, os filó! Hoje, não tem mais isso... É que a maioria, tu vê aqui pra baixo também, é tudo... tudo gente de idade né! Já! Não tem... Que nem com 56 anos, 57, tu... quando é de noite tu quer só sentar e descansar, né!?</p>
Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB	<p>A imagem é das pessoas que existiam aqui e que hoje não existem mais, se espalharam por... Pelo mundo a fora né?! E hoje só a gente se encontra em casos né! Em festas ou</p>

	<p>em casos especiais e nunca mais a gente se encontrou né!? Isso faz... faz falta pra gente né!?</p> <p>Olha, assim no sentido de... De falta de pessoal mudou bastante né!? O que tem é tudo gente né!? Que a gente sempre se viveu junto, mais falta daquele pessoal que a gente vivia junto, se criou junto, conviveu junto anos e anos na infância e... E hoje não... A gente não se encontra mais porque a distância separou a gente né?!</p> <p><i>Então quando tu pensa hoje aqui em Rio Branco, já não é a mesma imagem que tu lembra...</i></p> <p>Nem... Nem... Nem se compara! Hoje existe apenas o salão, a capela e o campo de futebol sem jogo porque não existe mais gente pra jogar né?! E tudo ficou esquecido no tempo.</p> <p><i>Como tu vê a relação da antiga sociedade e dessa, diante da comunidade agora? É ainda aquele apego, aquele apreço pela comunidade ou mudou?</i></p> <p>Não, quanto a isso sim, existe ainda aquela... Aquela união existe, só que em... Em menor quantidade né!? Em minorias, porque sobrou pouca gente né!?</p> <p><i>E quando a Gerasul avisou vocês que iria ter o lago ali, o que que te passou pela cabeça?</i></p> <p>A gente no início nem acreditava que isso um dia podia acontecer né!? Mas com o passar dos tempos isso foi se concretizando e... E a gente só viu os efeitos depois do lago cheio, a solidão, o silêncio, o abandono né!? E ficou tudo com saudades daquilo que a água cobriu né!?</p> <p><i>E qual foi a sensação de tu ver o lago subindo e atingido todas as casas, comunidade...</i></p> <p>Meu Deus!!! Foi uma imagem se perdendo no dia a dia porque eu acompanhei toda a manhã, todo raia do dia a gente via o lago subindo e cobrindo aquilo que foi uma infância, não só a minha como a do meu pai e a minha mãe que nasceram e se criaram e vendo a água afogar isso pra sempre, que nunca mais a gente vai rever né?! Isso ficou uma... Uma imagem que a gente tem que fechar pra dentro da gente, pra nunca mais né?! Uma imagem triste...</p> <p><i>E a Gerasul não prestou nenhum apoio psicológico para vocês?</i></p> <p>Não... Não. Eles, simplesmente o que interessava eles era o... A geração de... De energia né! Que era o que eles... O que eles tavam construindo era pra gerar energia e a parte social foi meio que... Que deixada por último... Último caso.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p><i>Então, a sensação que tu teve foi de tristeza de ver....</i></p> <p>Com certeza... Isso a gente nunca mais esquece nem vivendo 200 anos.</p> <p><i>Tu perdeu bastante amigos que foram pra longe?</i></p> <p>Olha, mais de 50% foram embora e a gente só encontra agora em casos especiais.</p> <p><i>E por que tu acha que eles optaram por ir embora?</i></p> <p>Porque faltou terra né! As margem do rio eram as várzeas onde que o pessoal produzia, plantava né! E a água cobriu o melhor das terras, e aí não tinha outra alternativa né?!</p> <p><i>E como que se deu essa divisão de terras?</i></p> <p>Olha, quem... Quem a água atingiu a maioria da terra eles tiveram que sair né! Porque não tinha mais como trabalhar, como sobreviver. Os que sobraram mais terras, não tinha... A empresa não indenizou o restante, daí tiveram que subir pro lado... Parte mais alta onde que sobrou a terra e tentar sobreviver do jeito que... Do jeito que dava né?!</p> <p><i>Mas aí esses aí não ganharam dinheiro da Gerasul?</i></p> <p>Ganharam a parte atingida. Ganharam</p> <p><i>E esse dinheiro foi bom ou mais ou menos?</i></p> <p>Olha, no meu caso foi um caso mais isolado né! Que eu fui mais atingido porque eu não teve ajuda quase que nada e teve que me virar sozinho e hoje eu vivo ainda em cima de 6,3 hectares de terra onde que era uma área remanescente da... Da empresa, e a gente vive aí, vive da pesca, vive do... Do pouco que sobrou né?!</p> <p><i>E como é que tu vê a questão do turismo aqui?</i></p> <p>Olha, o turismo teria muito... Muito a ser explorado, só que daí exige um... Exige um investimento né!? E é o qual que a gente não... A gente não tem né ?! Então a gente vê... O pessoal vem a procura da beira do lago mas, a infraestrutura boa pra um turismo não existe, porque ninguém investe né!? Não tem investimento.</p> <p><i>Tiveram alguns entrevistados que mencionaram que a Gerasul prometeu coisas e não cumpriu, você acha que teve isso?</i></p> <p>Teve. Teve muito disso, porque de o Plano Diretor que eles montaram na época, sem consultar ninguém das comunidades. Simplesmente consultaram alguém que eles interessavam, né!? E nós que eram as comunidades que foram atingidas não foram consultadas pra se formar o Plano Diretor né?!</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>E daí, depois do Plano Diretor pronto, era lei né!? Não tinha como... Como fugi da... Do Plano Diretor. Hoje tão refazendo esse Plano Diretor, mas sem consultar ninguém mais uma vez! Então, fica a parte turística, as estradas, muita coisa a ver, né?!</p> <p><i>As coisas que você lembra que estavam no Plano Diretor e não foram feitas foram as estradas e o turismo?</i></p> <p>As estradas, o turismo, áreas de lazer que... Que... Onde seria um direito de quem fica, pra... No mínimo né!? Hoje há pontos aonde que eles determinam, sem consultar ninguém né?! Então, é uma coisa que a gente interpreta como um erro da empresa né! Sem consultar o povo né! Atingido. Os ribeirinhos principalmente que são os mais atingidos né?!</p>
<p>Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB</p>	<p>Aonde nós morava! Aonde nós tinha as propriedade, tudo né!? Ah... Não mudou muito não! Assim, claro, hoje a gente tá acostumado agora aqui onde que nos se reloquemo né! Temo construído tudo e... E... Mas se lembra bastante, bastante de lá onde que nos tava né?!</p>
<p>Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB</p>	<p>De... De quando, quando não tinha o lago... É... Naquela... Na verdade é 16, 17 anos atrás né... A minha cabeça já era diferente, mas, porque hoje e 15 anos atrás já mudou bastante né!? Mas, naquela época era melhor do que hoje, que mudou pra nós, muda os amigos né!? Também. Ahh... Lembra que nós ia tipo... Se lembra que nós ia brincar com os amigos né!? E hoje é... Mais que tu lembra é de anos passados antes de vim o lago né?! Porque hoje se tu vier pra Rio Branco tu vai numa bodega né?! Tu não arruma um pessoal pra ir no campo jogar futebol, aquela época lá nós ia, tinha mais gente né!? Nós ia jogar futebol, brincar na verdade, nos até com 15, 16 anos nós ia brincar não ia pra bodega né? Então, tu sente falta isso né!? Era melhor antes quando não tinha o lago do que agora né?! Mas mudou... Mudou porque desde o comportamento do pessoal também na verdade, cada um pensa pra si, naquela época era brincadeira, mais unidos, mais divertido né!? Hoje já é mais cada um pra si né?!</p>

Essa questão tinha por objetivo a análise da relação dos moradores com a paisagem-memória. Grande parte dos moradores que responderam ao questionário, antes da chegada do lago estava vivendo a fase jovem na comunidade. Assim, feita a

pergunta, o primeiro entrevistado disse imediatamente: *“A juventude!”*. A imagem da juventude pode ser compreendida como algo que envolve muito mais de uma fase exclusiva de cada indivíduo. Isso, na medida em que o morador faz relação com todas as atividades de lazer e momentos de encontros com amigos que eram rotineiros na comunidade antes da chegada do lago. Lembrando das respostas que obtive com a questão anterior a essa, é possível assimilar o grande número de pessoas que viviam na comunidade como um fator responsável para a alegria e satisfação do pessoal naquele período, sendo que, o entrevistado AV ainda elenca; *“[...] a gente passou aí, uma infância muito feliz!”* se referindo não somente a si próprio, mas a todos os amigos de infância que conviviam no Rio Branco.

Na primeira parte da questão, os entrevistados 3, 5, 6, 7 e 8 relataram que a primeira imagem que lhes vem em mente é dos amigos, vizinhos e pessoas que moravam na comunidade e que depois da presença do lago, deixaram esse local. Inclusive, a Sra. NS enfatiza o sentimento de saudades relacionado a essas pessoas que precisaram ir para outros lugares. O entrevistado 4 relata que antigamente *“Tu levantava, olhava tu via os vizinho, via tuda as coisa né, e agora, tu vê água né?!”,* essa frase reflete a questão de afeto dos moradores, não somente com os vizinhos, mas também com todos os elementos que faziam parte do mosaico paisagístico daquela localidade e que agora deram espaço para um elemento que ocupa maior destaque ao voltar o olhar para aquele lugar: o lago! Ainda, os entrevistados 4 e 7 frisam a proximidade das casas antigamente, segundo as palavras do 4, *“[...] tu levantava, olhava pra baixo já tu tinha três, quatro vizinho que enxergava, hoje tu vê a paisagem da água né! Nós se gritava pra toma chimarrão, com os vizinho que tinha antes, era só dá um grito!”*.

Esse argumento de proximidade com os vizinhos expõe um aspecto da solidão que, principalmente, os moradores de mais idade refletem atualmente, justamente por terem perdido a identidade das paisagens que foram palco de suas histórias de vida, das grandes amizades feitas naquele lugar e da ausência dessas pessoas depois da relocação. Nesse sentido, o entrevistado 8 menciona o fato do esquecimento remetido na comunidade nos dias de hoje, fazendo menção ao novo campo de futebol que foi feito no Rio Branco após o antigo ser coberto pela água. Segundo Sr. LB, atualmente se tem o *“[...] campo de futebol sem jogo porque não existe mais gente pra jogar né.... e tudo ficou esquecido no tempo.”* Esse sentimento de esquecimento relatado pelo morador é mais um indício de solidão e abandono vivenciado pelos que ficaram na comunidade

depois da presença do lago. Para eles, o espaço que foi coberto pelo lago era a vida deles, que foi obrigatoriamente interrompida pelo empreendimento. Isso nos mostra como as paisagens destruídas abruptamente por grandes obras afetam diretamente muito além da vida social das pessoas, mas inclusive abala o psicológico dos mesmos para, quem sabe, o restante da vida.

Por fim, busquei perceber como está presente essa questão da primeira imagem que é lembrada agora, já com a presença do lago. O entrevistado 1 mencionou que sente um vazio atualmente ao chegar no Rio Branco, o que confirma o sentimento de tristeza e solidão presente na vida dos que ficaram na comunidade. A percepção desse morador quanto às suas memórias, relacionadas com as paisagens da comunidade antes e depois da chegada do lago, tem relação com a resposta da entrevistada 2, quando menciona que a imagem hoje em dia continua a mesma, saudades das pessoas que foram embora. No mais, o restante dos entrevistados mencionaram que, atualmente, a imagem que é lembrada é também, das pessoas que saíram, dos vizinhos...



Fotografia 12: Encontro do grupo de jovens na antiga comunidade. Fonte: Acervo fotográfico de Rio Branco.

Questão 6: Com base no que você vê aqui hoje, de que forma você pensa o futuro deste lugar?	
Relação dos entrevistado	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	Degradante... degradante! Não, eu, eu tenho não diria certeza, mas, quase que absoluta certeza que não vai ter sucessão, porque percebe-se que todos os jovens, as crianças, adolescentes e jovens tem uma ideia só, se mudar daqui, se mudar e ficar pra fora... <i>E por que tu achas que isso acontece?</i> É justamente

	<p>pela falta de atrativos, de que pudessem ficar aí, não, não tem o que fazer, embora tenha um salão paroquial, embora tenha um salão comunitário, embora tenha um campo de futebol, mas não tem pessoas para você formar uma equipe ou se juntar pra fazer uma festa como é de costume. Então, é justamente pela falta de lazer que a juventude sai, e os de mais idade não tem o que fazer, então começam se recostiar em casa e aí desencadear depressão e etc.</p> <p><i>E como que está a questão do turismo aqui?</i></p> <p>Fraco.</p> <p><i>Teve mais no início, como é que foi?</i></p> <p>Tiveram pessoas interessadas, tentaram fomentar, mas em virtude de os próprios caras da barragem não ter feito a ligação asfáltica que estava, estava contemplada no EIA, no RIMA, que tinha que ser feito a ligação e interligação asfáltica em todo o lago, não fizeram, fugiu-se também a questão do turismo. Existem algumas casas aí, mas de pessoas que vem passar o final de semana, isoladamente.</p> <p><i>Ah, mas então teve alguma coisa, tipo, algo que no plano da Gerasul que não foi feito?</i></p> <p>Teve, no plano da Gerasul que não foi feito. Estava no RIMA e no EIA, você procura ali na, junto ao MAB em Erechim eles tem, contempla-se aí inclusive as ligações asfálticas e interligação asfáltica dos municípios que margeavam, que margeiam o lago.</p> <p><i>E o que mais tu lembra que prometeram para vocês?</i></p> <p>Prometeram de que existiria uma compensação, inclusive financeira para o comércio, que iria ficar igual, o que não aconteceu! Não aconteceu! Fecharam, aliás, fecharam o lago, a barragem, abruptamente, sem comunicar que dia tal... fecharam antecipadamente pra que ninguém fizesse o movimento contrário né!? Então, pegaram o pessoal no contrapé, numa madrugada fecharam e deu, e daí não tem mais nada o que se fazer!</p> <p><i>E quando veio a notícia da chegada do lago aqui, que o Rio Branco ia ser coberto pelo lago, qual foi a sensação que você teve?</i></p> <p>Nos comentários anteriores, é, ou quando fecharam?</p> <p><i>Quando veio a notícia para vocês que aqui teria o lago...</i></p> <p>O pessoal parou de investir, a comunidade ficou parada, por mais de 10 anos sem que</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>ninguém investisse. Degradou-se as propriedades ficou uns taperões e aí começaram prometer de que o pessoal iria ser melhor beneficiado, enrolaram por 10 anos, quem foi embora conseguiu uma propriedade melhor, mas quem ficou aí, perdeu-se, no mínimo uma década perdida. Aí fizeram, deram alguma coisa pra se relocar, mas, nada que pudesse atrair daquilo que teriam prometido. Pararam por várias vezes, houveram vários movimentos, né, para que se conseguisse o mínimo dos direitos.</p> <p><i>E o sentimento, foi de que?</i></p> <p>O sentimento, é um sentimento de você sentir que você iria perder um parente, que você iria perder a tua propriedade e que você vendo aquilo que, você queria curtir cada vez, cada festa que tinha. Alguém que ia né, se mudar, você sentia um, uma, uma solidão, uma, uma, uma coisa vaga. E quando começou então ir as mudanças, piorou ainda, então por aí eu acho que desencadeou muitas doenças de pessoas que já partiram e outras que estão doente em virtude disso.</p> <p><i>E a Gerasul não prestou nenhum apoio psicológico para vocês?</i></p> <p>Absolutamente nada! Fugiram! Depois do lago fechado, mudou seus proprietários como é de costume, por uma ou duas vezes, e tchau! Nada...</p>
<p>Entrevistado (a) 2 Sr.(a) ES</p>	<p>Vive eu vivo. Eu pra vive eu tenho que com as vaca de leite, por que vive do que? Porque se o cara depende da roça, não vive hoje do jeito que tá.</p> <p><i>Tu pensa que vai mudar alguma coisa aqui no Rio Branco?</i></p> <p>Ma... acho que não. Eu digo que não.</p>
<p>Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS</p>	<p>Eu acho que o futuro de Rio Branco vai ser assim, a maioria dos jovens vão sair e vai ser o lugar de pessoas de idade. Só pessoas de idade né, porque a maioria dos jovens tão saindo daqui né, então vai ficar mais... lugar pequeno né!?</p> <p><i>E no quesito assim do lugar, da natureza, do lago.... como você pensa que vai ser daqui uns anos?</i></p> <p>Mais mato... mais mato.</p>
<p>Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS</p>	<p>Vou te dizer o que agora aqui... vai saber. Eu... olha, que que eu vou te dizer nessa parte ali agora... que que vai... prevê o que que vai dar pra frente as coisas né!? Tu vai dizer o que? A situação do nosso... do nosso Brasil, vai dizer que vai melhorar? Vai piorar. Eu previ, a minha previsão é, assim.... de continuar viver, bem. Os cara que tão aqui não</p>

	<p>vive mal não. Não adianta, quem foi embora tão bem, e quem tão aqui eu acho que.. a previsão é que vai ser melhora sempre mais. Não pela parte da empresa, mas a parte do pessoal memo que ficou tão... tão se estabilizando, umas coisa melhor né!? Eu afinal, não me queixo da... de tá aqui sozinho né, sozinho não, aqui a gente tem um lugar muito tranquilo e eu acho que pra adiante que vai, vai ser bom também. Vai ser bom, porque o pessoal tá... tá melhorando a situação de trabalha, mudou tudo né, uma vez era tudo no braço, hoje é tudo com máquina. Vai ficar um lugarzinho bom pra morar. Eu acho que vai ficar sempre melhor, se o pessoal continua assim. Pelo... pelo que tá aqui, agora não sei... pelo que tá aqui, pelo que se vê todo mundo tão trabalhando com... com uma visão melhor do que.... e então, se tão trabalhando com uma visão melhor, eles.... sempre vai melhorar vida deles né!? De quem fica né. Porque, eu já tô velho, o meu futuro é viver até que dá.</p>
Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB	Ah não sei como que vai ser, se... se vai ter mudança, o que que vai ser, se vamos ver mais matos porque, pouca gente morando...
Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB	Eu quase pensaria pela minha idade de... vai terminar, porque, mais do que véio, difícil ficar!
Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP	Vai ser pior ainda! Em sentido, tu vai ficando com idade, não tem juventude, aí se tu precisa dias dos outros né, não... ninguém te ajuda, porque não tem ninguém, é tudo pessoas mais de idade... se acontece de chegar de doença, tá difícil agora, quem dirá daqui uns anos...
Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB	<p>Olha, se houvesse investimento em... em turismo, seria um dos melhores ramos pra se explorar. Eu por exemplo, vivo da pesca né, hoje tá difícil aquela também, mas... a gente consegue sobreviver, não viver, sobreviver disso e explorando mais algum... alguma outra atividade mais pequena, que não exige tanto investimento.</p> <p><i>Daí como tu pensas que vai ser aqui em Rio Branco daqui uns anos?</i></p> <p>Olha, hoje aqui na comunidade que traz alguma coisa, é o pessoal de fora que vem pra beira do lago nos finais de semana. Só que eles não têm um auxílio, assim, um apoio, eles não tem uma ajuda pra... pra se formar alguma coisa mais.... mais convidativa no final de semana pra... pro... pro lazer né, então, eles simplesmente vem aí pro silêncio, pra descansar nos finais de semana né?!</p>
Entrevistado (a) 9	Complicado! Isso que a gente mais se

Sr. (a) DB	<p>preocupa! Porque é... como que se diz, assim... a terra hoje, a terra, a gente onde produz, produz aqui, não se sabe mais nem o que produzir quase né! A gente vive com um pouco... o leitinho que se produz o leite, se vive com o leite. Mas de... mas futuramente não se sabe, uma vez era porco, era o leite, é leite...um pouco de leite, era gado mais e coisa.. hoje não, hoje é... a gente tá preocupado que...as coisa todos dia, todos dia muda e temo que mudar junto ou parar de vez, mas daí não tem mão de obra</p> <p><i>E na comunidade, como tu pensas que vai ser?</i></p> <p>Eu acho que vai acabar, praticamente dizer que sumir mesmo, não sei não, mas que vai ficar assim um deserto vai, porque não... as famílias que tem é poucos filhos e os... e os filho ainda vão estudar, saem né, pros emprego e daí a pessoa vai ficando de idade aqui o que tem e eu acho que não vai sustentar uma comunidade nunca mais, porque é muita pouca gente que vai ficar né, muita pouca família.</p>
Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB	<p>Eu acho que, futuro mesmo... quem ficar aqui não é que vai... vai sofre, mas vai cada vez menos porque, nós tinha um time aí de futebol que tinha 30 jogadores anos atrás, hoje tem 15, daqui esses par de ano de repente não vai ter nenhum time né, pra jogar futebol e tu... você olha hoje o campo que temo ali, a estrutura e vai... vai terminando assim.</p> <p><i>E porque tu achas que o pessoal está saindo?</i></p> <p>Sei lá, uns vão estudar, voltam pra casa só o fim de semana, outros as famílias tão ficando pequenas também, hoje... antigamente tinha 5, 6 filhos, 8, 10... hoje 1, 2, então vai acabando as comunidades por aí mesmo né?!</p>

A questão 6 teve por finalidade explorar a maneira como o entrevistado pressupõe o futuro do lugar por meio da interpretação atual, ou das atuais, paisagens.

O Sr. ES foi o único dos entrevistados que declarou achar que não haverá mudanças na comunidade. A entrevistada 3 alegou que, futuramente, o Rio Branco será uma comunidade somente de pessoas idosas. Diante disso, a mesma abordou a saída dos jovens, o que também foi colocado pelo entrevistado 1, “[...] percebe-se que todos os jovens, as crianças, adolescentes e jovens tem uma ideia só, se mudar daqui, se mudar e ficar pra fora.”

Em sua resposta, o entrevistado 7 ressalta que a comunidade vai ser pior do que está, pois, não tem mais mão de obra na mesma, quando precisam de ajuda para algum serviço, não encontram mais ninguém que possa prestar tal apoio, por conta de restarem apenas idosos. A análise que se faz mediante essas colocações é que antes do lago as pessoas que conviviam na comunidade eram bastante unidas, prestavam ajuda uns aos outros sempre que precisava, costume esse que se perdeu após a chegada do lago. Além disso, é possível perceber que os que permanecem na comunidade são pessoas que tiveram vínculos familiares maiores presentes na mesma, várias gerações das famílias viveram naquele lugar, sendo que, isso parece estar se encerrando com a geração atual, onde a maioria teve poucos filhos e os mesmos já encontram-se em outras localidades.

Outra constatação que foi possível através dos resultados obtidos nesta questão, é a preocupação com o futuro da comunidade, conforme os entrevistados enfatizaram, que resultará em uma população pequena e somente de pessoas idosas. Tal ideia está mais presente nos entrevistados que possuem em média de 46 a 55 anos. Os mais idosos relatam que o lugar vai ficar cada vez melhor, de acordo com Sr. VS, que possui 68 anos, *“Vai ficar um lugarzinho bom pra morar. Eu acho que vai ficar sempre melhor, se o pessoal continua assim.”* Outro morador relatou, Sr. BB (84 anos), *“Eu quase pensaria pela minha idade de... vai terminar, porque, mais do que véio, difícil ficar!”*

Com relação ao futuro da linha Rio Branco, percebe-se a preocupação dos moradores com relação ao envelhecimento da população local. Diante disso, o entrevistado 1 menciona que os jovens saem da comunidade por conta da falta de atrativos presentes na mesma como método de incentivo à permanência deles. Além disso, segundo esse entrevistado, na comunidade faltam atividades que envolvam os idosos, o que resultaria em depressão nos mesmos. Isso, pelas pessoas com idade mais avançada, que não possuem mais condições de trabalhar, acabam por permanecer somente em casa, sozinhos.

Mais um ponto pode observar a partir das respostas a esta questão, é que saída dos jovens da comunidade, bem como o envelhecimento populacional na mesma, ocasiona mais um impacto social. Isso por conta de que, os filhos principalmente, mesmo saindo “cedo” da comunidade, na medida em que os pais (que ainda permaneceram no Rio Branco) envelhecem, optam por levar os mesmos para morar com eles, o que resulta em mais moradores abandonando seus lugares e paisagens.

Somente um morador entrevistado ressaltou uma alternativa para a permanência da população na comunidade, que foi o investimento no turismo local. Sr. LB vê no

turismo várias possibilidades para a sequência da comunidade da linha Rio Branco, pois, segundo ele, seria um dos melhores ramos a ser explorado. Por meio da reflexão deste morador, juntando com alguns pontos ressaltados por outros entrevistados, penso que, a visão do futuro local vem ainda mais calcada na necessidade de atividades que envolvam a comunidade como um todo, incentivos à permanência dos jovens na mesma, investimentos de forma a dar subsídios para que os moradores possam dar sequência à sua vida sem precisar deixar a comunidade.



Fotografia 13: Acervo fotográfico com recordações da comunidade de Rio Branco antes da chegada do lago, que se encontra exposto no salão da mesma. Fonte: SCHMIDEL, N. P.

Questão 7: O que mudou na sua vida depois da implantação da UHE? Essas mudanças foram positivas ou negativas?	
Relação dos entrevistado	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	<p>Ah, mudou muito! Mudou principalmente aquilo que eu volto a repetir, a convivência com as pessoas! Porque da minha, da minha geração a maioria foi embora, então hoje tu consegue, tu tenta fazer, mas amizade de infância nunca é aquela que você faz depois... Então, é, você procura, fica tipo um zumbi, muitas vezes procurando pra se encontrar com alguém e você vê a melhor festa quando você consegue se encontrar com alguém né?! Mas isso é difícil! Negativas! Absolutamente negativas!</p> <p><i>E teve alguma coisa positiva que foi feito aqui na comunidade com a chegada do lago?</i></p> <p>Positiva até eles possam alegar, quando, se tu olha no sentido financeiro, aí mudaram, fizeram uma igreja nova, um salão novo e etc., quem sabe julguem isso. Fizeram algumas infraestruturas bonitas, agora, na questão sentimental, só prejudicaram! Um prejuízo inestimável!</p> <p><i>E como você coloca o teu sentimento de</i></p>

	<p><i>apego e de apreço a esse lugar?</i></p> <p>Eu vejo assim, o antes e o depois. O antes: saudades, vontade de, de remeter o passado. Hoje, eu vivo falando, eu ainda não consegui me habituar e ainda hoje eu falo muito em querer sair daqui, mas aonde? Eu não sei, gostaria de buscar um lugar para me encontrar com essas pessoas que a gente convivia. Então, quer dizer, eu ainda não consegui me acostumar, embora já lá se foram uns vinte anos, né?! E eu ainda não consigo, eu ainda falo em sair e não sei se isso não vá acontecer!</p>
<p>Entrevistado (a) 2 Sr.(a) ES</p>	<p>Ah... não foi na realidade eu sempre digo, a Gerasul não deixou ninguém ah, fiz a coisa certa eu acho. Indenizaram, todo mundo recebeu certo, eles não fizeram... não deixaram ninguém pra trás de... de ganhar o que... o que... não sei se era o que merecia, mas, eu acho que eles pagaram, o pessoal não pode se queixar do que... do que receberam.</p>
<p>Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS</p>	<p>Em parte, foram positiva. E negativa por ter saído amigos né?! Mas em parte ficou positivo né.</p> <p><i>Quais foram as partes positivas?</i></p> <p>As parte positiva foi que a gente conseguiu se deslocar... a.... fazer uma casa melhor, tudo ficou a.... tudo ficou melhor né, positivo.</p> <p><i>E negativa, tem alguma?</i></p> <p>Negativa é que o que que eu te falei né, que, uma coisa negativa da comunidade... menos gente!</p>
<p>Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS</p>	<p>Ma vou te dizê o que... mas como eu te dizia que pra mim, de um lado mudou por parte dos vizinho e outro lado melhorou pela parte da paisagem, por valorização do lugar.</p> <p><i>Valorização do lugar, como?</i></p> <p>É mais valorizado hoje, né? Mais valorizado.</p> <p><i>De que forma você vê essa valorização?</i></p> <p>Ah... não sei, se o lago trouxe um futuro melhor pro... pra certa gente que vem, que vê que as coisa... que acha que o teu lugar tem valor porque... por causa da paisagem, por causa disso, por causa daquilo né... vem falando. Eu, afinal...</p> <p><i>Na questão imobiliária então?</i></p> <p>É. De valor da tua propriedade né?! O meu lugar hoje, valorizou 40, 50% do que valia e fosse não ter a barragem e hoje o que... né?! Eu perdi pouca terra na realidade né?! Então, eu não... eu hoje se eu quero vender eu ganho... é só abrir a boca que se vende, né? Então é coisa que eu acho que.... em matéria de valor a... a.. o nosso lugar aqui valorizou. Valorizou. É.</p> <p><i>Então as mudanças, você acha que foram</i></p>

	<p><i>mais positivas ou negativas?</i></p> <p>Eu pra mim foi positivas eu acho né...</p> <p><i>Teve alguma mudança negativa?</i></p> <p>Ah... É... teve a negativa sobre a sociedade ali que é... que dos comércio e coisa, um pouco sim, porque foi pra... teve que partir pra cidade hoje pra... se tu se... mas, pela comunidade teve um pouquinho negativa né?! Porque nós tinha comércio... mas senão pro resto...</p> <p><u>Se quer compra um quilo de açúcar, tem que ir na cidade né?! Aqui só... não tem mais né?!</u></p> <p>Mas é uma que eu vou te dizer, a nossa comunidade se melhorou, por causa... na sistema de... de... do ginásio, da igreja, é coisa que valorizou mais, porque nós não tinha possibilidade de fazer o que tem hoje, então na realidade não é tudo ruim. Mudou alguma coisa pra pior, mas mudou pra melhor também né?!</p> <p><i>E como é que era a comunidade aqui em baixo antes da chegada do lago? Como é que vocês conviviam com a comunidade aqui, se encontravam todos fins de semana?</i></p> <p>Ah... todos os fim de semana e todos dia com os vizinho né?! Aqui a gente se tinha os vizinho que se encontrava todo dia né?! E era tudo vizinho que a gente se dava tudo muito bem né?! Isso estranhou pra nós, foi difícil ir se acostumando, no começo.</p> <p><u>Pensa, saíram daqui perto de nós, foi uns 15, aqui vizinhos....</u></p> <p>Ah.. mudou um pouco sim. A gente, na realidade, no... no começo foi um pouco difícil sim.</p> <p><u>Foi bastante... eu chorei.... muitas vezes....</u></p> <p><i>Foi triste?</i></p> <p><i>(Com os olhos cheios de lágrimas acenou com a cabeça em sinal de sim e se conteve para não chorar.)</i></p> <p>Por causa dos vizinho né....</p> <p><u>Antes de começar vir a água, que começou o pessoal ir embora... meu Deus! (lagrimejando)</u></p>
<p>Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB</p>	<p>Sei lá... eu não... que que pode... mudou, não sei o que dizer, que... que não se tem mais, as... as convivências assim com os vizinhos , que se ia fazer filó...</p> <p><i>Essas mudanças foram positivas ou negativas?</i></p> <p>Ah... por um lado foi mais negativas, eu acho porque tu não tem... tem poucos amigos pra sair, fazer um filó que nem se fazia antigamente...</p> <p><i>Antes vocês faziam bastante filó então?</i></p>

	<p>Ah... era todas as noites praticamente! <i>E era bom esse tempo?</i> Ah.. era bom!</p>
<p>Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB</p>	<p>Ah... depois que veio o lago, nós viemo morar pra cima né! Mandemo construir uma casinha que temo aqui hoje e vive bem nisso ali... com salário de todos salarizados! [...] se ganha pra viver! Dá pra pagar luz e água e telefone e sobra sempre um troquinho pra cuidar deles (<i>risos</i>). <i>Então o senhor pensa que essas mudanças que aconteceram com a chegada do lago, foram positivas?</i> <u>Não foi uma coisa muito triste!</u> Não, não! Isso ali em parte foi boa até! <i>Não foi triste?</i> Não! Depois permaneceu a família toda aqui! Temo uma filha só, só uma! Temo cinco rapaz e uma filha, ela mora em Severiano [...]</p>
<p>Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP</p>	<p>Certas coisas mudou pra melhor, né! Eu tenho uma casa boa, tenho tudas as construções feitas, mas, o que mais a gente sente é o pedaço de terra lá embaixo, né?! Porque o resto... Ah, pra mim, positivas, porque, só o pedaço de terra lá de baixo que a gente sentiu né!?! O resto.... <i>E vocês tinham bastante vizinhos?</i> Tinha, meu Deus!</p>
<p>Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB</p>	<p>Meu Deus... A gente não mais trabalhou porque não tem mais terra pra trabalhar (<i>risos</i>) A gente vive e sobrevive usando um pouco o lago pra... pra pescar e explorar o pouco que restou da terra. <i>E na questão de amigos, vizinhos, companheirismo... mudou na tua vida também?</i> Mudou... mudou porque os amigos mais chegados, os vizinhos se dispersaram né, saíram, então, a gente ficou bastante isolado, sozinho né, na beira do lago simplesmente né?! <i>E isso te incomoda nos dias de hoje?</i> Com certeza! Hoje não existe mais um... uma linha de ônibus, não existe mais comércio, não.... então isso acarreta problemas né... <i>Então tu vê essas mudanças como mudanças positivas ou negativas?</i> Olha, individualmente negativas né, alguém, alguém pode ter saído melhor né, com certeza, mas, pra mim individualmente, pra mim foram negativas, com certeza.</p>
<p>Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB</p>	<p>Mais preocupação dá pra dizer assim, porque lá nós tinha a propriedade, as terras bem mais, os pedacinho de terra mais bonito ficou...</p>

	<p>ficaram lá na água né?! A gente foi indenizado mas não... nunca é pago o que tinha lá. Fonte de águas, as águas que nós tinha de graça hoje nós temo pagando aqui, nós não temo aqui na nossa propriedade nós não temo água, a não ser aquela dos poço artesiano que vem da comunidade né?!</p> <p><i>E vocês tinham água própria lá embaixo?</i></p> <p>Água de nós! Nós nunca pagava a água. Fontes e poços, poços assim... aqueles poços de antigamente sabe.</p> <p><i>Então tu vêssas essas mudanças como positivas ou negativas?</i></p> <p>Na realidade, negativo. Uma parte negativo, mas mais negativo do que positivo, porque hoje é tudo custo a mais né, todo... tem que pagar a água até pro gado pra tomar e...é bastante custo né?!</p>
<p>Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB</p>	<p>Mudou, não... mudou um pouco por causa do... muda os companheiros, que tá faltando os companheiro, mas, pra ir tipo pescar, coisa assim é... não é ruim porque o pessoal vem de fora aí, daí ficam o fim de semana, pessoal tão construindo ali né, mas é pro fim de semana, vem ali passar um dia, dois e depois vão embora. E daí o resto da semana nós temo que trabalhar ou né... não é mais como antes né?</p> <p>Eu acho que negativa, porque hoje se eu vou querer... naquela época que tinha o riozinho ali, nós se reunia até com teu pai, teus tios nós ia pescar no riozinho, ia a hora que queria né, hoje se... o lago ali... se eu armar uma rede pra pegar peixe pra comer, eu não posso por ser proibido né? Então nós... na verdade não... não mandemo mais, esse lago ali, se tu quiser comer um peixe tu tem que comprar ou... ou ir pescar meio escondido né, porque....</p>

O intuito dessa questão foi de compreender a relação transformação paisagística-transformação da vida, do cotidiano do entrevistado. Na primeira parte da pergunta, a qual buscava as percepções dos entrevistados em relação ao que cada um deles julga como sendo principais mudanças ocorridas na comunidade com a implementação da UHE, cinco dos entrevistados enfatizaram a saída da população, vizinhos, amigos. Nessa, como na maioria das questões, está muito presente o apego ao lugar por conta de as pessoas estarem rodeadas de companhias todos os dias, isso por ter os vizinhos muito próximos, o que nos dias de hoje não existe mais. Em observação nos campos feitos para a elaboração desta pesquisa, percebi que a maioria das casas encontram-se em uma

média de mais de 300 metros distantes umas das outras, o que reflete justamente nas respostas dos entrevistados, quando afirmam que antes do lago tinham os vizinhos mais próximos e, conforme relatou um morador em uma outra questão, bastava apenas um grito para se comunicar entre eles.

O entrevistado 1 relata que grande parte do pessoal, que era de sua geração, foi embora e que hoje ainda pensa em sair de Rio Branco, porém, gostaria de ir para um lugar onde pudesse se encontrar com as pessoas com as quais convivia, pois, mesmo passado 20 anos ainda não conseguiu se acostumar com essas mudanças. O entrevistado 5 também enfatiza a mudança da população na comunidade. Segundo ele, não existem mais as mesmas convivências com os vizinhos que se reuniam para fazer filó, ficaram poucos amigos para estarem juntos. Ainda nesse sentido, Sr. LB lembra que os vizinhos se dispersaram e que, hoje, os que ficaram na comunidade estão muito isolados e se sentem sozinhos na beira do lago.

Como principais mudanças positivas, o entrevistado de número 4 mencionou a valorização do lugar onde estão morando agora por conta da paisagem que se formou com a presença do lago. Para esse morador, essa valorização se deu no quesito imobiliário por conta de que o lugar passou por uma valorização de 50% em comparação ao que estava morando antes. No entanto, ao relatar os fatores negativos, o casal se emocionou, pois, elencaram além da extinção do comércio, o qual era muito apreciado por todos de Rio Branco, pela facilidade de acesso a mercados, lojas, madeiras entre outros, também a saída dos amigos para longe. Sr. VS argumentou que se encontrava todos os dias com os vizinhos e que isso estranhou para eles no início, foi algo difícil de se acostumar. Em relação à dificuldade enfrentada por esses moradores, perguntei a esse entrevistado se foi triste essa mudança, nesse momento a esposa do mesmo pediu a palavra e com os olhos cobertos de lágrimas: *Foi bastante... eu chorei... Muitas vezes... Antes de começar vir a água, que começou o pessoal ir embora... Meu Deus!* Percebi que ainda tinham muitas palavras que essa mulher queria expor-me, no entanto, uma forte e repentina emoção a tomou, fazendo com que sua contribuição se encerrassem por ali mesmo.

Assim, percebe-se que a saída de inúmeros moradores de Rio Branco por conta do lago da UHE é um dos fatores, senão o principal, que incomoda e entristece os que ainda permanecem vivendo por lá. A relação que os moradores mantinham em seus lugares pode ser analisada por meio desse forte laço de vizinhança. Para eles, naquele tempo, tinham tudo o que necessitavam, ou, pelo menos o básico para uma vida feliz.

Muitas amizades, comércio, atividades de lazer, encontros, grupo de jovens, festas... A paisagem, sabendo que não é composta somente de elementos físicos, mas também, que envolve o sentimento do homem em relação ao seu lugar e que inclusive, a paisagem pode ser analisada a partir da forma com que o mesmo se organiza no espaço, não é percebida e nem sentida da mesma forma por todos os moradores. Isso fica visível ao observar a maneira como o entrevistado 6 dá sua resposta, quando o mesmo afirma que não foi algo triste a chegada do lago, por conta de que toda a sua família, no caso seus filhos, permaneceram ainda no Rio Branco. Para esse morador, mesmo fazendo parte da construção da antiga comunidade, bem como, da destruição dos monumentos para a chegada da barragem e, conseqüentemente, a construção do Rio Branco atual, ou seja, ter passado a vida toda nesta localidade, todos esses fatos não o entristece, talvez pelo motivo de que a sua vida se deu somente ali e mesmo com as mudanças, as pessoas mais importantes para ele (os filhos) continuam próximos.

Enquanto o mesmo lugar e as mesmas paisagens são importantes, emocionam, mexem com os sentimentos de alguns moradores, fazendo com que os mesmos se sintam tristes e nostálgicos, da mesma forma, esses mesmos lugares e paisagens tornam-se normais para outros, e são tratados da maneira mais natural possível, ou ainda, podem ser percebidos por meio da felicidade, repletos de recordações que causem orgulho em ter feito parte deste local. Contradições como essa tornam-se importantes no que diz respeito a esse trabalho, pois, as mesmas firmam o que foi discutido nos outros capítulos, sendo que, quando falo de análise de paisagem estou falando de diferentes sentimentos, percepções, distintas formas de apego e apreço a determinado lugar, e não somente de um conjunto de elementos dispersos no espaço geográfico.

Deste modo, em relação às mudanças, atendendo a segunda parte da questão, busquei analisar se as mesmas foram percebidas como positivas ou negativas. As respostas foram variadas, no entanto, cinco dos entrevistados elencaram como principais mudanças as de fatores negativos, sendo que essas se encontram mais calcadas na saída dos moradores da comunidade que, conforme ressaltai mais acima, resultou na falta de companhia e quebra de atividades rotineiras de Rio Branco, como é o caso do filó, relatado pelo entrevistado 5. Dentre os fatores positivos, ficou mais presente nas falas dos moradores, a infraestrutura das casas e espaços ao seu entorno, e valorização do lugar, conforme relatou o entrevistado 4.

Questão 8: Qual imagem você levaria deste lugar em caso de uma mudança amanhã? Por que esta imagem?

Relação dos entrevistado	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	<p>Antes do 98! Aquela.... Do lago, nada! Nada! Da comunidade velha, daquelas pessoas que viviam e conviviam aí. Justamente por conta dessa, desse vazio, desta mudança das pessoas que... porque, se eu tivesse eu me mudado para outro lugar e voltado aqui encontrar aquelas pessoas eu matava a saudade. E hoje eu não tenho mais como matar a saudade daquele tempo. É uma coisa desfeita! Uma coisa que eles desmancharam em prol do progresso, abre aspas, né, que eles dizem ter feito. Mas hoje, com as energias alternativas que poderia assim ter, não precisavam ter prejudicado tanto e assim como tão vindo prejudicar as pessoas em virtude de energia, que aliás essa nossa energia diz nem ficar aqui, vai tudo pra fora, então quer dizer, nós pagamos um preço irreparável e alto.</p> <p><i>A questão da preservação ambiental: está no plano diretor da UHE que irão fazer programas de preservação ambiental, você vê como positivo esses programas ou somente algo para camuflar o estrago que foi feito?</i></p> <p>O papel aceita tudo o que tu escreve. Então aí existem pessoas vivendo muito bem financeiramente pra mostrar pra americanos e pessoas e ambientalistas que gostam de ver papel. Agora, a realidade não é nada disso. Nada, absolutamente nada!</p>
Entrevistado (a) 2 Sr.(a) ES	<p>Ah... da minha.... daqui do pessoal daqui porque eu sempre digo, se eu sair daqui de... eu me parece... não sei, pode ser que se o cara um dia vai, sai daqui esquece, mas eu parece hoje que se eu sair de Rio Branco, uma vez por ano eu teria que voltar pra me encontrar com os amigos aqui que eu me criei junto. Eu nunca vou esquecer dessa gente aqui da minha comunidade.</p>
Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS	<p>O nosso grupo de jovens! O grupo de jovens. Porque nós era em 70 jovens, nós se reunia nos domingos, nós ia num salão com um toca disco e nós fazia o matinê! O matinê! Esse é a minha lembrança... quando nós pensava em ir num baile, nós não ia de ônibus, nós embarcava num caminhão, na carroceria, e nós ia. Essa é uma lembrança que eu levo, pra sempre!</p>
Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS	<p>Ah o meu lugar! O meu lugar eu não vou esquecer nunca! Da minha propriedade porque eu nasci aqui, e é... faz 70 anos que tô aqui né, a gente sentiria sair daqui. Fosse dizer sair daqui... ah, não sei se... eu teria oportunidade de ter saído mais que uma vez, mas eu acho que... o meu lugar pra viver é</p>

	aqui. Não adianta. É... tu gosta do lugar, tu gosta, né!? Então, eu fosse dizer de sair, não vou dizer que um dia não saio, mas nunca vou esquecer do meu lugar, não!
Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB	Dos amigos, assim que... de sair todas noites. Parecia que se era mais feliz, né?! (<i>risos</i>) Sei lá... tendo amizade com os amigos e brincar e dar risada e... era um... umas imagens boas, né?!
Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB	Primeiro lugar seria o nosso rancho de lá embaixo, que deve ter uma foto ali dentro, da antiga casa e tudo, primeiro lugar seria aquela! E, depois, veio essa também! Com 50 anos de casados nós já morava aqui.
Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP	Eu acho que a amizade que a gente tinha com as pessoas, né?! Porque se a gente vai num lugar estranho, pra ti começar tudo de novo? Criar tuas amizades? Não é bem assim!
Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB	Olha, a imagem da... da velha infância que a água apagou, não existe, o tempo apagou né?! A água cobriu e apagou pra sempre, isso é uma lembrança que a gente leva pra sempre... então, os amigos da... da... da comunidade do... tantos amigos que tinha, da... da... da própria casa, do lugar nativo... natural da gente, né?! Da infância e da adolescência que ficou, isso é uma imagem que a gente leva pra sempre, pra qualquer lugar! <i>E por que você escolheria essa imagem?</i> Uma imagem de.... de... de... de.... de recordações né, de saudades! De lembranças boas que a gente passou aqui, né?! Hoje já não existem mais, né?! Hoje é diferente a própria convivência, o povo é diferente, o modo de viver, hoje é mais.... Mais na.. Na... Na... Na parte moderna, né?! Não é mais aquela imagem que a gente tinha do mais simples, né?! <i>E tu sente saudade daquele tempo, então, isso te faz falta?</i> Com certeza! Com certeza...
Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB	Pra nunca mais esquecer? Ma tuda a minha... a minha infância assim que eu vim... que eu vim me criando que eu vi assim... o que eu trabalhei na propriedade, o que eu fiz, o que eu aprendi isso eu jamais vou esquecer, né?! Jamais! Porque eu acho que é a vida da gente, cada um nasceu e se criou fazendo uma... alguma coisa, né? E daí como eu me marcou porque como sempre agricultor, né?! Desde guri, eu comecei a minha vida, foi essa e daí eu não esqueço nun.... eu jamais vou esquecer, né?! Mas, jamais tenho ideia de sair também né, daqui da propriedade, né?

<p>Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB</p>	<p>Ah... eu vou levar a imagem né... eu vou levar pra sempre né, uma coisa que a infância num... num... foi boa pra nós, a infância aqui foi bonita, né? Se eu sair daqui eu vou sempre falar bem de Rio Branco porque quem nasceu aqui e conviveu aqui é... nunca esquece, né?! Uma lembrança boa... <i>Então tu levaria a imagem da infância?</i> Eu sim! A infância nunca esquece, porque hoje... se eu sonhar hoje de noite eu vou sonhar não de ontem, nem de 10 anos atrás. De 20, né?! Que nós... a infância nossa, né? Antes de vim o lago. Se eu sonhar é da casa velha nossa, de lá pra baixo né? Não é de onde temo morando né!</p>
-------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nesta questão, busquei compreender o apego do entrevistado ao lugar/paisagem através das imagens. Oito entrevistados levariam consigo imagens do Rio Branco antigo, ou seja, antes do lago. Com isso, fica evidente o forte apego que os moradores tinham por aquele lugar que, conforme o entrevistado 8, “[...] a água apagou, não existe, o tempo apagou, né?! A água cobriu e apagou pra sempre [...]”. As palavras dos entrevistados soavam em minha mente me trazendo uma sensação de angústia e tristeza, conforme eles iam relatando, colocava-me no “lugar” deles, pois, cada expressão era dita com um sentimentalismo inexplicável da parte dos moradores. Era uma mistura de tristeza e saudades com lembranças boas das passagens felizes que vivenciaram no recorte espacial que hoje abriga o lago da UHE.

Destes oito moradores, cinco remeteram a imagem de pessoas que faziam parte do Rio Branco antes de 1998. Para esses, a imagem que queriam portar sempre com eles é a da infância vivida na comunidade juntamente com os amigos. O entrevistado 5 afirma: “*Parecia que se era mais feliz, né?!*”. Para esse, a felicidade estava voltada às amizades que perdeu por conta da rápida transformação espacial/paisagística na comunidade. O Sr. NB me surpreendeu com suas palavras, quando afirmou: “[...] *se eu sonhar hoje de noite eu vou sonhar não de ontem, nem de 10 anos atrás. De 20, né?! Que nós... A infância nossa, né? Antes de vim o lago. Se eu sonhar é da casa velha nossa, de lá pra baixo, né? Não é de onde temo morando, né!*”. A partir disso, minha concepção é de que os moradores que tiveram parte, ou todo o seu lugar atingido pela barragem, aqui me refiro principalmente aos que permaneceram na comunidade, jamais conseguirão se livrar desse “monstro”, se é assim que posso chamar, que são as perdas de pessoas que faziam parte da construção da vida no Rio Branco. Para esses, certamente ao remeter o pensamento na comunidade antes da vinda lago, sempre

resultará em lembranças das paisagens e lugares que foram deixados para trás de forma forçada em prol de uma atividade econômica de grande porte. E, no caso desta pergunta, utilizada como metodologia de pesquisa nas entrevistas do trabalho, fica evidente o principal foco dessas lembranças: as pessoas que foram embora.

Questão 9: Quais fotografias você enviaria a um parente ou amigo que está distante para que ele conheça o lugar onde vive?	
Relação dos entrevistados	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	Eu enviaria, se era só as fotografias pra enviar, enviaria as antigas. As antigas, as da, da vila velha, da, de quando a gente ainda jogava futebol que estive nos times de futebol. Se era pra ele vim me conhecer, quem sabe até ele iria gostar de ver o lago formado, pra turismo. Enviaria daí essas aí, pra que ele viesse passar uns oito dias, ele contente e nós aborrecidos. Mas, pra minha paixão mandaria só as fotografias velhas. <i>Você não gosta do lago...</i> Nada, nada. Absolutamente nada.
Entrevistado (a) 2 Sr.(a) ES	Do meu lugar, da.... do lago, pra ele... se ele não sabe que tem ele vai ver como que é aqui o lugar.
Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS	Eu ia tirar foto mais aqui dá... do lago e desse verde que tem aqui, né!? Essa daqui eu mand... eu... essa seria a foto que eu mandaria.
Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS	Ah... teria que mandar a tua... tu acha assim... da tua propriedade, do lago, dessas coisa? É isso aí que teria que manda, né!? A imagem do... do...da minha propriedade e do lago também porque, o lago tá... é uma coisa que o pessoal...
Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB	Ah... algumas sempre tem... das fotografia antiga, né!? Se poderia tira até do lago, mas, já é diferente da onde eu nasci, me criei mais, né?! Quando eu era mais novo.
Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB	⁹
Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP	A ilha... o lago em si ele é bonito! Porque aqui a gente não vê, mas agora, vai aqui embaixo, ali onde construíram essas casas novas aí, tu olha assim, fica aquele... é uma coisa linda aquilo lá! Eu acho que a Ilha!
Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB	Meu Deus... uma fotografia que ele poderia... que poderia verificar seria o que tem de imagem hoje, né?! Mas, na.. na... no velho Rio Branco aquilo já... não adiantaria mandar uma fotografia porque se ele viesse pra ver,

⁹ Esta pergunta foi o mesmo caso da questão número três. Por se tratar de um idoso com problemas auditivos e de visão, seu filho pediu para que fosse feito somente algumas questões para o Sr. BB. Optei por descartar essa questão, também por perceber que o entrevistado já estava um tanto que cansado do questionário.

	<p>isso já não enxerga mais, porque tudo apagou, né!? Foi mudado tudo, a comunidade mudou, a igreja mudou de lugar, já é irreconhecível a antiga comunidade do Rio Branco com hoje, né?! Sei lá qual é que seria a melhor imagem pra eles reconhecer que é Rio Branco, mas tanta coisa que a água cobriu, né?!</p>
<p>Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB</p>	<p>É, hoje eu acho que via internet em primeiro lugar né, porque.... eu focaria assim da minha propriedade ali, porque tem que bate foto da propriedade, da comunidade pra ele ir se localizando, né?</p>
<p>Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB</p>	<p>É... na verdade tem que mandar a imagem... pra ele vim aqui pra... se ele não conheceu antes tem que mandar a imagem de hoje, né? Mas, quem conheceu mandaria uma imagem das moradia velha que nós tinha lá antes de vim o lago. Porque era umas casa velha que nos tinha lá e... mas hoje se tu olha as foto de uma casa velha, que nós morava lá, dá saudade, né? Então, se sente saudades daquele tempo.</p> <p><i>E tu acompanhou, assim, desde que avisaram que ia ter o lago?</i></p> <p>Sim!</p> <p><i>E qual foi a sensação, assim, de saber que logo ali iria ter um lago?</i></p> <p>É... nós até não acreditava, né? Porque... até nós ia na aula, eu lembro, nós ia na aula e nós ia pra casa achava as pedra pintada de amarelo na rua né, dizia não, vai vim o lago pessoal tão vindo fazendo as marcação, mas daí nós não acreditava porque vai.. Nós nem sabia o que queria dizer um lago, né? Daí, batiam o nível, não o nível vai daqui.... Mas, como vão saber o nível que a água vinha aqui e lá, de que jeito, né?</p> <p><i>E quando tu viste as primeiras mudanças saindo, o que que tu sentiste?</i></p> <p>Ah... até fica uma coisa ruim assim, vendo o lago que vai subindo, né? E... e escondendo o que nós nascemo e se criemo, onde nós se criemo, né? Na verdade, porque se ia subindo pelo riozinho ia.... o remanso, ia subindo, subindo o lago, né? Daí ia escondendo o que nós vivemo na verdade, né...</p> <p><i>E o que tu sentiste em ver aquilo sumindo?</i></p> <p>Ah... vai dizer é 16, 17 anos atrás, o cara também... achava bonito vindo assim, né? É uma coisa que nunca vimo, né? Mas, quando que cobriu, o cara começa a pensar, lembrar.... É uma coisa triste até, né? Porque nunca mais nós vamo ver o que nós tinha lá em baixo, né? Porque hoje se você fizer uma pergunta de</p>

	<p>cada pedra do rio nós... eu sei dizer onde que tava, nós ia pescar, ia tudo né, e hoje não se vê mais, né....</p> <p><i>E tu viste eles demolindo a igreja, tu ajudaste?</i></p> <p>Sim! A igreja eles vieram demolindo, né? Então, cemitério também, trouxeram pra cá até... parentes nossos também, né? Então, iam trazendo...</p> <p><i>E como é que foi isso pra ti?</i></p> <p>Ah.. é uma coisa triste, né? Porque se fica com saudades né...</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A questão de número 9 serviu para analisar a relação dos moradores entre a paisagem e a sua identidade. Um dos entrevistados (1) respondeu que mandaria fotografias antigas, da vila velha de Rio Branco, mas, que acaso fosse para a pessoa conhecer por turismo, enviaria as de agora, já com o lago formado, conforme as palavras dele *“Enviaria daí essas aí, pra que ele viesse passar uns oito dias, ele contente e nós aborrecidos. Mas, pra minha paixão mandaria só as fotografias velhas.”* A partir dessas palavras é possível perceber que o prazer e alegria das pessoas que vão até a comunidade nos dias de hoje buscando conhecer e apreciar as “paisagens bonitas”, resultantes da chegada do lago, não condiz com o sentimento da maioria dos moradores desta comunidade, os quais se sentem tristes, pois, a “paisagem bonita” os remete a este mesmo lugar no tempo em que se sentiam mais integrados na comunidade.

O que coloquei acima é enfatizado nas palavras de outros entrevistados, como é o caso do 8 que afirma não ser válido enviar fotografias/imagens do velho Rio Branco, por conta de que, se a pessoa ir até a comunidade nos dias de hoje, não encontrará nada do que estava antes, foi tudo mudado e tornou-se irreconhecível. Nesse sentido, o entrevistado 10 contribui na análise quando menciona que, se a pessoa que receberia essas imagens não conheceu o Rio Branco antigo, ele mandaria somente fotos de hoje, no entanto, se fosse quem já tivesse conhecido a comunidade antiga, o entrevistado enviaria das moradias velhas que foram destruídas e cobertas pela água.

No entanto, mesmo elencando a propriedade, o seu lugar atual, o verde das matas que se faz presente da comunidade, a ilha, alguns entrevistados não hesitaram em assegurar que enviariam imagens do lago. A análise que faço diante disso é de que, para esses, é relevante que o lugar do Rio Branco atual seja conhecido e reconhecido pelas pessoas de outras localidades, pois, além da paisagem exuberante presente na comunidade, se trata de um modo de que os próprios moradores sejam valorizados,

visitados e se sintam menos abandonados, sozinhos, como também foi relatado no decorrer da entrevista por alguns moradores.

Questão 10: Quais paisagens você acha que deveriam ser fotografadas por que daqui um tempo não existirão mais? Por que, na sua opinião, essas paisagens deixarão de existir?	
Relação dos entrevistados	Respostas
Entrevistado (a) 1 Sr. (a) AV	<p>Eu, eu sei lá. Eu diria assim porque aqui tem muita pouca coisa ainda pra ser desfeita. Pra ser desfeita. Mas, eu ainda acho que os mais próximos do lago, essas propriedades mais velhas, ah, ah... hoje diríamos aqui em Rio Branco por exemplo, o Simonetti que é uma propriedade que ela ficou intacta, ali no Vivaldino Simonetti, que ela ficou, ele não mexeu na propriedade, quem sabe essa é uma propriedade que logo vai sumir, e a sucessão dele não vai existir aí nessa propriedade, né? As que ainda existem e não foram mexidas, pudessem ser fotografadas como é, porque as outras foram todas relocadas e não existe mais aquela característica do antes 98.</p> <p><i>E qual foi a sensação de ver o lago subindo, chegando na tua propriedade? Você tinha cerraria também, não é?</i></p> <p>Eu tinha madeira, também. Eu tinha madeira, exatamente. Era, era uma sensação assim, vazia e estranha... Estranha, indescritível. Que você via se formando aquela água parada, antes um rio bravo, de correnteza, cachoeiras que eram nosso rio Uruguai, né? E, de repente, um rio calmo, só se mexia como um, com algum vento, né? Então, uma coisa totalmente diferente, que ela vinha chegando assim, um negócio estranho, uma sensação indescritível para mim, que eu já tinha conhecido navegado nessas águas bravas do rio Uruguai, né? Tanto é que nem pescar vou. Não me atrai em nada. Nada, absolutamente. E quando tinha o rio Uruguai eu ia. Eu ia. O barulho da cachoeira eu ouço, né? Que hoje não ouve mais.</p> <p><i>Tu tiveste uma perda maior por conta da madeira então...</i></p> <p>Tive... Tanto é que hoje ela nem existe mais. Eu fui obrigado a desistir da atividade.</p> <p><i>E as questões econômicas da tua família, melhorou ou piorou?</i></p> <p>Em relação ao lago, piorou, porque nós fomos inclusive, nós íamos ter ficado morando em Rio Branco, que não chegava água até a nossa propriedade, eles nos despejaram pra construir um campo de futebol. Então, quer dizer, eles não mediam os sentimentos das pessoas. Despejaram e aí me deram uma carta de</p>

	crédito de 18 mil, na época, pra que eu pudesse relocar a minha propriedade pra cá, então foi uma coisa além da perda social, a perda financeira que a gente teve, né?
Entrevistado (a) 2 Sr.(a) ES	Mas.... aí não sei, se a... diziam que a usina ia ser.... a barragem ia ser pra tantos anos e depois ia acabar, daí não sei, se acabar é uma coisa que teria que fotografar, porque se acabar depois nunca mais tu vai ver. Mas daí o cara vai... eu não sei o que que vai acontecer ou não vai, que diz que era pra 20 anos, mas já é.... vai saber se dura 20, 50 ou 100 anos a barragem também.
Entrevistado (a) 3 Sr. (a) NS	Assim, da natureza tu acha? O que que eu vou te dizer agora... da natureza..... as mata vão existir sempre porque é proibido cortar.... é... a previsão tem que daqui uns 15 anos que não existe mais esse lago, uns 15, 20 anos, que diz que é pra tantos anos e depois não existe mais, se é verdade eu não sei. Então seria uma coisa de tirar uma foto, né!? <i>Em relação à renda de vocês, quando não tinha a barragem e agora, mudou?</i> Mudou. Melhorou, melhorou.
Entrevistado (a) 4 Sr. (a) VS	Mais aqui... mas vou te dizer o que agora aqui na nossa comunidade... mas eu acho até... penso que não. Porque aqui acho que tudo tá acomodado, tá se ajeitando os lugar sempre melhor, né!? Eu penso que é assim, né?!
Entrevistado (a) 5 Sr. (a) CB	Sei lá... teve lugares antes de vir o lago que não.. hoje não tem mais. Agora, eu acho que pode mudar, porque... certamente... <i>E como você vê a questão da economia do antes e depois da chegada do lago?</i> Ah... por mim melhorou, porque eu arranjei um serviço que eu gosto fazer, né?! Mas, antes eu trabalhava na roça e... mas se vivia, bem também, contente também! <i>E tu achas que as pessoas viviam mais felizes naquela época?</i> Parecia que sim. Que era mais feliz.... se contentavam com pouco que ganhavam também...
Entrevistado (a) 6 Sr. (a) BB	Ma, não sei, pra se sumi do mapa aqui de Rio Branco, não sei, se tem o jeito de se... de não ser mais. <i>E como era antigamente aqui, os vizinhos, os filós, os amigos?</i> Era diferente assim, antigo jeito né, de ... <i>E vocês sentem saudades daquele tempo?</i> Magina se não! Bastante, porque naquela época os primeiros tempos que veio a capelinha, sabe que veio a capelinha? Ela era diretora (<i>apontou para a esposa</i>) da capelinha, sim, sim! E uma vez por ano tem a

	<p>festa aqui da gruta em Três Pinheiros, né? A gruta, ela (<i>apontou pra esposa</i>) sempre ia levar nas festa a capelinha, dia da festa, em fevereiro, né!? Mas, agora é dois três anos que ela não vai mais, nem ir, porque tá difícil, vétchi é vétchi !</p>
<p>Entrevistado (a) 7 Sr. (a) DP</p>	<p>O que que seria.... o que que poderia... qualquer coisa? <i>E como que está agora essa relação de amizades, parcerias daqui?</i> É menor! É menor, agora... mas, comparar antes da barragem e agora, meu Deus, tem uma boa diferença!</p>
<p>Entrevistado (a) 8 Sr. (a) LB</p>	<p>Olha, sei lá... acho que... que a cada ano que passa as coisas vão desaparecendo, não sei te dizer qual é que seria o que vai desaparecer, e o que mais era pra desaparecer desapareceu, né?!</p> <p><i>E o que que seria isso?</i> Que seria a antiga comunidade, antigo pessoal que vivia ali, né?! Hoje não existe mais, né? Hoje não temos mais ninguém, né?! Virou tudo um... individualmente, cada um pra si e a comunidade só se reúne em casos de festas da comunidade e em casos especiais, né? Não tem mais aquela convivência dos finais de semana que se tinha. <i>Quanto tempo demorou pra encher o lago, pra ficar como está hoje?</i> Não me lembro mais certo quanto demorou, mas acho que não foi.... 6 meses acho que demorou.</p>
<p>Entrevistado (a) 9 Sr. (a) DB</p>	<p>Mas, olha... o que que eu vou te dizer....tem porque assim propriedade a gente vê toda a hora, não só na minha comunidade, outras, que o pessoal vão saindo, desanima, né? Da... da comunidade, por causa.... o colégio! Eu acho que o colégio em primeiro lugar agora... o colégio eu acho que é um... o mais que vai... porque já vieram, esses dias também vieram faze mais uma entrevista ali, mas com ideia de fechar, tão querendo fechar, já é a terceira vez que eles vem dentro de poucos anos porque tem muito poucos alunos, muito poucos alunos, daí o estado diz que não... não vale a pena, e daí eles querem fechar, e daí nós falava esses dias, a gente fala entre vizinhos, entre a sociedade aí, é uma tristeza, né?! Um colégio que tá aí que, no mínimo uns 70 anos que tá feito, eu acho eu, não tenho bem certo a data, mas... e agora daqui um pouco vai fechar por causa de... de poucos alunos, pouca gente assim que vai ficar na comunidade, então eu acho que o primeiro</p>

	<p>passo vai ser esse com certeza.</p> <p><i>Qual foi a sensação de quando tu ficaste sabendo que viria o lago aqui?</i></p> <p>Ah, foi uma tristeza assim porque nós não sabia o que tinh... o que vinha acontecendo. Esse lago aí era anos que eles vinham divulgando que ia ter um lago, um lago um lago! Mas, nós nem imagem de uma usina se formando assim um lago, porque nós usina aqui perto não tinha, era tudo longe! Daí, nós ficava triste porque via vindo assim todo dia, todo dia subindo a água e cobrindo as nossas natureza que nós tinha antes, né?! A nossa vida era! Então, assim, na realidade dava uma tristeza, vendo que vinha e... sendo água a gente tem que ficar contente porque água é vida, né!? Só que na outra parte ficou aquela imagem marcante, né?! O que foi a perda, né? Que tinha de baixo, né?!</p> <p><i>E quando vocês viram as primeiras mudanças saindo, o que sentiram?</i></p> <p>Ali.... ali que foi a maior tristeza, né? Vendo os amigos e... eu tinha um caminhão inclusivemente e eu puxei umas 10 mudanças certo, eu puxei.... carrega e descarrega e daí... e vendo que os vizinhos iam saindo de perto, a convivência que a gente tinha com os amigos e ... e não tinha mais depois.... no outro dia depois que tirou a mudança já tu chega lá não tem mais ninguém na casa. E tu não te encontra mais nos dia assim com os... com a juventude, no tempo de juventude, depois nós casado também... não tem mais casados pra tomar aquele chimarrão, conversar todos os dias.</p>
<p>Entrevistado (a) 10 Sr. (a) NB</p>	<p>É, na verdade, é aonde... agora é.... tinha eu fotografar naquela época, né? Pra depois, pra lembrar, né, lá.... aqui, nós que tamo aqui, só olhando, né? O cara vai acompanhando, né?</p> <p>Desde uma árvore crescer tu vê, o ano que vem tu vê ela já ta bem mais grande, né? Mais alta, tu acompanha, né? Mas....</p> <p><i>Não tem um lugar que tu achas que não vai mais existir?</i></p> <p>É... eu acho que vai continuar aqui, né? Assim né? Mas, só a comunidade, cada vez mais, menos gente, né? Vamo sentir falta disso, mas... mais que sentimo falta foi o pessoal que saiu daqui, né?</p> <p><i>Então você sente bastante saudades do pessoal que saiu daqui?</i></p> <p>Sim... sim! Faz falta, né? Os que tão aqui são amigos também, mas os vizinhos meus que foram... parentes, todo mundo... é aqueles que saíram... eu me lembro, o teu pai, os teus tios</p>

	ali também saíram dali, né? Ah, sente falta, saudades, né?!
--	-------------------------------------------------------------

Enfim, essa última questão teve por objetivo analisar como os entrevistados interpretam possíveis transformações da paisagem na comunidade. O entrevistado 1 ressaltou que é preciso fotografar as propriedades que ficam à beira do lago, mas que não sofreram alterações com o seu enchimento. Os entrevistados 4 e 10 acreditam que tudo vai ficar assim, que nada vai acabar na comunidade e o entrevistado de número 6 não sabe dizer se tem algo que vai sumir com o tempo.

O entrevistado 8 relata que, com o passar dos anos, as coisas vão desaparecendo, mas ressalta: “[...] não sei te dizer qual é que seria o que vai desaparecer, e o que mais era pra desaparecer desapareceu né?!”. Para esse, parece não ter mais muita importância se algo a mais vai desaparecer, pois, o lugar onde ele nasceu e viveu a juventude com seus amigos e vizinhos já não existe mais, apenas é recordado por meio das memórias e algumas fotografias. Portanto, a ligação mais evidente da sua percepção com a paisagem, no caso desta questão, está na memória do que já se foi e o entrevistado talvez não vê mais sentido em pensar nas possíveis futuras transformações na comunidade onde vive.

Os moradores entrevistados 2 e 3 enfatizaram que seria interessante fotografar o lago, por conta de que ouviram dizer, ainda quando a UHE Itá estava sendo construída, que o mesmo teria um prazo de validade, então, se passado quase 20 anos da construção da mesma, acreditam que o lago vai acabar daqui um tempo. Não se obteve elementos para verificar se, em algum momento do passado, essa ideia passou como alguma estratégia de convencimento ou se se tratou mesmo de confusão na interpretação dos acontecimentos por parte dos que mencionaram isso.

O entrevistado 9 foi o único que relatou algo presente na comunidade que, segundo ele, não vai existir mais daqui um tempo: a escola. O morador enfatiza “[...] esses dias também vieram fazer mais uma entrevista ali, mas com ideia de fechar, tão querendo fechar, já é a terceira vez que eles vem dentro de poucos anos porque tem muito poucos alunos, muito poucos alunos, daí o estado diz que não... não vale a pena, e daí eles querem fechar, e daí nos falava esses dias, a gente fala entre vizinhos, entre a sociedade aí, é uma tristeza né?!”

Finalizando esta reflexão em torno das entrevistas, ressaltou que o trabalho de analisar as entrevistas é bastante complexo, tendo em vista que envolve, além da própria

percepção diante da comunidade e seus moradores, a percepção de cada um dos entrevistados que prestaram seus relatos repletos de sentimentos em relação aos seus lugares e paisagens. Foi preciso cautela e sensibilidade na hora de realizar as análises, a fim de considerar todos os indicadores de apego dos moradores com a comunidade antes da presença da barragem, além do sentimento dos mesmos diante das transformações da paisagem que são observadas por eles. No entanto, mesmo com a complexidade toda que o processo de análise de entrevistas envolve, todo o esforço é válido, principalmente dentro da Geografia, tendo em vista que esse tipo de abordagem permite uma maior aproximação do pesquisador com seu objeto de estudo: a sociedade e natureza, fazendo com que a pesquisa obtenha melhores resultados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, a paisagem precisa ser observada para além do que está exposto frente aos nossos olhos. É preciso, acima de tudo, sensibilidade emocional ao analisá-la, assim, é possível uma percepção da mesma para além de fatores físicos, que fazem parte da paisagem. Trata-se de compreender a dinamicidade da mesma por meio da representação cultural que a sociedade produz nos seus lugares. Perceber a paisagem significa sentir! Sentir as emoções das pessoas que fazem parte da construção da mesma em um determinado lugar. Sentir como a relação de apego e apreço está presente na vida dos moradores quando fazem referência aos seus lugares.

A elaboração desta pesquisa foi bastante proveitosa e importante para mim no quesito profissional, na medida em que me permitiu uma maior compreensão da ciência geográfica e suas diversas atuações dentro da sociedade. E também, no lado pessoal, tendo em vista que consegui compreender um pouco de todo o processo de transformação da comunidade com a chegada do lago, bem como, me aproximar dos moradores que sofreram com essas transformações por meio das entrevistas, onde cada palavra relatada por eles, era uma nova emoção que crescia em mim. Na medida em que ia fazendo as entrevistas, recordava-me que meu pai foi um dos atingidos pela barragem nessa mesma comunidade, no entanto, o mesmo saiu de Rio Branco e foi para outra localidade.

Os moradores da Linha Rio Branco presenciaram, dia após dia, as transformações que a paisagem foi sofrendo por conta da chegada do lago. Desde as primeiras demarcações feitas pela empresa informando quais seriam as propriedades atingidas até metro a metro em que o lago ia consumindo da velha comunidade. Por meio das entrevistas, foi possível adentrar nessa percepção dos moradores em relação às suas paisagens, através dos relatos de pessoas que tiveram sua propriedade coberta pela água,

“Foi uma imagem se perdendo no dia a dia porque eu acompanhei toda a manhã, todo raiá do dia a gente via o lago subindo e cobrindo aquilo que foi uma infância, não só a minha como a do meu pai e a minha mãe que nasceram e se criaram e vendo a água afogar isso pra sempre, que nunca mais a gente vai rever né?! Isso ficou uma... Uma imagem que a gente tem que fechar pra dentro da gente, pra nunca mais né?! Uma imagem triste...” (Sr. LB, 56 anos)

“[...] é um sentimento de você sentir que você iria perder um parente, que você iria perder a tua propriedade e que você vendo

aquilo que, você queria curtir cada vez, cada festa que tinha. Alguém que ia né!? Se mudar, você sentia um, uma, uma solidão, uma, uma, uma coisa vaga. E quando começou então ir as mudanças, piorou ainda, então por aí eu acho que desencadeou muitas doenças de pessoas que já partiram e outras que estão doente em virtude disso.” (Sr. AV, 52 anos)

Nota-se que essa paisagem de Rio Branco foi totalmente modificada em prol da Usina Hidrelétrica Itá. O pequeno rio, que permeava a comunidade, perdeu-se em meio às águas resultantes do barramento do Rio Uruguai, dando espaço à formação de um lago artificial que passou a fazer parte da paisagem da linha Rio Branco. O principal resultado disso foi a saída de, no mínimo, 40 famílias da comunidade para outras localidades. Além do mais, os que permanecerem, desencadearam sentimentos de tristeza, saudades e, alguns, revolta. A perda de amigos e vizinhos que eram tão próximos a eles foi e continua sendo um desafio diário, e foi o que mais ficou explícito nos depoimentos das entrevistas: a questão de sentirem falta da vizinhança! Todos os moradores sentiram essas mudanças, pois, cada um possui uma lembrança do Rio Branco antes da presença do lago, antes de 2000.

Uma constatação que faço é de que os que foram atingidos pelo lago na comunidade vivem um constante ato de superação, pois, ainda hoje alguns moradores não conseguiram se adequar a essas mudanças. Toda a análise das entrevistas foi possível por conta, inclusive, dos referenciais teóricos que subsidiaram a compreensão/percepção da relação sociedade-natureza na linha Rio Branco.

As leituras realizadas me permitiram uma ampliação da visão a respeito da Geografia e como o conceito de paisagem é complexo em relação aos estudos e análises que são de responsabilidade, principalmente, de nós Geógrafos. Compreender as diversas maneiras com que as diferentes sociedades agem e organizam seus modos de vida sobre o espaço não é uma tarefa simples, justamente por envolver inúmeros fatores, bem como, os sociais, econômicos e culturais. Assim sendo, cabe à Geografia essas reflexões, por meio da junção dos seus conceitos principais: espaço, território, região, lugar e paisagem, os quais permitem o entendimento dessas relações sociedade-natureza em diferentes escalas de análise

Finalizando, cabe ressaltar que se trata de uma pesquisa inicial, sendo assim, a mesma necessita alguns ajustes. Nesse sentido, a pretensão é que a mesma se torne um projeto de mestrado, a fim de, dar sequência à reflexão da percepção da paisagem, o uso

das entrevistas nas pesquisas futuras, bem como, o maior aprofundamento em torno desta discussão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correa de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1992.

BERTRAND, Claude; BERTRAND, Georges. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. PASSOS, Messias Modesto (org.). Maringá: Massoni, 2009.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: Esboço metodológico. **RA'E GA**, Curitiba, n.8, p.141-152, 2004.

CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2000.

COELHO, Letícia Castilho. A paisagem na fotografia, os rastros da memória nas imagens. **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR**, v. 13, 2013.

CONSÓRCIO ITÁ TRACTEBEL ENERGIA. **Plano Diretor Reservatório da UHE Itá e seu entorno**. Programa 22: usos múltiplos do reservatório. 156 p. maio 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. In: ___ **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-47.

DIAS, Jailton. **A construção da paisagem na raia divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul: um estudo por teledeteccção**. 2003. 245f. Dissertação (Doutorado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

DOMINGUES, Álvaro. A Paisagem revisitada. **Finisterra**, [S.l], v. 36, n.72, p.55-66, 2001.

FERREIRA, Antonio de Brum. et al. Metodologias de análise e de classificação das paisagens: O exemplo do Projecto Estrela. **Finisterra**, Lisboa, v. 36, n. 72, p.157-178, 2001.

FILHO, Britaldo Silveira Soares. **Análise de Paisagem: Fragmentação e mudanças**. Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG, 1998.

GASPAR, J. et al. Planeamento e Gestão Participada da Paisagem. **CERNAS Departamento Florestal, Coimbra**, n/p, s/d.

MACIEL, Caio Augusto Amarin. A retórica da Paisagem: um instrumento de interpretação geográfica. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.26, p.32-48, jul./dez. 2009.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de Paisagem. **RA'E GA**, Curitiba, n.8, p. 83-91, 2004.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia Socioambiental**. In: *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. MENDONÇA, Francisco. KOZEL, Salette (orgs.). Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: Pequena história crítica. 20. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2ed. 2009.

NASCIMENTO, Flávio Rodrigues do; SAMPAIO, José Levi Furtado; Geografia física, geossistemas e estudos integrados da paisagem. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v. 6/7, n.1, p. 167-179, 2004/2005.

NEVES, Carlos Eduardo das; **Geossistema: a história de uma pesquisa- Trajetórias e tendências no estado de São Paulo**. 2015. 191f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2015.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção ambiental. In: ____ **Paisagens Geográficas: Um tributo a Felisberto Cavalheiro**. Campo Mourão: Editora da FECICLAM, 2009. p.152-162.

OLIVEIRA, Wallace de. **Os impactos socioambientais motivados pela UHE Porto Primavera no município de Anaurilândia – MS**. FCT – UNESP, 2004.

PASSOS, Messias Modesto dos; GTP: Geossistema - Território - Paisagem. Um novo paradigma? In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12, 2009, Montevideu/Uruguai. **Anais...** Caminando en una América Latina en transformación. Montevideu/Uruguai: Easy Planters, 2009. v. 1. p. 246-272.

PASSOS, Messias Modesto dos; O modelo GTP (Geossistema – Território – Paisagem). Como trabalhar? **Revista Equador**, Piauí, v. 5, n. 1, p. 1-179, 2016.

PICCHIA, Paulo Celso Del. Histórico de ordenamento da paisagem. In ____ **Paisagens Geográficas: Um tributo a Felisberto Cavalheiro**. Campo Mourão: Editora da FECICLAM, 2009. p.18-49.

PISSINATI, Mariza Cleonice; ARCHELA, Rosely Sampaio; Geossistema, Território e Paisagem - método de estudo da paisagem Rural sob a ótica bertrandiana. **Geografia**, Londrina-PR, v. 18, n. 1, p. 05-31, jan. – jun. 2009.

QUADROS, Daiane de Almeida; A PERCEPÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA CIDADE DE ITÁ-SC: **ANTES E DEPOIS DA INSTALAÇÃO DA UHE**. Trabalho de Conclusão (Graduação), Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim, 2016.

ROSOLÉM, Nathália Prado; ARCHELA, Rosely Sampaio. Geossistema, Território e Paisagem como método de análise geográfica. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA FÍSICA E SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE GEOGRAFIA FÍSICA, 6, 2, 2010, Coimbra. **Anais...** Atas do VI Seminário Latino Americano e II Seminário Ibero Americano de Geografia Física, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 6. ed. São Paulo: editora da USP, 2004.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. **RA'E GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SILVA, Marcia Corrêa Vieira da; TRIANO, Ana Beatriz Siqueira; Teoria geral dos Sistemas em Geografia: Reflexões sobre a Paisagem. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 11., 2005, São Paulo. **Anais...** USP, 2005. p. 1777-1877.

SOLÓRZANO, Alezandro; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de; BRUNI, Rejan Rodrigues Guedes; **Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem**. Ambiente e Sociedade, Campinas-SP, v.12, n.1, p.49-66, jan./jul. 2009.

SOUZA, Marcelo José Lopes de; In:___ **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-115.

SOUZA, R. J. de. **Empreendimentos hidrelétricos e hibridação sicionatural na Raia Santa Catarina-Rio Grande do Sul**. Erechim: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2016. (Projeto de Pesquisa Submetido ao CNPq, Chamada Universal, inédito)
SOUZA, Reginaldo José de. **Raia Divisória ou Raia Socioambiental? Uma (re)definição baseada na análise da paisagem através do sistema GTP**. 2015. 166f. Tese (Doutorado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 93, jul. 2001.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia física (?) Geografia ambiental (?) ou Geografia e ambiente (?)**. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Editora UFPR, 2004

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Notas sobre Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2005.

VAINER, Carlos; ARAÚJO, Frederico Guilherme de; **Grandes projetos hidrelétricos e desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.

VIANA, Raquel de Mattos. **Grandes barragens, impactos e reparações**: um estudo de caso sobre a barragem de Itá. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003

VICENTE, Luiz Eduardo; FILHO Archimedes Perez; Abordagem sistêmica e Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 28, n. 3, p. 323-344, set./dez. 2003.

VIEIRA, Leandro Pessoa. As análises ambientais na Geografia: o sistema GTP e suas possibilidades. In: ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA/SEMANA DE GEOGRAFOA DA UESB, 8, 2011, Vitória da Conquista. **Anais...** Questões epistemológicas: a prática social da Geografia atual, sua relevância e contribuição para a Bahia contemporânea, 2011.

VITTE, Antônio Carlos. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física. **Revista de Geografia da UFC**, Campinas, n. 11, p.71-78, dez. 2007.

ZIBORDI, Antônio Francisco Guerreiro. **Introdução à teoria da Geografia**. Chapecó: UNOESC, 2001.